

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica  
na constituição do sujeito**

CLÁUDIA APARECIDA CARNEIRO

Brasília, 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica  
na constituição do sujeito

CLÁUDIA APARECIDA CARNEIRO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora:  
Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

Brasília, 2017

Cláudia Aparecida Carneiro

**Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

**Banca examinadora:**

Presidente: \_\_\_\_\_.

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini  
Universidade de Brasília (UnB)  
Presidente

Membro: \_\_\_\_\_.

Profa. Dra. Ana Maria Loffredo  
Universidade de São Paulo (USP)  
Membro externo

Membro: \_\_\_\_\_.

Profa. Dra. Deise Matos do Amparo  
Universidade de Brasília (UnB)  
Membro interno

Suplente: \_\_\_\_\_.

Dr. Mauro Pioli Rehbein  
Ministério da Saúde  
Membro suplente

Brasília, 2017

Aos meus amores Fernando e Isadora,  
por serem vocês, comigo,  
nesta imensa experiência  
que é viver.

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Eliana Lazzarini, pela presença transformadora neste tempo de convívio. Minha profunda gratidão pela orientação dedicada, generosa, pelo tempo precioso que me concedeu, pela enorme disponibilidade nas leituras, discussões e traduções, pela confiança em meu trabalho e o acolhimento amigo.

À minha banca examinadora, Ana Maria Loffredo, Deise Matos do Amparo e Mauro Rehbein, por terem aceito o convite e pela disponibilidade na leitura e na avaliação desta dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas do grupo de orientação, novos amigos, pelas vivas discussões, sugestões e incentivos ao longo deste percurso: Cláudia B. e Carol, parceiras constantes e indispensáveis, minha gratidão por tornarem essa experiência afetiva; Bia e Maura, pela precisão e delicadeza com que partilharam suas ideias; Luciana, Paula, André e Antônio, pelas contribuições enriquecedoras e criativas.

Aos alunos de meu estágio na docência, que no curto tempo de convívio ampliaram minha capacidade de aprender.

Aos meus pacientes, porque tanto me ensinam e me confirmam meu amor e fé na psicanálise.

Aos meus amigos, com quem partilho as alegrias e desacertos da vida, meu agradecimento pelo apoio, pela solidariedade, pelas conversas motivadoras e tolerância com minhas angústias: à Áurea e Valeska, pelos primeiros passos para o mestrado; à Cíntia, por me incentivar, acreditar e se dedicar às traduções comigo; à Beth, pelos ricos diálogos e sugestões; ao Carlos Frausino, pela escuta carinhosa e amiga; ao Carlos Vieira, por tudo o que me ensinou e pelas prosas e poesias; à Fátima Malva, pelas conversas clínicas e o olhar

sempre amoroso. À Márcia e ao Neto, pelos anos de amadurecimento e de encontro comigo mesma.

Aos colegas da psicanálise, por me ajudarem a pensar: a Daniel Delouya, por sua contribuição às minhas primeiras reflexões para esta pesquisa; às companheiras do Grupo de Sexualidade e Gênero e aos colegas SPBsb que me estimularam com seus comentários.

Especialmente a Ignácio Paim Filho, pela generosidade de dividir comigo seu conhecimento e me abrir caminhos, com suas ideias e sugestões, para que eu pudesse melhor desenvolver este trabalho.

À minha família, base amorosa para minha existência. Ao meu pai; à minha mãe, pelo amor irrestrito e por acreditar tanto em mim; às minhas irmãs Carlene e Carmélia, que mesmo à distância cuidam de mim com olhar de mãe; aos meus irmãos, João Batista, Marcelo, Abrantes; cada um a seu modo me dá o conforto de ser amada. À Gláucia, irmã que a vida me presenteou, amiga que tanto me testemunhou. E, depois de tudo isso, ainda somos nós!

Aos amigos que, com bom-humor e paciência, me esperaram concluir esta jornada. Com especial carinho a Bel, Larissa e Taís, as “meninas do coração”.

À Isadora, por me possibilitar a experiência de amor incondicional e por me dar a alegria de acompanhá-la, presencialmente, em seu despertar profissional, e ao mesmo tempo me acompanhar, com lucidez e argúcia, nesta minha laboriosa jornada.

Ao Fernando, por todos os dias e noites à minha espera e ao meu lado, me auxiliando e me encorajando. Minha gratidão e reconhecimento por me amparar e me suportar. Por me subsidiar com suas impressões e sua sabedoria. Pelo incentivo e cumplicidade em todos os meus arrojados. Sobretudo, por ser continente de meus sonhos.

A srta. Albertine foi-se embora! Como, em psicologia, o sofrimento vai mais longe do que a psicologia! Ainda há pouco, ao analisar-me, julgara que essa separação sem nos termos visto outra vez era justamente o que eu desejava, e, comparando a mediocridade dos prazeres que Albertine me proporcionava com a riqueza dos desejos que me impedia de realizar, eu me achara sutil, e concluía que não queria tornar a vê-la, que já não a amava. Mas estas palavras: *A srta. Albertine foi-se embora* acabavam de produzir-me no coração um sofrimento tamanho que eu não podia resistir-lhe por muito tempo. Assim, o que julgara não ser nada para mim era, simplesmente, toda a minha vida.  
Como a gente se conhece mal!

Nosso inconsciente era, pois, mais lúcido do que nós mesmos, naquele momento, ao tornar tão insignificante o rosto da mulher amada, rosto que talvez até houvéssemos esquecido, que podíamos conhecer mal e julgar medíocre, no terrível drama de encontrá-la para não esperá-la mais, de que poderia depender até a nossa própria vida. Proporções minúsculas do rosto feminino, efeito lógico e necessário do modo pelo qual o amor se desenvolve, clara alegoria da natureza subjetiva desse amor.

*Em busca do tempo perdido*

*VI – A fugitiva*

**Marcel Proust**

## **Resumo**

Este trabalho explora a noção de bissexualidade psíquica na constituição do sujeito, com o objetivo de investigar como esse fenômeno se inscreve nas origens da vida psíquica, na relação com os objetos primordiais, e modela o destino da pessoa na dinâmica das identificações, das fantasias e das escolhas objetais. Parte-se da construção freudiana da noção de bissexualidade psíquica, em sua complexidade e ambiguidades teóricas, até os estudos recentes sobre as manifestações primárias da bissexualidade e suas formas de resistência ao reconhecimento da diferença dos sexos. A hipótese é a de que as disposições bissexuais, cada qual a seu tempo, inscrevem-se no psiquismo originário pela ação imprescindível do objeto. Utilizou-se a metodologia qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfico-analítica, tendo como referencial teórico a obra de Freud e contribuições de Winnicott, Bion e Green, além de trabalhos teórico-clínicos de autores contemporâneos. Considerando o trabalho de análise, enfatiza-se a relevância da bissexualidade nos processos transferenciais e contratransferenciais e propõe-se uma articulação desta noção com a de um feminino originário. Por fim, é apresentado um exemplo de escuta analítica da bissexualidade baseada no modelo continente-conteúdo de Bion.

**Palavras-chave:** bissexualidade, constituição psíquica, feminino, masculino, psicanálise.

## **Abstract**

This work explores the notion of psychic bisexuality in the constitution of the subject, with the objective of investigating how this phenomenon is inscribed in the origins of psychic life, in the relationship to the primordial objects, and how it shapes the person's destiny in the dynamics of identifications, fantasies and object choices. We start from the Freudian construction of psychic bisexuality, in its complexity and theoretical ambiguities, until the most recent studies about the primary manifestations of bisexuality and its forms of resistance to sexual difference. The hypothesis is that the bisexual dispositions, each one in its own time, are inscribed in the primal psyche by the essential action of the object. We used qualitative methodology, through bibliographical-analytical research, having as theoretical reference Freud's work and contributions of Winnicott, Bion and Green, as well as theoretical-clinical works of contemporary authors. Considering the analytic work, we emphasize the relevance of bisexuality in the transference and countertransference processes and propose an articulation of it with the notion of the original feminine. Finally, we present an example of psychoanalytic listening of bisexuality based on Bion's content-content model.

**Keywords:** bisexuality, psychic constitution, feminine, masculine, psychoanalysis.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1</b> .....	6
<b>A construção freudiana da bissexualidade psíquica</b> .....	6
1.1. A bissexualidade em Freud: os diálogos com Fliess e o fator decisivo .....	7
1.2. A desconstrução do feminino e do masculino .....	13
1.3. Das primeiras identificações à diferença dos sexos .....	19
1.4. A bissexualidade pós-Freud: nada existe de novo? .....	27
<b>Capítulo 2</b> .....	35
<b>A bissexualidade na constituição psíquica: origens e destinos</b> .....	35
2.1. Os primeiros traços da vida psíquica .....	36
2.2. O outro do objeto .....	44
2.3. Primeiro tempo: a bissexualidade pré-genital .....	50
2.4. Segundo tempo: a mediação bissexual na travessia edípica .....	59
2.5. Terceiro tempo: um destino para a bissexualidade .....	65
<b>Capítulo 3</b> .....	67
<b>Das formas de resistência da bissexualidade ao trabalho de análise</b> .....	67
3.1. Formas de resistência e a negação da diferença .....	67
3.2. O feminino e a rocha da recusa .....	78
3.3. Bissexualidade e recusa do feminino no processo analítico .....	85
3.4. A bissexualidade na escuta do analista: um modelo bioniano .....	92
<b>Considerações finais</b> .....	97
<b>Referências</b> .....	102

## Introdução

A bissexualidade psíquica é noção presente na psicanálise desde a sua pré-história, nas discussões entusiasmadas de Freud e Fliess que levaram o pai da psicanálise a situá-la no cerne da sexualidade humana. Embora retomado pelos sucessores de Freud e geralmente mencionado no debate psicanalítico, o fenômeno da bissexualidade psíquica parece não ter conseguido reproduzir no pensamento clínico contemporâneo – com algumas notáveis exceções – a enorme importância que lhe foi dada por Freud.

Essa constatação, junto às questões levantadas na prática clínica, motivou nosso interesse em investigar a frequência com que o tema é estudado e explorado em profundidade nas produções psicanalíticas. Parece-nos que a quantidade limitada dessas produções na literatura e a relativa dedicação ao tema estão relacionadas com a complexidade do conceito, já evidenciada por Freud. Sua dificuldade de articular a noção de uma disposição bissexual originária com a de pulsão e com a ideia de um feminino originário – ideia na qual Freud avança, mas não lhe dá a sustentabilidade de uma teoria – parece manter as resistências atuais sobre o assunto.

Em artigo que integra uma coletânea sobre bissexualidade publicada em 1997 por *Presses Universitaires de France*, Maurice Haber avalia que, na sequência de Freud, nenhum psicanalista pôde chegar a uma descrição da bissexualidade livre de incertezas e confusões. Daniel Delouya (2003) afirma que o tema da bissexualidade é “inquietante, quando não explosivo; minado pelas conhecidas sensibilidades sociais e ideológicas” (p. 207). Jacques André (2015) opina que “não se pode ao mesmo tempo sustentar com Freud que o inconsciente ignora a negação (da diferença dos sexos) e pretender que ele se organize ao redor de algumas diferenças fundadoras” (p. 1714). Ele faz referência a psicanalistas que se

armam de uma versão normativa da triangulação edípica e parecem reduzir a interferência da bissexualidade sobre essa organização. Talvez as dificuldades dos analistas e questões transferenciais os impeçam de se debruçarem com paixão sobre o tema.

A relevância do estudo da bissexualidade psíquica para a clínica atual, que buscamos acentuar neste trabalho, é evidenciada no debate de psicanalistas franceses. Uma jornada científica organizada por Catherine Chabert (Université Paris Descartes e Association Psychanalytique de France) e a revista *Le Carnet PSY* reuniu em 2015 expoentes da psicanálise para discutirem o tema “Père ou Mère? Entre bisexualité psychique et différence des sexes”. Uma pergunta instiga reflexões: entre o pai e a mãe, é necessário escolher um em detrimento do outro, estar necessariamente ao lado de um ou de outro?

A questão que se coloca à discussão é a suposta crença de que, fora do grande drama edípico, não seja possível reunir pai e mãe no inconsciente, e a noção de suas coexistências se revele intolerável, pela dor do reconhecimento de sua vida comum e de seus desejos (Chabert, 2015). A bissexualidade psíquica, mais do que esta ou aquela escolha na vida amorosa adulta, ressalta a dupla referência ao masculino e ao feminino, ao pai e à mãe, especificamente às funções materna e paterna encarnadas nestas figuras concretas ou seus substitutos. Pensamos, com Chabert, que a bissexualidade, em sua potencialidade, deve ser vista não como uma confusão de sexos, mas como a coexistência de dois no psiquismo – masculino e feminino, em suas configurações singulares ou plurais.

Entendemos, assim, que a noção freudiana de bissexualidade psíquica mantém sua originalidade e uma potencialidade subversiva (David, 1997) realçada por autores que estudam o tema. Nossas leituras dão-nos respaldo para afirmar que sua presença na clínica psicanalítica, embora muitas vezes difícil de se identificar, é indiscutível e se manifesta nos movimentos transferenciais e contratransferenciais da dupla analítica. Sua interferência nos processos de diferenciação para a construção subjetiva e a autonomia da pessoa é objeto de

nosso estudo. Sua tematização é indissociável das reflexões solicitadas pela clínica contemporânea.

Partimos das necessidades impostas pela clínica de se compreender as múltiplas expressões da bissexualidade nos conflitos identificatórios, nas dificuldades de escolha do objeto e, sobretudo, nos entraves ao reconhecimento dos objetos internos, para a nossa questão de pesquisa: primeiramente, como entender a premissa freudiana de que somos bissexuais? A bissexualidade psíquica encerra-se numa questão constitutiva, em suas bases biológicas, ou são os objetos que nos fazem bissexuais, nas relações que se estabelecem desde as origens da vida psíquica?

Diante dessas incertezas e ambiguidades teóricas e da complexidade que o tema traz à prática clínica, o objetivo desta pesquisa foi buscar pressupostos teóricos e clínicos que possam esclarecer como a bissexualidade se inscreve nas origens da vida psíquica, na relação com os objetos primordiais, e modela o destino do sujeito na dinâmica das identificações, de suas fantasias e suas escolhas objetais.

Formulamos a hipótese de que as disposições bissexuais, cada qual a seu tempo, inscrevem-se no psiquismo originário pela ação imprescindível do objeto, e este sujeito, produto das relações com o outro, seguirá seus destinos pulsionais sob a mediação da bissexualidade psíquica. No desenvolvimento da pesquisa, consideramos a ideia de um elemento feminino presente nas origens do psiquismo, que coaduna com nossa hipótese. Com esses pressupostos teóricos, procuramos articular as noções de bissexualidade psíquica e do feminino originário com o trabalho de análise e formamos uma segunda hipótese, de que a elaboração da bissexualidade no processo analítico passa pelo trabalho do feminino.

Para desenvolvermos as questões expostas e buscarmos alcançar nosso objetivo, adotamos a metodologia qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfico-analítica. A abordagem qualitativa permitiu-nos investigar as questões colocadas à pesquisa psicanalítica

em seus processos dinâmicos e complexos, considerando que nosso objeto de estudo, a subjetividade, define nosso esforço de pesquisa como um processo investigativo não conclusivo (Safra, 2001). Tomamos como referencial teórico a obra de Freud e contribuições de Winnicott, Bion e Green, para uma discussão teórico-clínica apoiada nos trabalhos de autores contemporâneos que se dedicam a pensar a bissexualidade psíquica.

Nosso trabalho foi estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais, como se segue:

No primeiro capítulo procuramos dar um panorama da trajetória de Freud na construção de uma teoria da bissexualidade psíquica. Partimos das discussões de Freud e Fliess que teceram a convicção de uma predisposição bissexual universal a qual, progressivamente, fundamentou as teorizações sobre o recalque e as neuroses, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo. Seguimos a trilha de como Freud desenvolveu e desconstruiu os conceitos de masculino e feminino, revendo constantemente seu pensamento, até reconhecer as lacunas da teoria da bissexualidade face a complexidades impostas à metapsicologia. Finalmente, abordamos como o postulado de Freud influenciou seus sucessores a buscarem novas leituras para o enigma da bissexualidade, destacando a contribuição de Winnicott para uma perspectiva teórico-clínica contemporânea.

No segundo capítulo damos ênfase aos estudos contemporâneos sobre a bissexualidade na constituição psíquica e as formas como ela se apresenta no curso do desenvolvimento psicosexual. Iniciamos com um recorte teórico dos modelos de Wilfred Bion e André Green da constituição do psiquismo, a partir da concepção de Freud sobre o aparelho psíquico. Estes modelos subsidiam nossa pesquisa para tratarmos das representações da bissexualidade na organização psicosexual, com a noção do objeto desde os primeiros traços do psiquismo. Abordamos as formas da bissexualidade nos tempos do pré-genital, da travessia edípica e da fase genital. Evidenciamos a proposta de Green da figura

do terceiro, estruturante da cena primitiva como matriz do psiquismo, e a importância da bissexualidade nos movimentos identificatórios e no reconhecimento da diferença dos sexos, base para uma identidade madura.

No terceiro capítulo tratamos das formas de resistência da bissexualidade psíquica que têm como corolário a negação da diferença e a regressão a estados precoces do desenvolvimento psicosexual. Destacamos a contribuição de autores contemporâneos que tematizam as relações conflituosas do sujeito com seus objetos internos e os entraves à elaboração da bissexualidade. Desenvolvemos nossa ideia de como a atitude psíquica de negação da diferença dos sexos está vinculada à recusa do feminino, apontada por Freud como o maior obstáculo ao fim de uma análise. Neste ponto, chegamos à hipótese do feminino como característica fundante do psiquismo e de como a capacidade, em ambos os sexos, de internalizá-lo vai determinar uma bissexualidade mais integrada.

Prosseguimos com o enfoque sobre o processo analítico e a importância que nosso tema reserva à escuta analítica e ao trabalho contratransferencial. A bissexualidade psíquica do analisando apresenta-se no campo transferencial colocando à prova a bissexualidade psíquica do analista, a qual destacamos como ferramenta imprescindível na análise. Abordamos como a recusa do feminino representa um desafio ao processo analítico e propomos que trabalhar a bissexualidade na análise é também trabalhar o feminino. Por fim, utilizamos um recorte de escuta analítica da bissexualidade psíquica, por Patrick Miller (2002), para ilustrar como os movimentos psíquicos da bissexualidade podem ser usados no trabalho analítico, à luz do modelo continente-conteúdo de Bion.

Em nossas considerações finais, apresentamos uma síntese dos temas abordados neste trabalho, resgatando nossa proposta inicial de que são os objetos que nos fazem bissexuais e a ideia de que da elaboração dos conflitos com os objetos internos dependerá a integração da bissexualidade e o acesso à diferença dos sexos.

## Capítulo 1

### A construção freudiana da bissexualidade psíquica

Todas as criações da natureza são iguais.  
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.  
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.  
Ninguém é igual a ninguém.  
Todo ser humano é um estranho  
ímpar.  
Igual-desigual, *A paixão medida*  
Carlos Drummond de Andrade

A noção de bissexualidade psíquica, enquanto disposição universal nos seres humanos e distinta da biologia, é considerada uma construção freudiana e alojou-se no centro da teoria psicanalítica como um fator decisivo na sexualidade humana (Freud, 1887-1904/1986, 1905/1987f, 1930/2010d).

Para entendermos o significado deste conceito no movimento psicanalítico e sua importância nos processos subjetivos, propomos neste capítulo um percurso pelos textos de Freud, partindo das primeiras ideias formuladas nos diálogos com Wilhelm Fliess. Na evolução do pensamento freudiano, evidenciamos como a noção de uma bissexualidade constitucional sedimenta o solo do complexo de Édipo, cujo destino será definido no entrelaçamento das identificações masculinas e femininas, marcas indissociáveis do psiquismo.

Na sequência, abordamos as dificuldades encontradas por Freud para dar um conteúdo satisfatório aos conceitos de masculino e feminino e elaborar uma teoria coerente

da psicosexualidade feminina. Veremos como Freud percorreu um longo caminho para, no final de sua obra, reafirmar o embaraço teórico que o tema imprimiu à doutrina psicanalítica.

Nosso objetivo neste capítulo é compreender como o criador da psicanálise erigiu as bases teóricas da noção de bissexualidade psíquica e influenciou gerações posteriores de psicanalistas no desafio de investigar sua marca na constituição do sujeito e no reconhecimento da diferença. Destacamos neste estudo alguns autores que redesenharam as ideias freudianas com novas leituras para o enigma da bissexualidade, ampliando o panorama teórico da psicanálise contemporânea.

### **1.1. A bissexualidade em Freud: os diálogos com Fliess e o fator decisivo**

A ideia de uma bissexualidade humana constitucional era corrente nas discussões filosóficas e científicas do final do século 19 (Laplanche & Pontalis, 2001; Roudinesco & Plon, 1998). Figura que habita o imaginário humano no mito do surgimento do casal a partir de uma divindade andrógina, tendo sido difundida por diversas religiões (Ceccarelli, 2005), este termo foi adotado pela sexologia dos anos 1890 por herança do darwinismo e da embriologia e designava “a existência, na sexualidade humana e animal, de uma predisposição biológica dotada de dois componentes: um (componente) macho ou masculino e um (componente) fêmea ou feminino” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 71).

A introdução do conceito na psicanálise deve-se à influência de Wilhelm Fliess (1858-1928). O substrato do que viria a tornar-se um dos pilares da teoria da psicosexualidade encontra-se na correspondência trocada entre Freud (1887-1904/1986) e seu amigo e confidente. Podemos acompanhar as teses de Fliess a respeito de uma bissexualidade natural (biológica) e o empréstimo feito por Freud para desenvolver suas próprias ideias sobre a

bissexualidade como uma organização psíquica (Ceccarelli, 2005; Jorge, 2005; Laplanche & Pontalis, 2001).

Fliess defendia o caráter biológico universal da bissexualidade, baseado em sua teoria sobre as relações entre o nariz e os órgãos genitais (Roudinesco & Plon, 1998). De acordo com Roudinesco, haveria para Fliess um vínculo entre as dores da menstruação e as do parto, e estas poderiam ser referidas a “localizações genitais” situadas no nariz. As teses de Fliess evoluíram para a concepção da bissexualidade universal, paralela à bilateralidade característica do organismo humano, segundo a qual os lados direito e esquerdo manifestariam, de certo modo, a organização corporal da diferença entre os sexos.

As ideias inovadoras de Fliess inicialmente impressionaram Freud (1887-1904/1986), mas a ele importava o fator psíquico, ainda que considerasse indispensável uma ligação da bissexualidade com seus aspectos biológicos e anatômicos. Em sua primeira menção ao termo, na célebre Carta 52, de 6 de dezembro de 1896, Freud anuncia a Fliess sua adesão à ideia da “bissexualidade de todos os seres humanos” (p. 213) para formular uma etiologia das neuroses. Especificamente, a bissexualidade explicaria porque “o efeito da experiência sexual prematura é, ora a perversão, ora a neurose” (p. 213), na relação da perversão com excessos de descarga masculina e da neurose com descarga de natureza feminina.

Pode-se ver como a dimensão bissexual do ser humano já se apresenta nas primeiras ideias freudianas que preparam o terreno para o surgimento da psicanálise. Se Freud (1887-1904/1986) deve a Fliess sua atenção para esse conceito essencial, que jamais abandonará ao longo de sua obra, ele demarca, desde então, sua diferença com relação à teoria de Fliess. Das cartas trocadas entre ambos, constatam-se, como propõe Jorge (2005), duas concepções basilares para uma pretensa teoria freudiana da bissexualidade. A primeira diz respeito ao fenômeno como “predisposição universal” (Freud, 1901/1986, p. 468), enquanto fator

psicológico. A segunda concepção tributa à bissexualidade a explicação para o recalçamento e as neuroses – entendimento posteriormente relativizado por Freud.

Progressivamente, a bissexualidade psíquica fundamentou as teorizações sobre o recalque, o desenvolvimento psicosssexual infantil e o complexo edípico. Passou a ocupar um lugar substancial na formação das neuroses, particularmente no estudo da histeria. Até finalmente alojar-se no centro da teoria freudiana como “fator decisivo” (Freud, 1905/1987f, p. 208) da sexualidade humana. Em carta a Fliess de agosto de 1901, Freud (1901/1986) afirma estar convencido de que seu problema nuclear, o recalçamento, “só é possível através da reação entre duas correntes sexuais” (p. 449). No mesmo escrito, anuncia que seu próximo trabalho se chamará *A bissexualidade humana* – o que acabou por não se concretizar.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud adota o conceito de bissexualidade como uma disposição psíquica inconsciente, própria de toda subjetividade humana, uma vez que ela se fundamenta na diferença sexual, o que leva cada pessoa a fazer uma escolha sexual, seja pelo recalque de um dos dois componentes da sexualidade (masculino e feminino); pela aceitação desses dois componentes; ou pela renegação da diferença sexual. É nesta acepção que Freud incorpora, posteriormente, a bissexualidade como o resultado de identificações masculinas e femininas do Eu e que irá intervir no destino do Complexo de Édipo (Jorge, 2005; Mezan, 2006).

Se a teoria da bissexualidade foi o vetor de uma união cada vez mais forte entre Freud e Fliess, promovendo rica correspondência e debates, de 1887 a 1904, foi também o pivô da ruptura da amizade. O tema ficou em pauta até julho de 1904, quando trocaram as últimas cartas em clima ressentido e desgastante discussão em torno da paternidade da ideia.

A noção de bissexualidade há muito não tinha o mesmo significado para os dois. As diferenças conceituais em torno da questão já se acentuavam entre eles, mas Freud (1901/1986) foi acusado por Fliess de apossar-se de sua ideia. O impasse levou o criador da

psicanálise a reafirmar, mais de uma vez, sua contribuição genuína à teoria de bissexualidade, como explicita no trecho da carta de 19 de setembro de 1901:

Não compreendo sua resposta a respeito da bissexualidade. Obviamente, é muito difícil nos entendermos. Decerto não tive nenhuma intenção de fazer coisa alguma senão elaborar minha própria contribuição para a teoria da bissexualidade, aperfeiçoando a tese de que o recalçamento e as neuroses e, portanto, a independência do inconsciente, pressupõem a bissexualidade. (p. 451)

Várias passagens de sua obra evidenciam a ambiguidade com que Freud referiu a participação efetiva de Fliess na introdução desse conceito fundamental para sua teoria da sexualidade (Jorge, 2005). Exemplo disso é uma referência a Fliess feita na primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que Freud afirma ter se aproximado da noção prioritária da bissexualidade através dele. Nas edições seguintes, o autor suprimiu-a do texto e assumiu sua convicção sobre a ideia: “Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher” (p. 208).

Ao apresentar uma extensa referência bibliográfica sobre a bissexualidade, confrontando a insistência de Fliess pela paternidade da ideia, Freud (1905/1987f) busca encerrar a discussão em torno da autoria do conceito. Àquela altura, o inventor da psicanálise radicalizaria sua concepção da importância do fator psicológico em detrimento do biológico, sustentando que de nada adiantaria substituir o problema psicológico pelo anatômico para explicar a bissexualidade. Esta seria, para Freud (1905/1987d), uma saída “inútil e injustificada” (p.135).

Este entendimento deu-lhe o campo necessário para trabalhar o tema nas psiconeuroses. Ainda que, àquela época, Freud reconhecesse a disposição bissexual de sua

paciente Dora como um dos fundamentos orgânicos do sintoma histérico – fez esse registro em carta a Fliess de 30 de janeiro de 1901 e no posfácio do “Caso Dora” (1905[1901]), ele insiste, cada vez mais, na importância da bissexualidade nos processos psíquicos e em compreender a participação deste fenômeno nas psiconeuroses. Desde a análise de Dora, estava convencido de que a bissexualidade ocupava um lugar central nas neuroses, como escreveu a Fliess em 1901.

Os sintomas histéricos de Dora revelaram a Freud (1905/1987d, 1908/2015), ainda que tardiamente, um sofrimento amoroso derivado de um conflito bissexual em relação ao desejo. Já em 1897, durante sua autoanálise, Freud atentara para a importância das fantasias na construção dos sintomas histéricos. A análise posterior do caso Dora levou-o a formular nova relação entre fantasias e sintomas. Ao reconhecer seu erro técnico de não ter “identificado a tempo a moção amorosa homossexual de Dora pela Sra. K.” (Freud, 1905/1987d, p. 114), admitiu ter ficado atrapalhado no tratamento de certos casos. Freud (1908/2015) afirmaria depois, no artigo “As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, que a resolução de certos sintomas requer duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra, masculino.

Vemos que o pai da psicanálise reafirmava ali a natureza bissexual dos sintomas histéricos, que não apenas representam uma conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, como também a união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto. Para ele, mais uma vez se confirmava a disposição bissexual inata do ser humano.

Se inicialmente Freud (1901/1986) acreditou que o recalçamento só é possível através da reação entre duas correntes sexuais, fazendo da bissexualidade a mola propulsora desse mecanismo psíquico, foi também esse o ponto central que levou o psicanalista vienense a discordar da opinião de Fliess. Este atribuía à constituição biológica bissexual o motivo do

recalque: o que força tal defesa seria a luta entre os caracteres sexuais, e o sexo predominante afastaria para o inconsciente a representação mental do sexo oposto.

Jorge (2005) afirma que, para Freud, a teoria de Fliess, tão atrativa em sua simplicidade, pecava por apoiar-se na certeza sobre o sexo do indivíduo, baseada no sexo anatômico. Ou seja, nesta concepção o biológico determinaria os processos mentais relativos à sexualidade. Freud reagiu a essa teoria em vários momentos de sua obra, como especificamos a seguir.

Na análise de “O homem dos lobos”, Freud (1918/2010c) afirma que a relação com a bissexualidade não é exclusiva para explicar o recalque. Ainda que certos casos possam levar a crer que é o conflito entre tendências masculinas e femininas que dá origem ao recalque e à formação de neuroses, é o Eu que põe em ação essa defesa, em benefício de uma das tendências sexuais, incluindo suas tendências morais, explica ele. O que está em jogo, aqui, é a ideia reducionista de que o recalque inconsciente, no homem, se restringe às moções pulsionais femininas e, na mulher, às masculinas. “Pôr a ênfase na bissexualidade como motivo da repressão seria muito estreito; pô-la no conflito entre Eu e tendências sexuais (libido) cobre todas as ocorrências” (p. 146).

A divergência sobre a natureza do recalque teceu outros embates entre Freud e ex-colaboradores, a exemplo de Adolf Adler, que também atribuía o recalque à luta entre os dois sexos. Em “Uma criança é espancada”, Freud enfatiza que as moções pulsionais masculinas e femininas, presentes tanto nas meninas quanto nos meninos, podem ser igualmente reprimidas.

Freud segue defendendo sua concepção de que não é o sexo anatômico que recalca o sexo oposto. Em “Análise terminável e interminável”, reage nominalmente à tese de Fliess, desautorizando a “sexualizar o recalque dessa maneira” (p. 269), ou seja, explicar sua origem em fundamentos biológicos, em vez de estritamente psicológicos.

## 1.2. A desconstrução do feminino e do masculino

Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do  
que fica atrás do pensamento.

*Água viva*

Clarice Lispector

Freud (1901/1986, 1905/1987f, 1908/2015, 1919/1987g) estava convencido da necessidade de recorrer à bissexualidade para compreender as manifestações sexuais em homens e mulheres e suas escolhas de objeto, que explicaria a oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Com essa finalidade, estabeleceu inicialmente uma correlação entre os conceitos de masculino e ativo e de feminino e passivo. Embora tenha ressaltado a ambiguidade desses termos, Freud (1913/1987e) chegou a utilizá-los como sinônimos:

Aquilo de que falamos na vida comum como ‘masculino’ e ‘feminino’ reduz-se, do ponto de vista da psicologia, às qualidades de ‘atividade’ e ‘passividade’ – isto é, a qualidades determinadas não pelos próprios instintos, mas por seus objetivos. A associação regular destes ‘ativos’ e ‘passivos’ na vida mental reflete a bissexualidade dos indivíduos, que está entre os postulados clínicos da psicanálise. (p. 127)

A complexidade desses conceitos está colocada à psicanálise desde os primeiros escritos de Freud. Quando escreve a Fliess, em 1899, que acostumou-se a encarar cada ato sexual como um processo envolvendo quatro pessoas, Freud, em nossa opinião, não apenas se refere às implicações psíquicas de uma relação heterossexual e à bissexualidade. Ele nos expõe, ainda que de forma implícita, ao problema da masculinidade e da feminilidade que vai permanecer em toda a sua obra, à mescla dessas identificações encontradas em cada

pessoa e à posição a partir da qual desejamos e nos colocamos diante do mundo, o que nos remete à questão do masculino e do feminino, para além da ordem biológica.

A ideia apresentada por Freud (1905/1987f) de uma libido única, de natureza masculina, parece ter reforçado suas convicções sobre a relação masculino-ativo *versus* feminino-passivo na dinâmica psíquica. A associação é feita em seção nos *Três ensaios...* que trata da diferenciação entre o homem e a mulher, quando afirma que, se soubesse dar um conteúdo mais preciso aos conceitos de masculino e feminino, “seria possível defender que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher” (p. 207).

Mas a multiplicidade do pensamento freudiano possibilitou ao criador da psicanálise rever sua obra constantemente e buscar novos caminhos para a elucidação de conceitos complexos, como o par masculino-feminino. Lacuna que ele nunca viria a solucionar, mantendo uma ambiguidade sobre o tema e antecipando a desconstrução desses conceitos que ocuparia o debate psicanalítico entre os seus sucessores até a cena contemporânea.

O esforço de Freud se confirma nas ressalvas feitas em extensas notas aos *Três ensaios...* Em 1915, destaca que os conceitos de masculino e feminino, se são inequívocos para o senso comum, na verdade estão entre os mais confusos da ciência. Ressalta que a diferença entre o saber popular e o campo científico estabelece pelo menos três sentidos para as noções de masculino e feminino: o de atividade e passividade, o biológico e o sociológico.

O sentido de atividade e passividade, essencial à psicanálise, se relaciona à descrição que Freud (1905/1987f) faz da libido como masculina, com o caráter ativo da pulsão – ainda que esta possa buscar metas passivas. No sentido biológico, Freud observa que a atividade e suas manifestações, como a agressividade, é relacionada à masculinidade. O terceiro sentido, sociológico, remete à relação de seres masculinos e femininos em sua realidade social.

Na acepção do social, masculinidade e feminilidade são resultado das identificações que estruturam o Eu de acordo com os ideais de gênero atribuídos pela cultura. Desde quando chegamos ao mundo e somos designados menina ou menino, essa atribuição, nas palavras de Jacques André (2015), “ultrapassa muito a simples constatação, implicando uma massa de representações em rosa ou azul que precedem em alguns séculos, ou milênios, a criança que vêm ao mundo” (p. 1715), submetendo-a a um destino social.

A toda essa problemática em torno do masculino e do feminino, soma-se a posição que Freud viria a tomar no decorrer de sua obra, de que masculinidade e feminilidade puras não existem no sentido psicológico, nem no biológico. Em cada pessoa pode-se ver “uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os do sexo oposto e uma conjugação de atividade e passividade” (Freud, 1905/1987f, pp. 207-208).

Assim, masculinidade e feminilidade puras só podem ser vistas como construções teóricas e imprecisas, na medida em que os caracteres masculinos e femininos vão se apresentar de modo singular em cada pessoa, influenciados pela disposição bissexual e pela herança genética cruzada (Freud, 1925/2011a). Entendemos, na forma exposta por Ayouch (2015), que a bissexualidade psíquica permitiria a Freud desconstruir qualquer essencialização do masculino e do feminino.

Sabemos que o pensamento de Freud nunca se caracterizou como unívoco, mas por uma reavaliação de suas teorias à medida que se deparava com dificuldades clínicas. Entretanto, se masculinidade e feminilidade percorreriam toda sua obra como conceitos imprecisos, de difícil delineamento – a ponto de fazer, como afirma Kehl (2008), uma “confissão de ignorância” (p. 14) a respeito da sexualidade feminina –, que fatores teriam influenciado Freud a insistir numa lógica binária para marcar a diferença sexual?

Embora o pai da psicanálise reconhecesse toda a complexidade na definição de masculino e feminino, em sua dimensão psíquica, não se pode desconsiderar o contexto

histórico-cultural no qual emergia seu pensamento, em uma Viena vitoriana de final do século 19. Não é difícil de conjecturar que o revolucionário e sensível Freud, o primeiro analista a escutar e dar voz às mulheres e compreender suas angústias de modo inteiramente novo, estava impregnado pelos valores socioculturais vigentes, os quais vinculavam o feminino a atributos relacionados à passividade e o masculino, por sua vez, à atividade (Holovko, 2008; Kehl, 2008; Vieira, 2009).

Muitas passagens da vida de Freud levam a essa constatação: sua relação amorosa com Marta Bernays, sua inserção nos valores da época e na cultura judaica, ainda que fosse crítico severo desta. Na nova biografia lançada de Freud, Roudinesco (2016) observa como ele traçou para a futura esposa planos que a restringiam à organização do lar e à educação dos filhos, devendo “furtar-se a qualquer projeto de emancipação” (p. 49). A biografia escrita por Peter Gay (1989) evidencia também o perfil ciumento e conservador do jovem Freud que dava grande importância à diferença entre os sexos, “como muitos outros burgueses convencionais de sua época” (p. 52). O mesmo homem que viria a elaborar “as teorias mais subversivas e perturbadoras sobre a natureza e o comportamento humanos” (p. 52).

Kehl (2008) avalia que essas passagens antecipam, ainda que de forma pontual e insatisfatória, o desafio que Freud empreenderá na teorização sobre a feminilidade, a partir de sua escuta do emergente e da coragem para enfrentar o discurso naturalizante da época sobre o que é uma mulher, mas estando sujeito às limitações próprias de um homem do seu tempo. Na opinião da autora, é esta posição paradoxal de Freud que o levará, ao final de suas investigações, à única saída possível para o destino da mulher: reconciliá-la à feminilidade.

A dificuldade em tratar os conceitos de masculino e feminino parece estar também relacionada a um aspecto presente no pensamento freudiano e constante em sua obra: a equiparação das dicotomias fálico-castrado, ativo-passivo, presença-ausência, ao par masculino-feminino. Como ressalta Glocer Fiorini (2015), Freud nunca renunciou totalmente

à ideia de que, no desenrolar do complexo de Édipo e de castração, a posse do pênis pelo menino e seu caráter ativo são equiparados ao masculino, e a vagina como receptora do pênis e seu caráter passivo se equiparam ao feminino.

Tanto que, no trabalho “A organização genital infantil”, Freud faz uma reparação do que considerou uma negligência nos *Três ensaios...*, sobre o desenvolvimento sexual infantil. No novo texto, a primazia do falo ganhou sua importância devida, como principal característica da organização genital infantil. A partir de uma primeira oposição introduzida com a escolha do objeto (sujeito-objeto), Freud (1923/2011e) considera que o desenvolvimento da psicosexualidade ocorre por meio de três pares: ativo-passivo, de organização sadicoanal; fálico-castrado, de organização fálica; e por fim, na puberdade, o par masculino-feminino, que vai sustentar a diferença dos sexos. “O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade” (p. 175).

Na leitura de Schaeffer (2009), o par ativo-passivo designa um par de opostos ou de polaridades; o par fálico-castrado remete a um funcionamento para o tudo ou nada; e somente o par masculino-feminino designa uma verdadeira diferença: a diferença dos sexos. A esses três pares, que vão permanecer operantes ao longo da vida, a autora acrescenta um quarto par, que Freud vai introduzir em seu artigo “Análise terminável e interminável”: a bissexualidade e a recusa do feminino nos dois sexos. Esta nova dupla reporta à negação da diferença dos sexos, sendo que a recusa do feminino terá consequências diferentes nos dois sexos: para a mulher, em relação ao sexo que ela tem; para o homem, ao sexo que ele não tem (Bokanowski, 1997, citando Cournut & Cournut, 1993).

A relação masculino-ativo e feminino-passivo viria a ser rejeitada por autores pós-freudianos e contemporâneos, críticos do modelo binário e falocêntrico da teoria sexual de Freud (Chasseguet-Smirgel, 1988; André, 1996, 2015; Schneider, 2005; Fiorini, 2014, 2015). Antes disso, porém, Freud recuaria de suas afirmações anteriores. Em 1930, ressalta que a

natureza do masculino ou feminino pode ser indicada pela anatomia, mas não pela psicologia, para a qual a oposição entre os sexos “empalidece” diante da oposição entre atividade e passividade. Nesse ponto, admite ter identificado “precipitadamente” a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade (Freud, 1930/2010d, pp. 70-71).

A essa altura de sua obra, Freud (1930/2010d) reconhece como a teoria da bissexualidade permanecia obscura e lamenta a grave lacuna de não ter conseguido incorporá-la à teoria das pulsões. Sendo a pulsão sempre ativa e a libido de natureza masculina, a noção de bissexualidade constitutiva não se articularia com esse corpo pulsional. Se nascemos pura pulsão, como conciliar essa premissa freudiana à de uma bissexualidade originária? Entendemos que esse dilema reforça nossa proposição inicial de que a disposição bissexual do ser humano está intimamente relacionada com seus objetos primordiais.

A partir dos anos 30, os impasses teóricos trazidos pela impossibilidade de definir a feminilidade intensificaram a problemática em torno da associação da dicotomia ativo-passivo ao par masculino-feminino. Freud (1933/2010b) reviu suas formulações, afirmando não ser possível dar nenhum conteúdo novo aos conceitos de masculino e de feminino e qualquer distinção desses termos associados a homem e mulher seria feita por uma concessão à anatomia e à convenção: “A distinção não é psicológica; quando falam em ‘masculino’, normalmente querem dizer ‘ativo’, e quando falam em ‘feminino’, ‘passivo’” (p. 266).

Vieira (2009) e Ayouch (2015) propõem que Freud, desse modo, parece ter percebido as influências dos costumes sociais nas suas teorizações sobre a sexualidade. Para esses autores, o trecho acima citado, da conferência sobre “A feminilidade” (1933), sugere que os sujeitos bissexualmente construídos são uma resposta a uma demanda cultural, numa divisão naturalizada do mundo por meio de uma lógica binária e assimétrica de compreensão da sexualidade humana. O que vem reforçar a premissa de que não é a anatomia, mas a cultura

que se fixa como base de referência às noções de homem-mulher, masculino-feminino, ativo-passivo, heterossexualidade-homossexualidade.

Essa afirmativa nos convoca a novas questões: como se processa a construção desse sujeito inserido na cultura através da narrativa edípica, do modo como Freud propõe os processos de subjetivação e o acesso à diferença sexual? E como a bissexualidade intervém nesses processos, marcando sua importância nos destinos do complexo de Édipo? Mais ainda, nesse atravessamento pelo Édipo, quais os destinos possíveis à própria bissexualidade na psique?

### **1.3. Das primeiras identificações à diferença dos sexos**

Essas indagações remontam à complexa trama das primeiras identificações do indivíduo e sua relação com as escolhas de objeto. Na perspectiva freudiana, o mecanismo psíquico da identificação designa um modo primordial de relacionamento com os outros e está entre os processos constitutivos da psique (Mijolla, 2005). Antecede a escolha do objeto; pode-se dizer que é o primeiro e mais antigo modo de escolha do outro. Freud (1923/2011c) postulou que os primeiros objetos, alvos dos processos identificatórios do eu, são os pais.

Devemos considerar mãe e pai como objetos em suas funções, ou seja, função materna e função paterna (Lacan, 1956-1957/1995, 1958/1999). Dessa maneira, são funções que podem ser exercidas por outros que não sejam a mãe e o pai reais, e desse modo serem internalizadas. Assim também a função pode ocorrer por ausência do objeto, como no caso de morte ou separação de um dos pares do casal parental, ou ainda remeter às diversidades sexuais e de gênero. Estudos psicanalíticos atuais propõem que as funções materna e paterna se apresentam para mais além dos gêneros masculino e feminino e da diferença sexual anatômica (Ayouch, 2015; Glocer Fiorini, 2015).

Nesse tecido das primeiras identificações com os objetos primordiais, surge a problemática edipiana e abre-se o caminho para a diferença sexual. É nesse sentido que Freud, no texto *O eu e o id*, faz alusão aos complexos processos identificatórios e às escolhas objetais relativas a pai e mãe, no primeiro período sexual. E atribui a dificuldade em esmiuçar o modo como se dão tais escolhas à “natureza triangular da situação edípica e à bissexualidade constitucional do indivíduo” (p. 39).

Esses fatores respondem pela complexidade de explicar, por exemplo, o estatuto da heterossexualidade como provável destino do Édipo. Destino que não é traçado sem a interferência da bissexualidade originária, e esta impede que as primeiras identificações e escolhas objetais sejam claramente determinadas. Parece responder, também, pela ambivalência da criança com relação aos pais.

Na descrição do complexo de Édipo em *O eu e o id*, compreende-se a dificuldade mencionada por Freud e como ele recorreu à noção de bissexualidade constitucional para dar um sentido à natureza ambivalente das identificações da criança e às suas escolhas de objeto. Para Mezan (2014), é possível presumir que, desde Dora e seu conflito bissexual que não fora analisado a tempo, Freud se debruçou a investigar a ambivalência em relação aos dois genitores, o que o teria levado a construir a versão completa do complexo de Édipo.

Inicialmente, Freud (1923/2011c) descreveu o Édipo no menino, em sua forma positiva. O seio materno é o protótipo da escolha de objeto e ponto de partida de todo o investimento da criança, que toma a mãe como objeto e se identifica com o pai.

Durante algum tempo, objetos pai e mãe coexistem internamente desse modo, mas a intensificação dos impulsos sexuais da criança pela mãe torna o pai um obstáculo a esses impulsos. É quando se instala o complexo de Édipo e com ele a atitude ambivalente em relação ao pai, de ternura e hostilidade. Diante da ameaça de castração, o desmoronamento do complexo edípico força o abandono do investimento na mãe, o que leva o menino a

identificar-se com ela ou a fortalecer sua identificação com o pai. Para Freud (1923/2011c), esse segundo desfecho permitiria uma consolidação da masculinidade no caráter do menino.

O Édipo na menina se daria da mesma forma, ou seja, sua atitude ambivalente com relação à mãe poderia resultar num fortalecimento, ou estabelecimento, de sua identificação com essa, fixando o caráter feminino da criança. Freud (1923/2011c) ressaltou que, no entanto, essas identificações não ocorrem do modo esperado, pois não introduzem no eu o objeto abandonado, e apontou outro desfecho para o Édipo. Este, segundo o autor, mais observado nas meninas. Tendo que renunciar ao pai como objeto de amor, a menina pode se identificar com ele (o objeto perdido), no lugar da mãe, o que acentuaria sua masculinidade.

Nesse trecho, Freud (1923/2011c) evidencia, mais uma vez, a obscuridade com que lidava com o destino da sexualidade na mulher, ao afirmar que, na menina, a questão é “se suas disposições masculinas são fortes o bastante” (p. 40-41). Portanto, a força relativa das disposições sexuais masculinas e femininas parece direcionar o desfecho do Édipo, para o menino e para a menina, numa identificação com o pai ou com a mãe. Para Freud, é uma das formas pela qual a bissexualidade original interfere no destino do complexo de Édipo.

É assim que Freud (1923/2011c) postula o caráter duplo do complexo – o Édipo positivo clássico e o Édipo negativo –, que seria a outra forma como a bissexualidade original da criança intervém no destino de sua psicosexualidade. Ou seja, a atitude ambivalente do menino para com o pai e a sua escolha objetal terna pela mãe coexistem com uma atitude feminina carinhosa para com o pai e ciúmes e hostilidade com relação à mãe.

Freud (1923/2011c) assinala que a forma completa do Édipo, no caso da menina, ocorre com nuances específicas, mas será a partir de 1931 que ele detalhará suas novas descobertas sobre a sexualidade feminina. Para a menina, a mãe é também o primeiro objeto de amor, com quem manterá um investimento intenso e duradouro. Com isso, a menina, segundo Freud, tem duas tarefas a mais em seu desenvolvimento sexual e terá que fazer um

duplo caminho pelo Édipo. No transcorrer do tempo, terá que trocar de objeto do desejo e de zona erógena, diferentemente do menino para o qual ambos são conservados. Na fase fálica, o clitóris é a principal zona erógena da menina, mas este deve ceder lugar à vagina. Na situação edípica, a menina deve deixar a mãe e o pai torna-se seu objeto amoroso.

Assim, para Freud (1931/2010e, 1933/2010b), o destino do conflito edípico na menina pode tomar o caminho da identificação com a mãe e a busca pelo amor do pai; ou, negando-se a aceitar a castração, pode conservar a identificação com o pai em função da hostilidade em relação à mãe, que não lhe deu um pênis, e da preponderância do fator masculino de sua constituição bissexual. Uma terceira via para a sexualidade feminina seria a inibição da atividade sexual levando à formação de sintomas neuróticos.

Com essa virada imposta à sua teoria da sexualidade infantil, Freud (1931/2010e) acentua que não se pode compreender a mulher se não se considerar essa fase de ligação pré-edípica com a mãe. A mudança profunda admitida por Freud em sua concepção sobre as relações precoces da menina com a mãe caiu-lhe como uma surpresa, o que o fez comparar a fase pré-edípica da garota “à descoberta da civilização minoico-micênica por trás da grega” (p. 374).

Mais tarde, em 1935, o pai da psicanálise faria uma retificação à sua “Autobiografia”, reconhecendo as profundas diferenças entre o desenvolvimento sexual dos homens e das mulheres e admitindo que o paralelismo que manteve entre os dois sexos demonstrou ser infundado, pois fundamentado na análise de homens e a teoria, daí derivada, ajustada para o menino. Podemos entendê-lo como uma nova confissão da insuficiência de sua teoria para abranger todas as vicissitudes da experiência psíquica, que nos caracterizam como seres pulsionais que somos.

O masculino inscrito em uma mulher não é idêntico ao masculino inscrito em um homem. Do mesmo modo, o destino do feminino no homem é essencialmente diferente

daquele na mulher. Christian David (1997) reitera que os esquemas conscientes e inconscientes são sempre diferentes e não invalidam os modelos teóricos e a lógica determinante do inconsciente, mas refletem a complexidade psicosexual humana, para ele, “característica não tanto incognoscível, mas inesgotável de Eros” (p.154).

Com isso, consideramos que o Édipo completo responde com mais clareza, mas não totalmente, às complexidades e ambiguidades dos processos de subjetivação. Como reforçam estudos mais recentes (Almeida, 2015; André, 2015; Ayouch, 2015; Glocer Fiorini, 2015; Haudenschild, 2016), esses processos emergem de modo heterogêneo e singular, nas identificações plurais, e se despregam de uma lógica binária restrita ao dualismo masculino-feminino, para uma sobreposição de identificações. Freud (1923/2011c) referiu-se a uma gradação no complexo de Édipo, a “elos intermediários” (p. 42) que exibem um peso maior ou menor dos componentes masculinos e femininos nas diferentes intensidades das identificações.

Vê-se, portanto, como a bissexualidade originária constitui uma base sobre a qual se processa o Édipo em múltiplas vertentes. No nível edípiano, a bissexualidade atravessa as identificações cruzadas do Édipo. A elaboração das pulsões bissexuais que vão ao encontro dos objetos primordiais e a aceitação da castração tornam-se determinantes para a dissolução do complexo edípico, no amplo movimento de diferenciação que ele promove, e o surgimento de seu herdeiro, o supereu. De outro modo, o impasse diante da ambivalência afetiva e da castração imobiliza o sujeito e o coloca diante de uma escolha impossível, num estágio inacabado de elaboração da bissexualidade originária (Beetschen, 2016; Chabert, 2016; Delouya, 2003).

Nas análises de Dora, do Homem dos Ratos, do caso Schreber e do Homem dos Lobos, a função da bissexualidade pode ser rastreada na negação, desmentida ou rejeição da castração. Segundo Delouya (2003), esses clássicos casos clínicos de Freud nos revelam que,

seja qual for o movimento em relação à castração, todas essas defesas expressam um recuo para a bissexualidade originária. Se a bissexualidade tem ação organizadora ao nível das identificações, especialmente as cruzadas do conflito edípico, por outro lado a fantasia da bissexualidade constitui uma defesa da castração e da elaboração da diferença dos sexos (Delouya, 2003; Haber, 1997; Paim Filho & Fiorentini, 2007; Schaeffer, 2002).

Entendemos que esses movimentos defensivos, dificultando o trabalho de aceitação da diferença dos sexos e de alteridade, estão relacionados a uma ação dominante do narcisismo. Chabert (2016) e Haber (1997) chamam atenção para o polo narcísico da bissexualidade psíquica, prevalente em certas psicopatologias. Haber apresenta um estudo sobre pacientes narcísicos, personalidades muito frágeis que reagem intensamente a separações, mas ao mesmo tempo não podem reconhecer o outro na dimensão relacional e parecem apelar para um reconhecimento de sua singularidade, em sua dimensão narcísica. Para ele, prevalece nesses estados uma bissexualidade psíquica não hierarquizada por uma identidade sexuada.

Um destino esperado da bissexualidade seria, então, no atravessamento do Édipo, sua elaboração e integração no psiquismo, o que “acompanharia a instalação serena numa identidade de gênero”<sup>1</sup> (Guignard, 2009, p. 27), na qual masculinidade e feminilidade se entrelaçam progressivamente. Ou seja, os desejos bissexuais confluiriam para uma integração, num efeito organizador do desenvolvimento e do enriquecimento psíquico.

---

<sup>1</sup> Utilizamos a designação de R. Stoller (1993, p. 21), que indica uma mescla de masculinidade e feminilidade no indivíduo, significando que tanto uma quanto outra são encontradas em todas as pessoas, em formas e graus diferentes. Nessa acepção, identidade de gênero abraça a noção de bissexualidade psíquica, termo que o próprio Stoller nunca utilizou, conforme assinala Haber (1997).

Se o trabalho psíquico levar a uma integração mais harmoniosa dos afetos decorrentes da experiência edípica, tanto mais facilmente a bissexualidade psíquica do sujeito adulto poderá dialogar satisfatoriamente com as diferentes instâncias do funcionamento psíquico, com uma liberdade na expressão de suas qualidades de masculinidade e de feminilidade. Como observa Bokanowski (1997), em sua expressão genital o trabalho psíquico usa naturalmente dos recursos da bissexualidade com a finalidade de defesa e de satisfação; esses dois movimentos podem se alternar e se sustentar reciprocamente, em favor de um psiquismo mais maleável e autônomo.

Essas proposições se aproximam da ideia de uma convivência pacífica do sujeito com a *diferença*, como propõe Glocer Fiorini (2014, 2015). A contribuição dessa autora parte de uma desconstrução do conceito de diferença sexual para abordar diversas perspectivas sobre a diferença e propor distintos níveis de significação: diferença anatômica, de gênero, psicosexual, imaginária e simbólica, diferença como reconhecimento do outro. Nesse contexto, a diferença sexual – destino do Édipo freudiano – responde a um dualismo fortemente impregnado na cultura e no psiquismo.

No percurso feito até aqui, constatamos como o texto freudiano aponta progressivamente para uma mistura e sobreposição das noções de masculino e feminino, amparado nos conceitos da bissexualidade e do Édipo completo. Esse fato possibilita-nos pensar em um descentramento da diferença binária de sexos (conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores da cultura) e da heterossexualidade como saída ideal, tendo em vista as múltiplas correntes psíquicas em jogo. No entanto, Freud (1937/1987a) faz nova virada ao final de sua obra, sugerindo devolver ao campo biológico a marca última e inelutável no estabelecimento da diferença dos sexos.

No artigo “Análise terminável e interminável”, Freud faz uma relação entre as disposições masculinas e femininas em homens e mulheres e as resistências apresentadas por

ambos os sexos no processo terapêutico que impedem a ocorrência de qualquer mudança. Refere-se à atitude de “repúdio da feminilidade” (p. 268), como uma característica marcante da vida psíquica dos seres humanos e um desafio ao analista. Declara que a fonte mais poderosa de resistência à análise é, na mulher, a inveja do pênis e seu esforço para possuir um órgão genital masculino, e no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem.

Freud (1937/1987a) mostra-se pessimista com relação aos esforços terapêuticos no trabalho de superação dessas resistências. As defesas do Eu não seriam suficientes para justificar o insucesso da análise. O desejo da mulher de possuir um pênis e o protesto masculino contra a atitude passiva para com outros homens, acredita Freud, adentram todas as camadas do psicológico até “alcançarem o fundo” (p. 270). Àquele momento de sua obra, o criador da psicanálise parecia convencido da ação subjacente do biológico no campo psíquico, o que o levou a afirmar: “O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (p. 270).

Entendemos que Freud, àquela altura, parece não ter privilegiado a noção de bissexualidade relacionada às relações de objeto e às identificações e posições do Édipo, ainda que tenha insistido no fato de que o repúdio à feminilidade é uma atitude para com o complexo de castração. Ao sinalizar a influência subjacente do biológico na atitude de repúdio da feminilidade, Freud pareceu reaproximar-se da visão biologizante de Fliess (Lins, 1999), apesar de desaprovar a insistência do ex-amigo em explicar o recalque em termos biológicos, em vez de puramente psicológicos.

A partir dessas ideias, defendemos que não se trata de renunciar à bissexualidade (no sentido psíquico) ou ao feminino – à maneira como Fliess entendeu a renúncia a um dos elementos, masculino ou feminino, como a causa e a força do recalque. Em nossa investigação nós caminhamos rumo à integração da bissexualidade na psique, no

engajamento da resolução do conflito edípico, com seus elos intermediários e todas as suas variantes possíveis.

#### **1.4. A bissexualidade pós-Freud: nada existe de novo?**

Após ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo.

*O brincar e a realidade*

D. W. Winnicott

Freud deu os fundamentos teóricos da bissexualidade e recorreu a ela para compreender o latente que constitui os seres sexuais, suas condutas e suas escolhas. Entendeu que este fenômeno estava na base dos complexos processos do desenvolvimento da psicosexualidade, incluindo aí o jogo de afetos, fantasias e conflitos decorrentes destes. Mas não pôde dar uma resolução para a teoria da bissexualidade, como admitiu em 1930, ao reconhecer a obscuridade desta noção e os embaraços à psicanálise por não conseguir integrá-la com a questão da feminilidade e com a teoria pulsional.

Entretanto, como aponta Haber (1997), as contradições do pensamento de Freud e as lacunas metapsicológicas deixadas pela bissexualidade psíquica não o impediram de recorrer a esta ideia ao longo de sua obra e de creditar sua importância à teoria psicanalítica. Nas contradições e nos parâmetros colocados por Freud, seus sucessores buscaram redesenhar o percurso traçado por ele, na busca de novas leituras para o enigma da bissexualidade. Percurso somente possível ao psicanalista na experiência do trabalho analítico e no conhecimento de sua própria bissexualidade psíquica, que será convocada no diálogo analítico. Referimo-nos à subjetividade do analista que é colocada em jogo na contratransferência, a qual exigirá dele um trabalho psíquico (Urribarri, 2012b).

Na avaliação de Haber (1997), nenhum psicanalista, depois de Freud, pôde chegar a uma descrição da bissexualidade livre de confusões e ambiguidades. “Como se cada um que se aproximasse desta noção revivesse as incertezas, as contradições solicitadas pela dimensão bissexual nele e no outro, a dialética viva do masculino e do feminino, os problemas identitários e paradoxos do narcisismo” (p. 52).

As incertezas teóricas em nenhum momento reduziram a força do postulado de Freud. Como bem declarou Winnicott (1971/1975b) em 1966, ao apresentar sua teorização sobre a clivagem dos elementos masculino e feminino do indivíduo, a partir da noção freudiana da bissexualidade: “Nada existe de novo, dentro ou fora da psicanálise, na ideia de que homens e mulheres possuam uma ‘predisposição no sentido da bissexualidade’” (p. 103).

Esta premissa estabeleceu-se no movimento psicanalítico, em conjunto com outra que viria posteriormente, na expressão do trabalho referencial de Christian David (1992), *La bisexualité psychique*, a respeito da bissexualidade psíquica no processo analítico, tema que será abordado no terceiro capítulo. Não foi por menos que as interrogações deixadas por Freud deram margem a uma releitura do problema da bissexualidade. As novas gerações de psicanalistas desenvolvem esta noção no campo da clínica, numa articulação dialética, considerando os aspectos positivos no caminho de uma integração no psiquismo, e os aspectos defensivos, no recuo a fantasias primitivas e totalizantes de poder ser tudo e ter tudo.

Se a premissa freudiana é que no âmago da sexualidade humana impõe-se uma falta de objeto, seus sucessores buscaram destacar a importância do objeto e do outro (terceiro), que o modelo freudiano, centrado no aparelho psíquico individual, havia negligenciado (Urribarri, 2012b). Para Jorge (2005), as dificuldades de Freud em definir claramente a bissexualidade e articular essa noção com a teoria pulsional deve-se ao fato de ele não ter isolado o objeto do desejo enquanto objeto radicalmente perdido, noção que Lacan (1964/1985) resgatou e nomeou como objeto *a*, “presença de um vazio” (p. 170).

Na opinião de Jorge (2005), este conceito fundamenta a resolução teórica para substituir a noção de bissexualidade corrente na maior parte do século 20 e dá o alcance da ideia freudiana, não de uma bissexualidade constitucional e orgânica, mas da “falta estrutural de inscrição do objeto do desejo no inconsciente” (p. 35).

Nos autores que buscaram um diálogo entre a teoria da pulsão e a do objeto, com destaque à obra de Winnicott, Bion e Green, encontramos o referencial teórico para a continuação deste trabalho. Nosso intuito é abordar o pensamento clínico contemporâneo em sua dimensão de maior liberdade e intercâmbio entre ideias diferentes, evitando assim, na forma expressa por Urribarri (2012b), “os impasses do reducionismo lacaniano e pós-freudiano” (p. 55) centrado nas relações de objeto.

Em Winnicott (1971/1975b) encontramos um fio que conduz aos estágios precoces da bissexualidade psíquica, como uma alternativa de entendê-la na perspectiva atual da influência do objeto desde os primeiros movimentos pulsionais do sujeito. Winnicott alojou suas ideias sobre a bissexualidade em uma teoria da constituição do ser humano, levando em conta a teoria dos instintos (entendidos como impulsos biológicos) e do relacionamento objetal e identificações iniciais (Lins, 1999; Loparic, 2005).

É conveniente introduzir a noção de falta para Winnicott (1958/2000), entendida como um espaço que deve permanecer em estado potencial. Nesse espaço surgirão os objetos transicionais e o fantasiar. O conceito de objeto transicional foi desenvolvido a partir da observação de crianças, a qual Winnicott (1951/1975a) utilizou para descrever a passagem da “mão na boca” para a “mão no genital” (p. 16), e diferenciar-se dos limites da noção freudiana das zonas oral, anal e fálica. Ele via diferença nas brincadeiras de meninos e meninas, mas ressaltou que “não há diferença digna de nota (...) em seu uso de possessão original ‘não-eu’, que estou chamando de objeto transicional” (pp. 17-18).

Na concepção do espaço transicional, área intermediária que une mãe e filho e possibilita o encontro e a separação, Winnicott (1951/1975a) entrelaçou suas ideias sobre a relação com o objeto não-eu, oferecendo uma nova solução para o enigma da bissexualidade. Partiu da noção freudiana de bissexualidade constitucional para tentar superar as dificuldades clínicas que identificava no processo analítico. Propôs em 1966 uma teorização sobre os elementos masculinos e femininos no homem e na mulher, sua dissociação e a importância da integração entre eles.

Seu trabalho, publicado em 1971 no livro *O brincar & a realidade*, desenvolve a questão do lado feminino e do lado masculino da natureza humana. Existe, em meninos e meninas, tanto o feminino, quanto o masculino, considerados do ponto de vista do gênero – o que, na avaliação de Loparic (2005), leva à necessidade de uma teoria sobre como esses elementos existem e se desenvolvem nos indivíduos. Para esse autor, trata-se de uma questão nova para Winnicott, uma vez que ele considerava a teoria de Freud do desenvolvimento do id e das pulsões mais adequada para descrever o elemento masculino do que o feminino.

Winnicott (1971/1975b) afirma que foi despertado para o fenômeno da bissexualidade nas análises de pacientes, as quais evidenciavam uma recorrente dissociação entre o que chamou de elementos masculino e feminino da personalidade, resultando em que um ou outro elemento poderia ser expelido, independentemente do sexo do indivíduo. Ou seja, o elemento ex-cindido não necessariamente era oposto ao sexo biológico – como Freud voltou a sugerir em 1937, quando apontou a luta do homem contra atitude passiva ou feminina.

O que Winnicott (1971/1975b) observava não era um conflito entre instâncias psíquicas, mas um mecanismo de defesa mais primitivo. Lins (1999) assinala que a dissociação referida por aquele psicanalista tem a ver com a maneira como a mãe, identificada a seu bebê, segura-o e o manuseia durante os cuidados corporais. Winnicott estava disposto

a investigar essas relações arcaicas entre mãe e bebê, diferentemente da relação edípica, que não explicava todas as patologias.

É interessante notar como Winnicott (1971/1975b) deslocou a noção de bissexualidade daquela formulada por Freud, que destacou a oposição entre masculino-fálico-ativo e feminino-castrado-passivo. Para Winnicott, ativo e passivo não eram termos corretos e por isso recorreu à terminologia “elementos masculinos e femininos” (p. 109). Segundo Lins (1999), o psicanalista britânico diferenciou as relações resultantes dos impulsos sexuais daquelas que ocorrem a partir da primeira identificação com o objeto, como acompanhamos a seguir.

Para Winnicott (1971/1975b), um menino pode ter um elemento feminino inato mais forte que uma menina, e esta pode ter um elemento feminino mais fraco. Sua concepção relaciona o masculino ao instinto, ao fazer. Lembramos que, em Freud, a libido é de essência masculina, a qual pode ter metas passivas. Winnicott entende que, no elemento masculino, ativo e passivo são partes de um mesmo processo. O feminino, por sua vez, relaciona-se ao seio, ao sentimento, ao ser, “no sentido de o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito” (p. 113).

Desse modo, para Winnicott (1971/1975b), o elemento masculino puro está ligado ao erotismo e à satisfação das moções pulsionais, o que pressupõe separação e um processo mais complexo de elaboração. O elemento feminino puro, por sua vez, remete a uma identidade com o objeto indiferenciado do sujeito e constitui a base de todas as experiências de identificação posteriores. Como propõe o autor, enquanto o elemento masculino faz, ou deixa que ajam sobre ele, o elemento feminino é. Se a primeira experiência fundadora, advinda com a qualidade de amor da mãe, progride adequadamente, a criança poderá desenvolver um interior, um continente.

Neste ponto, Winnicott (1971/1975b) faz uma crítica à psicanálise tradicional, que centra a teoria da sexualidade em um aspecto da natureza humana, o elemento masculino puro, e afirma que os psicanalistas “talvez tenham concedido atenção especial a esse elemento masculino ou aspecto impulsivo da relação de objeto, e negligenciado, contudo, a identidade sujeito-objeto para a qual chamo a atenção aqui, identidade que se encontra na base da capacidade de ser” (p. 115). Assim, deixaram de ver que “o elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) *é*” (p. 115).

Loparic (2005) chama atenção para um ponto essencial da crítica winnicottiana: ao apontar a parcialidade da teoria da sexualidade em favor do elemento masculino puro, o psicanalista britânico atenta para o fato de, “em Freud, a mulher ser definida pelo negativo, como macho castrado” (p. 348). Nesse aspecto Winnicott (1971/1975b) reporta à “inveja profundamente localizada que uma pessoa do sexo masculino sente das mulheres, cujo elemento feminino os homens tomam como evidente, às vezes erroneamente” (p. 115).

Essa relação negligenciada, do elemento feminino puro, Winnicott (1971/1975b) afirma não ser ainda experiência de satisfação ou frustração, porém a mais fundamental, a experiência de ser. Bebê e objeto são um. A mãe, como personalidade total, possui os elementos masculino e feminino. Sendo o seio que faz (masculino, em sua face ativa ou passiva), estabelece relações pulsionais com seu bebê. Sendo o seio que é (feminino), identifica-se com ele.

É nesse jogo de identificações que o bebê estabelece uma dependência absoluta e, posteriormente, perde a ilusão de onipotência. O objeto mãe passa a ser percebido como separado, tendo o bebê a experiência de satisfação ou frustração, como também a experiência de ser ou de não ser, quando poderá obter, ou não, o sentimento de si mesmo.

A relação primitiva com a mãe é a condição para se edificar o self e se estabelecer uma identidade. Premissa que, na avaliação de Haber (1997), leva Winnicott a designar a

bissexualidade como uma bissexualidade alcançada, a expressão do eu (self) total: a experiência de ser tem continuidade na experiência de fazer criativo e cria a possibilidade de integração entre os elementos feminino e masculino da personalidade. No entanto, o masculino já estaria presente no indivíduo, através da bissexualidade psíquica da mãe.

O conceito de *rêverie*<sup>2</sup> de Wilfred Bion (1962/1991, 1967/1994) nos permite avançar. Para esse autor, a mãe que dispõe de *rêverie* oferece ao bebê sua capacidade de conter os sentimentos e angústias, nomeando-os e transformando-os. Isto possibilita à criança, num segundo momento, desenvolver sua própria continência psíquica. Bion supõe que a mãe com *rêverie*, capaz de adaptar-se às necessidades da criança, tenha uma razoável elaboração de sua própria bissexualidade psíquica. Processo que depende da internalização do casal parental no psiquismo da mãe e de sua relação com cada um dos pais, favorecendo à mãe acolher seu bebê em sua singularidade.

Entendemos que, nessas condições específicas e favoráveis, a criança tem um solo favorável para internalizar uma dupla parental amorosa e criativa e elaborar sua bissexualidade psíquica, que dependerá ainda de seus movimentos identificatórios e suas inter-relações com os objetos da travessia edípica. A bissexualidade integrada da mãe, portanto, é fator indispensável, que provê a base de uma identidade madura.

Autores contemporâneos, entre eles André Green, utilizaram o modelo winnicottiano dos estágios primitivos do desenvolvimento para ampliar o suporte teórico em torno da dinâmica das identificações iniciais, que implicam a elaboração da bissexualidade e suas formas de resistência que comprometem o desenvolvimento. As novas ideias realçaram,

---

<sup>2</sup> Trata-se da capacidade da mãe de desenvolver um órgão receptor que permita metabolizar dados sensoriais do bebê e transformá-los em *elementos alfa*, necessários para se desenvolver um aparelho para pensar (Bion, 1967/1994). A noção de *rêverie* está relacionada à teoria bioniana do continente-contido.

particularmente, a figura do terceiro, o outro do objeto. Segundo Green (1997), a noção de um terceiro objeto fora intuída por Winnicott na definição do objeto transicional como posse não-eu, este distinto do objeto primário.

Defendemos o ponto de vista de que é na relação primária com a mãe, dotada de certa capacidade de amar e investir seu filho, mas carregando em si a marca do outro objeto, de um terceiro, que se constitui a bissexualidade psíquica do bebê (Haber, 1997; Haudenschild, 2015, 2016).

Sem a pretensão de abranger as várias contribuições de psicanalistas que, em maior ou menor grau, trataram do tema da bissexualidade, o referencial teórico exposto neste capítulo nos permite avançar em nossa pesquisa, na dissecação das formas da bissexualidade psíquica e de seus destinos entendidos como normais e patológicos, que terão um efeito determinante na construção do sujeito. Os estudos contemporâneos realizados a partir da clínica psicanalítica nos servirão de guia, nos próximos capítulos.

## Capítulo 2

### A bissexualidade na constituição psíquica: origens e destinos

Não sou eu, sou o Outro  
que em mim procurava seu destino.  
Em outro alguém estou nascendo.  
A minha festa,  
o meu nascer poreja a cada instante  
em cada gesto meu que se reduz  
a ser retrato,  
espelho,  
semelhança  
de gesto alheio aberto em rosa.  
Nascer de novo, *A paixão medida*  
Carlos Drummond de Andrade

A partir do trabalho da bissexualidade na construção do espaço psíquico e no processo de internalização dos objetos primordiais, pai e mãe (em suas funções) ganham espaço para coexistirem no inconsciente do sujeito. A ideia de uma bissexualidade integrada no psiquismo possibilita deslocar a discussão acerca de suas origens para seus destinos, o que busca responder à pergunta: a bissexualidade encerra-se numa questão constitutiva ou é produto de dois, que formam um terceiro, e que pode se apresentar desde as origens da vida psíquica?

O objetivo deste capítulo é apresentar as formas da bissexualidade psíquica, propostas por estudos contemporâneos, e seus destinos na constituição e na vida psíquica do sujeito. Iniciamos com um recorte teórico da formação dos primeiros traços do psiquismo, utilizando os modelos de Wilfred Bion e André Green. Eles nos ajudarão a refletir sobre algumas

condições específicas em que se instaura o aparelho psíquico e as suas ligações com as formas de organização da sexualidade, tendo como eixo as representações da bissexualidade.

Abordamos em seguida as formas primárias da bissexualidade. No decorrer do capítulo, este fenômeno é apresentado nos tempos psíquicos do pré-genital, da travessia edípica e do adulto. Tratamos de como a presença do pai, em negativo, está dada desde a origem e possibilita a inscrição de uma cena primitiva inaugural, abrindo caminho para a organização da bissexualidade em seus vários níveis no desenvolvimento psicosssexual.

## **2.1. Os primeiros traços da vida psíquica**

A bissexualidade psíquica participa da organização da vida psíquica desde os primeiros tempos e se inscreve nos vários momentos do desenvolvimento da personalidade. Em diferentes modelos das origens do funcionamento mental vamos encontrar as polaridades do masculino e do feminino e a noção de uma cena primária, num momento de organização da vida sexual psíquica em que as representações da diferença de sexos não têm sentido (Bion, 1962/1991; Green, 1980/1988c; Miller, 2002).

A fim de compreendermos o modo como a bissexualidade psíquica se apresenta em suas formas primárias, com base nos estudos de Bokanowski (1997), Chabert (2016), Haber (1997), Miller (2002) e Schaeffer (2002), e pensarmos seus efeitos na construção do espaço mental e na constituição do sujeito, enfatizamos dois modelos que buscam elucidar os primeiros rudimentos da vida psíquica, formulados por W. Bion e A. Green, examinando a forma como conceberam o momento inaugural de fundação do aparelho psíquico, a partir de suas observações clínicas. O que nos importa especialmente nas formulações desses autores, como contribuição ao presente estudo, é o modo como compreenderam a ocorrência do objeto (mãe e pai) e suas relações com o psiquismo em construção da criança.

Os modelos psicanalíticos assentam-se nas bases fornecidas por Freud, desenvolvidas em momentos sucessivos de sua obra, a respeito da construção do aparelho psíquico e de seu funcionamento. Como solo para trabalharmos com as propostas teóricas dos autores destacados, tomamos algumas perspectivas pensadas por Freud. Sob o ponto de vista econômico, Freud (1905/1987f, 1915/1996, 1923/2011c) sempre considerou a existência de um aparelho, entre o polo somático e a atividade consciente, percorrido por forças específicas (as pulsões). Este aparelho transforma quantidades somáticas de energia em qualidades psíquicas (representações e pensamentos).

Ou seja, Freud nunca abandonou a abordagem econômica da fundação do psiquismo sob a ação de pulsões, que impõem à mente uma exigência de trabalho. Como consequência desse trabalho, os processos de pensamento seriam “deslocamentos de energia psíquica a caminho da ação” (Freud, 1923/2011c, p. 23).

Em sua última descrição do aparelho psíquico, no *Esboço de psicanálise*, Freud descreve o id como “a mais antiga área de ação psíquica”, que contém “tudo o que é herdado (...) acima de tudo os instintos, que se originam da organização somática e que no id encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas” (p. 158). Prossegue sua descrição, a respeito do surgimento do eu, uma porção do id que, sob a influência do exterior, sofreu um desenvolvimento especial, passando a atuar como intermediária entre o id e o mundo externo.

Do ponto de vista dinâmico, ou pelo modo como as forças em ação no psiquismo entram em conflito e se articulam entre si, Roussillon (2005) observa que Freud chegou a postular processos de defesas que não só atuam contra o conflito, mas se organizam contra o próprio surgimento deste. Roussillon assinala que, além do recalçamento, Freud, e depois dele muitos de seus sucessores, descreveram formas de projeção, negação, desmentido, clivagem e foraclusão que atacam as próprias possibilidades de conflito psíquico, tentando

evacuar da psique componentes do conflito. No entanto, a psique conservaria traços do que tentou evacuar de si mesma, e “o que é evacuado tende a retornar, sob uma forma ou outra, e frequentemente em negativo” (p. 503).

Em *Os instintos e suas vicissitudes*, a noção de objeto em Freud é colocada em relação à pulsão, mas esta ligação não existe desde o princípio, ela deve ser construída. O objeto freudiano mantém seu caráter intrapsíquico; é tudo o que pode ser investido; inicialmente, é a criança que se incumbe de satisfazer suas necessidades corporais (no autoerotismo). No texto *O eu e o id*, Freud, ao se referir à “primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal” (p. 38), em nota de rodapé a este trecho acrescenta ser mais prudente tratar “os pais” como objetos primordiais, não como resultado de um investimento objetual, mas uma “identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetual” da criança (p. 39).

Note-se que Freud (1923/2011c) fala de uma mente em estado primitivo em relação com o objeto da pulsão (intrapsíquico). Mas, como não existe bebê sem mãe, no *Esboço* Freud vai reforçar a ideia do seio como primeiro objeto erótico da criança, o qual ela não distinguiria de seu próprio corpo e carregaria consigo, “como um ‘objeto’, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais” (p. 202). Sabemos que depois esse primeiro objeto é completado na pessoa da mãe, conferindo a esta “a importância única (...) de primeiro e mais forte objeto amoroso, protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos” (p. 202).

Freud (1911/1987c) utiliza um modelo segundo o qual ocorreria, nas origens da vida psíquica, uma realização alucinatória do desejo: um movimento do psiquismo nascente do bebê, que busca retomar o caminho da experiência de satisfação de um momento inaugural – “desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe” (p. 238) – quando se depara com a ausência de satisfação, ou a falta do seio.

Para Freud (1911/1987c), o bebê provavelmente alucina a realização de suas necessidades internas. Ou seja, o bebê recria o seio e alimenta-se de sua própria ilusão, mas como sua ilusão não torna presente o objeto faltoso (o que só ocorreria se a pulsão alcançasse, de fato, sua meta, se a fome fosse saciada), Freud adverte que o bebê “*quase realiza um sistema psíquico deste tipo*” (p. 238), isto é, isolado dos estímulos externos e autossuficiente. Instala-se aí o objeto da falta freudiano.

Assim, em Freud, é a ausência do objeto que ocasiona o aparecimento do desejo, com a tentativa do psiquismo infantil, desde então, de reencontrá-lo. Todo ser humano, que um dia teve que renunciar ao gozo com a mãe, buscará sempre esse desejo, jamais possível de ser satisfeito. A pulsão nunca deixa de insistir em buscar a satisfação completa, mas nenhum objeto da pulsão pode satisfazê-la plenamente. O objeto como falta, objeto ausente, é um aspecto determinante da sexualidade humana.

Pensamos ser importante essa breve referência ao pensamento de Freud sobre a ocorrência do objeto nos primeiros tempos da vida psíquica, pois os autores estudados utilizam os pressupostos freudianos para desenvolver suas próprias ideias em torno do impacto do objeto real sobre o sujeito. Ainda que distintas, essas ideias dialogam entre si no que diz respeito à presença/ausência do objeto nas origens do psiquismo, considerando a dupla condição do objeto – interno e externo, objeto da fantasia e objeto real.

Roussillon (2011) assinala que, na psicanálise contemporânea, é consensual o fato de que o sujeito humano só pode se constituir por meio da mediação de um outro-sujeito. Aí se inclui a função fundamental do psiquismo da mãe e do pai nas primeiras representações da criança. Bion (1962/1991) pressupõe uma capacidade de devaneio da mãe (*rêverie*), um estado mental aberto que dá um sentido à atividade do bebê (não introduz esse sentido no seu psiquismo, mas o modula) e pode receber, decodificar e significar as angústias dele e somente depois devolvê-las, metabolizadas.

Bion (1962/1991, 1963/2004) parte da ideia de uma preconcepção inata do seio, um estado de expectativa por parte do bebê, para então ampliar essa ideia como o núcleo de seu modelo psicanalítico do funcionamento mental. Assim Bion define a preconcepção:

Corresponde a um estado de expectativa. É um estado de mente adaptado para receber uma gama restrita de fenômenos. Uma ocorrência precoce poderia ser a expectativa que um bebê tem do seio. A correspondência da preconcepção com uma realização origina a concepção. (Bion, 1963/2004, p. 38)

É bem ilustrativa a maneira como Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) traduzem o pensamento bioniano: a preconcepção corresponde a uma vaga expectativa de que exista, no futuro, um objeto onipotente e psiquicamente receptivo capaz de preencher as necessidades humanas. É a ideia de tempo futuro do inconsciente que faz Bion conceber um inconsciente muito além do freudiano. Os autores resumem, desse modo, o psiquismo original que preconcebe os objetos primários mãe e pai como garantidores de sua sobrevivência:

O objeto primário da preconcepção seria a princípio o *seio*; todavia, o seio, enquanto uma *função geradora do psiquismo*, não é apenas o objeto fornecido pela mãe, pois por detrás do seio temos *os pais sexualmente unidos* garantindo a existência do seio, por detrás dos pais temos a sociedade que garante esta união e, finalmente, uma *mente criativa* por detrás da sociedade buscando soluções para que estes vínculos continuem a preservar a vida da espécie. (Chuster et al., 2014, p. 66)

Vê-se que, desde as origens da vida psíquica, Bion (1962/1991) supõe uma relação de objeto: segundo ele, o bebê busca em primeiro lugar a mente da mãe, para que ela possa conduzi-lo ao seio. Este propicia ao bebê alimento físico e psíquico. Bion diz que o que acontecerá, a partir daí, “vai depender da natureza dos atributos psíquicos maternos e o impacto deles sobre os do bebê, pois a ação de um sobre o outro é uma experiência emocional” (p. 60), do ponto de vista do desenvolvimento do par e de cada um que o compõe.

O termo *rêverie* se aplica aqui. Este movimento psíquico primitivo, que ocorre por meio de identificações projetivas (Klein, 1946/1991) do bebê em relação à mãe, servirá a Bion para designar um movimento ativo na base da origem do psiquismo.

Bion (1962/1991, 1963/2004, 1970/2006) entendia que o mecanismo de identificação projetiva não se tratava apenas de uma fantasia onipotente da criança, mas também seu primeiro meio de comunicação com a mãe. Ampliou o conceito kleiniano para descrever um movimento ativo, em que o bebê não faz uma simples expulsão de conteúdos intoleráveis de sua mente; ele tem a expectativa (preconcepção) de encontrar um espaço aberto disposto a receber e a conter suas necessidades e angústias. Este espaço (psique materna) onde o bebê projeta seu conteúdo, Bion chamou-o de continente.

Bion (1962/1991) utiliza os conceitos de continente e conteúdo como “modelos de representações abstratas de realizações psicanalíticas” (p. 124) e os representa com símbolos que permitam maior grau de abstração. Emprega ♀ e ♂ para designar, respectivamente, continente e conteúdo. Usa “os símbolos masculino e feminino deliberadamente, mas isso não significa excluir implicações não-sexuais” (Bion, 1970/2006, p. 115). Podem ser aplicados também a modelos de prazer ou dor, evacuar ou reter, recordar ou esquecer; ou seja, modelos de inclusão e exclusão (Corvo, 2008).

Miller (2002) observa que, ainda assim, esta notação atribui uma valência sexual a dois movimentos psíquicos e ao modo de relação entre eles, e faz referência à diferença dos sexos, mesmo que a única diferença que começa a se estabelecer nesses primeiros movimentos seja a do eu e do não-eu. Desse modo, o elemento projetado, intrusivo, vincula-se a uma simbólica masculina, e o elemento receptor, com função continente, a uma simbólica feminina.

O modelo de Bion (1962/1991) indica, assim, uma relação dinâmica entre ♂ e ♀, que ele nomeia de comensal, na qual ♂ projeta-se dentro de ♀, o que indica que continente e

conteúdo são reciprocamente dependentes, com benefício mútuo e sem danos para nenhum. “Em termos de modelo, a mãe se beneficia com a experiência e atinge o crescimento mental: o bebê, de igual modo, extrai benefício e consegue crescer” (p. 125).

Nesses movimentos psíquicos, o bebê introjeta a atividade compartilhada por dois indivíduos, de modo a se instalar nele o aparelho ♂♀, que vai formar parte do “aparelho de função-alfa”<sup>3</sup> (Bion, 1962/1991, p. 125). Bion refere-se à relação boca-seio, pois se trata de relação de objeto parcial. Este é o embrião do desenvolvimento psíquico e o que penetra os elementos ♂ e ♀, juntando-os ou separando-os, é a emoção<sup>4</sup>. Se desligados ou privados de emoção, ♂ e ♀ “diminuem a vitalidade” (p. 124).

É da relação dinâmica entre continente e conteúdo que pode advir o aprender com a experiência e o crescimento psíquico. Guillaume (2005) observa que esse elemento só se apresenta operante se o sujeito tolerar, através da integração ♂ ♀, uma bissexualidade primária, que terá como resultado o esboço de uma triangulação. Podemos pensar, com Bion, que um aparelho psíquico se desenvolve a partir da existência de pais sexualmente unidos, no inconsciente da mãe, garantindo a presença do seio.

Se os elementos ♂ e ♀ podem se juntar ou se separar, Miller (2002) reforça que é a emoção que permite aos dois elementos funcionarem como um aparelho. Utilizando as letras *e* e *d* para representar o masculino e o feminino, Miller afirma que a emoção é uma variável

---

<sup>3</sup> Bion (1962/1991) formula a hipótese de uma função-alfa exercida pela mãe, a partir das identificações projetivas entre mãe-bebê. A mãe seria capaz de converter as informações sensoriais e emoções que o bebê não consegue usar por si mesmo (elementos beta) e por isso as evacua dentro dela. Elementos beta são, desse modo, transformados em elementos alfa, que podem então ser usados pelo bebê.

<sup>4</sup> Para Bion, os vínculos entre os objetos internos são vínculos emocionais, assim como as ligações entre o sujeito e os objetos externos são de natureza emocional, sendo a emoção um meio de troca de comunicação entre o sujeito e o objeto (Mijolla, 2005).

que une *e* e *d*; o aparelho é capaz, assim, de mudar as emoções. Dessa maneira, a capacidade de remodelagem e de receptividade de *d* “dependerá do deslocamento de uma emoção para uma outra emoção; da mesma forma a penetrabilidade de *e* dependerá do valor da emoção” (p. 10).

Outro modelo construído por Bion (1962/1991) ilustra a relação ♂♀ numa situação emocional em que o bebê experimenta o medo de morrer. Trata-se de uma experiência de necessidade vital não satisfeita. O bebê expela e projeta dentro do seio os sentimentos de medo, junto à inveja e ódio do seio. Neste caso, a inveja impede a relação comensal. Se este seio é capaz de suavizar o componente medo, do medo de morrer projetado dentro dele, o bebê pode reintrojetar a parte de sua personalidade agora tolerável e então estimuladora de crescimento. Se o seio é indiferente, a violência da emoção junto à inveja projetada no seio extrapola muito o medo da morte e se transforma num “terror sem nome”, como se o bebê “evacuasse toda a sua personalidade” (p. 132).

É interessante ressaltar que, neste modelo do medo de morrer do bebê, coloca-se uma diferença entre as premissas básicas de Freud e Bion. Esta observação é feita por André Green no texto “A mente primordial e o trabalho do negativo”. Segundo examina, enquanto o modelo de Freud parte da premissa de que o bebê sempre será capaz de criar uma concepção de seio, na satisfação alucinatória do desejo, expelindo o mau e fantasiando um seio nutridor, Bion entende que a satisfação alucinatória de desejo pode não ocorrer, em função da experiência de aniquilamento sentida pela criança. Diz Green: “O bebê não consegue se livrar tão facilmente do que é mau, que continua a persegui-lo apesar da identificação projetiva. Como se livrar de uma ansiedade existente nas camadas mais profundas da mente primordial?” (p. 139).

Para Green (2000), o destino das primeiras experiências e de suas transformações precisa ser explicado de outra maneira. “É aqui que a capacidade de *rêverie* da mãe representa

a intervenção útil do adulto, uma mente madura que pode ser introjetada pela criança para transformar sua experiência interna destrutiva” (p. 140).

## **2.2. O outro do objeto**

A citação acima conduz à primeira ideia que queremos destacar ao introduzir o modelo de André Green de constituição psíquica. No texto “Trop c’est trop” de 1982 (citado por Candi, 2010), Green afirma que nenhuma teoria psicanalítica pode reduzir a importância do status duplo do objeto, como fantasmático e real, interno e externo. Conforme expõe Candi, Green atenta para a inclusão do objeto real na organização do psiquismo, e para a dimensão incognoscível da realidade externa, o que possibilita dizer que a realidade psíquica não se opõe à material, mas a uma realidade externa ao psiquismo, e esta inclui o próprio corpo do sujeito, a realidade psíquica do outro e a realidade externa.

Uma das valiosas contribuições de André Green (2008) à psicanálise é a articulação que faz entre a perspectiva relacional e a pulsionalidade, distanciando-se dos modelos pós-freudianos que se fixam nas relações de objeto e negligenciam a dimensão pulsional na constituição psíquica (Candi, 2010; Santos & Zornig, 2015; Urribarri, 2012a). Segundo Candi, Green encontra em Bion “um analista que teoriza sobre o diálogo da pulsão com o objeto” (p. 82).

Green (1988d, 2008) insiste ao longo de sua obra na importância do conceito de pulsão como elemento fundante do psiquismo, pois trata-se da força do afeto na dinâmica psíquica, a mobilizar uma tensão e dar vida às sensações, representações, fantasias e desejos; desse movimento, toma curso o processo de simbolização (Candi, 2010). A experiência emocional (a ativação da pulsão) está presente desde o início e é o primeiro passo em direção ao pensamento. Green (2000) articula as ideias de Freud e Bion e deste último adota a noção

de “mente primordial” para pensar as raízes da atividade psíquica, compartilhando a hipótese comum aos dois pensadores de que “há algo de primitivo, na mente, não totalmente explicado pelos primeiros estágios de relação objetal no desenvolvimento do bebê” (p. 134).

Essa ideia junta-se à hipótese bioniana dos elementos beta (experiências sensoriais) que, sem uma outra mente para transformá-los, são impensáveis. Para Green (2000), os elementos beta se aproximam dos estímulos externos e das exigências corporais desprazerosas dos impulsos, e forçam sua descarga. O bebê transforma dor em grito. A resposta do objeto externo (capacidade ou não de *rêverie* da mãe) é que vai transformar a angústia excessiva do bebê em conteúdos psíquicos, dando-lhes sentido.

Neste ponto inclui-se o papel do objeto, reivindicado por Green (1978/1988a, 2000, 2008, 2010) nos seus desdobramentos teórico-clínicos sobre a constituição do psiquismo. As exigências internas que pressionam o bebê em direção ao objeto externo, pela intermediação da pulsão, e o modo como o objeto responde a esta reivindicação, são as variáveis que determinarão o desenvolvimento nos primeiros tempos do aparelho psíquico.

Entre as várias situações que podem ocorrer no caminho percorrido pela pulsão ao encontro do objeto e seu retorno, uma se sobressai para nós: a intensidade da experiência emocional na mente primitiva pode não atender a uma organização psíquica. Para que o psiquismo se desenvolva, é necessário que esta intensidade (de prazer ou desprazer) seja abrandada e contida, o que vem a ser a origem do pensar. Resumindo o pensamento de Bion e Green, Candi (2010) afirma que o pensar e a simbolização devem ser vistos como um trabalho de ligação que permite criar uma distância da realidade dolorosa e instituir um diálogo com os objetos internos e externos.

Com essa introdução às ideias de Green sobre os determinantes do funcionamento mental, frisamos sua contribuição teórico-clínica na conjugação entre o intrapsíquico (centrado na pulsão) e o intersubjetivo (centrado no objeto) – que concebe, juntamente com

outros autores, o modelo contemporâneo do pensamento clínico (Urribarri, 2012b). Das ideias de Green que perfazem um modelo de constituição psíquica – e por sua extensão e complexidade extrapolam os limites deste trabalho – destacamos a que se mostra fundamental em nossos estudos: a concepção de terceiridade (Green, 2008) ou triangulação como matriz para o surgimento do aparelho psíquico e o lugar do pai na díade mãe-bebê, como figura de ausência, como negativo.

Green (2008) observa que, após a morte de Freud, a comunidade psicanalítica debruçou-se a estudar as formas pré-genitais e sua importância nas relações duais, ficando cada vez mais obscura a figura do pai no pensamento clínico. Coube a Lacan (1956-1957/1995) restabelecer a importância da função paterna. Em 1975, Green fez a hipótese de uma triangulação primitiva no cerne das trocas entre mãe e filho, para indicar o lugar do pai, não como pessoa distinta (o que, ressalta, não ocorre no início da vida), mas porque ele existe no psiquismo da mãe. “Há, de fato, três objetos: os dois pedaços separados e o objeto correspondente à junção deles dois” (p. 231).

Na origem, há três elementos, e não dois. Este pressuposto vai fundamentar as ideias de Green (2008) sobre terceiridade, objeto ausente, representação, atividade simbólica, trabalho do negativo. Para Green, o pai está lá, desde o início, na relação mãe-bebê, como o outro do objeto, a ocupar um lugar na mente da mãe e a efetuar a separação na relação mãe-filho na triangulação edípica, quando enfim ganha uma existência distinta. Citamos o comentário do autor sobre a antecedência da figura paterna à passagem do Édipo:

Ele [o pai] não estava verdadeiramente ausente até então, mas não intervinha senão indiretamente através da mãe (o pai dentro do espírito da mãe). Contudo, ele existe, como parte inteira, tanto como agente separador, diria melhor interditor, como no oposto, como segundo objeto a amar. (Green, 2008, p. 236)

Bem antes disso, o autor já havia proposto uma teoria da “triangulação generalizada a um terceiro substituível” (Green, 2008, p. 245), e afirmou que, em psicanálise, a existência do terceiro não necessariamente remete à estrutura edipiana. “É perfeitamente possível visualizar relações triangulares onde o terceiro não representa a função paterna. Por outro lado, parece que é importante não se deixar aprisionar na relação dual” (p. 245). Green se apoia no exemplo de uma estrutura ternária composta pelo sujeito, o objeto e o outro do objeto, esse outro não sendo o sujeito. Nesse sentido, a relação da mãe com a criança se ligaria a um outro objeto da mãe, não necessariamente o pai, mas um objeto do desejo da mãe diferente do pai, suporte de uma paixão; um objeto da infância da mãe (sua própria mãe, pai ou outra pessoa); ou outros.

Acreditamos que essa compreensão amplia a discussão sobre os modos de subjetivação do sujeito e os processos de sexuação, considerando as diversas configurações relacionais e familiares com que a clínica psicanalítica se ocupa na atualidade, e que aquecem o debate sobre a diferença sexual. Mas André Green (2008) não reduz, com a teoria da terceiridade, a importância do Édipo (que mantém o lugar do pai) em sua base fundamental: “a dupla diferença dos sexos e das gerações presidindo ao nascimento do indivíduo” (p. 237).

Afirma Green (2008) que, não importam as escolhas sexuais de um indivíduo, “ele não poderá ignorar que nasceu de uma relação sexual entre um pai e uma mãe de uma geração anterior, separados eles mesmos pela diferença dos sexos” (p. 237) e terá que se haver com a elaboração de sua origem por toda a vida. Acrescenta: “mesmo que suas escolhas pessoais o levem longe de reproduzir a situação anterior (...) não pode negar que é de lá que ele veio” (p. 237).

Insistimos, com isso, na reflexão sobre uma das premissas que formam nossa linha de investigação; neste caso, pai e mãe inscritos no universo simbólico da dupla parental, dito

de outra maneira, o registro da alteridade que deverá abrir caminho para a construção do universo psíquico da criança.

Vimos que Green (2008) rejeita a ideia de uma relação dual mãe-bebê como modelo teórico e clínico, e centra no Édipo, não como complexo, mas como modelo, para pensá-lo como um triângulo aberto com o terceiro substituível, no qual está incluído o outro do objeto, que poderá assumir ou não a função paterna edípica. Para Green, a situação é triangular desde o início, por mais que seja claro que a relação principal do bebê é inicialmente com a mãe, pois o pai inscreve-se como figura de ausência. Já no artigo “A mãe morta”, Green faz a seguinte reflexão:

O Édipo deve ser mantido como matriz simbólica essencial à qual é importante sempre se referir, mesmo nos casos em que a regressão é dita pré-genital ou pré-edípica, o que implica a referência a uma triangulação axiomática. (...) o destino da psique humana é sempre ter *dois* objetos e nunca um único, tão longe quanto se recue para tentar apreender a estrutura psíquica dita mais primitiva. Isso não quer dizer que se deva aderir à concepção de um Édipo primitivo – filogenético – onde o pai enquanto tal estaria presente. (...) O pai está aí, ao mesmo tempo na mãe e na criança, desde a origem. Mais exatamente, *entre* a mãe e a criança. (Green, 1980/1988c, p. 244)

Acrescenta Green (1980/1988c) que, pelo lado da mãe, essa presença se afigura pelo seu desejo pelo pai, do qual a criança é a realização. Pelo lado da criança:

(...) tudo o que antecipa a existência de um terceiro, cada vez que a mãe não estiver totalmente presente, e que o investimento que faz da criança não for nem total nem absoluto, pelo menos na ilusão que a criança tem a seu respeito, antes do que se convencionou chamar a perda do objeto, será, *après coup*, vinculável ao pai. (p. 244)

Considerando que não se trata de um Édipo originário, Santos e Zornig (2015) enfatizam que a referência de Green aos três, nos primeiros tempos da vida psíquica, propõe uma forma inédita de compreensão da cena primária freudiana, como matriz triangular do psiquismo. Para Green (1980/1988c), distintamente do caso do “Homem dos Lobos”, o que conta na cena primária não é o fato que o sujeito testemunha, mas o seu contrário: que ele tenha estado ausente do gozo dos pais. As autoras acrescentam: o fantasma da cena primária converte o sujeito em terceiro, excluído do casal parental, mas nesse primeiro momento sem a elaboração da diferença dos sexos e das gerações, própria ao complexo edípico.

O fantasma da cena primária desempenha um papel de distanciamento do sujeito, que o separa da mãe. Santos e Zornig (2014, 2015) salientam que a mãe, como objeto primordial, não ocupa apenas o lugar de mãe arcaica – em estado de preocupação materna primária, na função de *holding* proposta por Winnicott (1958/2000); mas também é marcada por uma paixão incestuosa na triangularidade da fantasia da cena primária, à qual a criança é confrontada. O pai enquanto função (objeto de investimento da mãe) introduz um espaço entre mãe e criança.

Esta situação psíquica traz à discussão a presença em negativo do terceiro, conceito que é aprofundado por Green (1993/2010, 1997) em sua original elaboração sobre o trabalho do negativo. Como ele próprio frisou no artigo de 1997, uma de suas fontes foi a obra winnicottiana a respeito do negativo e dos fenômenos transicionais. Nessa perspectiva, o pai surge como uma das fontes primárias do trabalho do negativo, pela relação indireta com a criança (mediada pela representação), em oposição à relação direta do bebê com o corpo da mãe (Urribarri, 2012a). Mas o pai deve ser compreendido em sua função de instaurador do espaço potencial entre mãe e bebê, essencial aos processos de simbolização.

Green (2000) retorna a Freud para reforçar que o negativo, que está na base da atividade psíquica, “não só é normal, como também é um pré-requisito para qualquer espécie

de desenvolvimento psíquico” (p. 143). O trabalho do negativo, em sua forma estrutural, pode se expressar na criação de espaços vazios para um trabalho psíquico de transformação. Nesse aspecto, entendemos que ele tem uma função ativa na bissexualidade, enquanto condição que tanto estrutura o psiquismo – acionando as defesas para expulsar os excessos pulsionais – como também o ameaça, quando prevalece a ausência ou presença excessiva dos objetos primários. Passamos neste ponto às considerações de como a bissexualidade compõe o psiquismo e intervém na constituição do sujeito em seus sucessivos momentos.

### **2.3. Primeiro tempo: a bissexualidade pré-genital**

Há que experimentar o prazer para, só depois, bem suportar a dor. (...) A dor do parto é também de quem nasce. Todo parto decreta um pesaroso abandono. Nascer é afastar-se – em lágrimas – do paraíso, é condenar-se à liberdade.

*Vermelho amargo*

Bartolomeu Campos de Queirós

As descobertas de Freud no campo da psicosexualidade discutidas no primeiro capítulo sugerem dois aspectos da bissexualidade psíquica. Desde os primeiros anos de sua investigação, reconheceu uma bissexualidade originária ou constitucional própria do indivíduo. Na formulação do complexo de Édipo em sua forma completa, Freud parece considerar a bissexualidade num nível secundário, ligada à fantasia edipiana e às posições masculinas e femininas que a caracterizam.

Partimos da noção de que a bissexualidade assenta suas bases nas origens narcísicas da psicosexualidade (Chabert, 2016; David, 1992; Haber, 1997). Seu pertencimento ao universo narcísico primário sugere a vários autores nomeá-la, nesse estágio do desenvolvimento psicosexual, bissexualidade psíquica primária, conforme proposto por

Haber (1997). Considerando a premissa freudiana de uma disposição bissexual constitucional, a hipótese de Haber é a de que a bissexualidade psíquica se constrói em parte sobre uma bissexualidade basal, em que o grau psíquico está para ser determinado. Nesse entendimento, a bissexualidade basal compõe o narcisismo primário. Esse primeiro tempo deve ser distinguido da bissexualidade psíquica secundária, do tempo do Édipo, que pressupõe transformações com relação à primária.

Em sua essência narcísica, a bissexualidade psíquica se situa ao lado das identificações, primárias ou secundárias (Schaeffer, 2002). Destacamos, neste tópico, um tempo primário do desenvolvimento psíquico marcado pelas identificações iniciais do pequeno ser e as formas precoces da bissexualidade, no período pré-genital.

Como foi dito, Freud (1923/2011c) atribui a primeira e mais significativa identificação do indivíduo àquela com o pai da pré-história pessoal – ou com os pais, ressalta, pois, nesses primeiros tempos, antes do conhecimento da diferença entre os sexos o bebê não avalia pai e mãe de forma distinta. É uma referência fálica ao que hoje compreenderíamos como a noção kleiniana da fantasia dos pais combinados. Vemos, com Freud, que essa identificação remonta às origens mais remotas, na fase oral primitiva do indivíduo, “quando investimento objetal e identificação provavelmente não se distinguem um do outro” (p. 35).

Freud (1923/2011c) acrescenta naquele texto que as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe “parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária” (p. 39). Em seguida admite a complexidade dessas relações e afirma ser a interferência da bissexualidade constitucional do indivíduo responsável por parte dessa complexidade.

Schaeffer (2002) aponta o que ela considera um embaraço teórico de Freud para definir a identificação primária, e sua ambiguidade, ao supor que investimento objetal (o seio materno como protótipo) e identificação (o pai da pré-história) não se distinguem. Há

inúmeras discussões em torno de uma identificação primária (Mijolla, 2005) e os prolongamentos teóricos pós-freudianos desta noção se voltam para a primeira fase da união da criança com a mãe. Winnicott (1967/1975c) descreveu um ambiente inicialmente não diferenciado entre o bebê e a mãe. As ideias de Bion e Green sobre a constituição psíquica apresentadas neste estudo desenvolvem a noção do terceiro objeto nas origens da vida psíquica, mais precisamente no psiquismo da mãe, o que, segundo Green (1997), foi intuído por Winnicott.

Acompanhamos a descrição de Schaeffer (2002) sobre esse modo de identificação primária, oral-canibalística, como um primeiro movimento de interiorização do que foi transmitido ao bebê pelo psiquismo materno, “vivido na incorporação oral de uma criança em seu ventre, não sendo senão um com ela, e de seu desejo de prolongar esta completude narcísica” (p. 24). Nesta experiência de fusão e indiferenciação, prossegue a autora, a identificação é, para a criança, ser um com a mãe, onde se devora e é devorado. Schaeffer remete-nos à ideia winnicottiana de “ser e não ter se distinguido” (p. 24) e à expressão freudiana para tal vivência do bebê como “eu sou o seio” (p.24).

Segundo Schaeffer (2002), essa indeterminação sexual psíquica, fantasia de ser nem um nem outro, ou um e outro, cria a fantasia de uma bissexualidade pré-genital a dois. McDougall (1997) fala do desejo da criança de *ser e ter* os dois sexos, que se traduziria num corpo para dois, uma psique para dois, desejo apoiado no estado original de união com a mãe. Para Schaeffer, tal fantasia remete ao narcisismo primário proposto por Freud, não conflituoso, que irá nutrir a ilusão de uma potência bissexual. Este narcisismo, sustentado pelo investimento narcísico dos pais, Freud (1914/2011d) o descreveu como “Sua Majestade o Bebê” (p. 37).

Haber (1997) salienta que, neste tempo primevo em que a dimensão psíquica está diretamente intrincada ao corpo, como também aos investimentos libidinais, narcísicos e

objetais da mãe e do pai (conscientes e inconscientes), a criança, por outro lado, está confrontada à bissexualidade psíquica da mãe e à do pai. O autor defende a ideia de que a bissexualidade específica, original da criança estará sob forte dependência de um adequado reconhecimento, pelos pais, de sua identidade sexuada, na forma como propôs Stoller (1993).

Por outro lado, Haber (1997) entende que Freud, ao tratar de uma bissexualidade originária, introduz uma inflexão sobre o sujeito – “um sujeito original, de posse de signos identitários precisos, participante de sua história e não algo a ser modelado e submisso às intenções e desejos do meio” (p. 54). Haber aponta uma densidade significativa a esta bissexualidade originária, que se desloca e se ativa na psique do início da vida, no complexo narcísico primário. Acrescenta que, por pertencer ao narcisismo, a bissexualidade primária, ou originária, na expressão freudiana, “não se dissolve jamais e pode novamente florescer” (p. 55) na vida contemporânea, em função das regressões e mobilidades psíquicas.

De acordo com Haber (1997), um segundo momento virá suceder a experiência identificatória primária, em que a relação entre mãe e bebê será caracterizada pela relação em espelho, também inscrita nos processos identificatórios primários. É um momento fundador de uma modificação do estado de indiferenciação do bebê, que aos poucos vai assimilando a mãe como objeto separado. Para Haber, esse momento funda também uma modificação da bissexualidade psíquica, como buscamos descrever com apoio na abordagem winnicottiana.

Inspirado no estádio do espelho de Lacan (1954/1979), Winnicott (1967/1975c) propõe que, no desenvolvimento emocional primitivo, desde que satisfatório, “o *precursor do espelho é o rosto da mãe*” (p. 153, grifo do autor). Foi o primeiro a reconhecer a função de espelho primário da mãe, criticando a noção de Lacan, para quem o espelho representaria o papel do olhar fundador do Outro na constituição do aparelho psíquico. Winnicott diz que o bebê, quando olha para o rosto da mãe, vê a si mesmo. “Em outros termos, a mãe está

olhando para o bebê e *aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali*” (p. 154, grifo do autor). O bebê vê a si mesmo como outro e por meio da mãe (espelho) tem uma experiência de “relativa semelhança e relativa diferença” (Ogden, 1996, p. 48) de si mesmo como sujeito e objeto.

Ao olhar o outro e se ver no olhar do outro, o pequeno ser começa a experimentar um sentimento de existência, são os primeiros indícios da experiência de autoconsciência. Segundo Haber (1997), desse momento do desenvolvimento da criança se desprende um conjunto identitário o qual está ligado à bissexualidade, dominada então por uma homossexualidade primária<sup>5</sup>, fase em que o bebê vai introjetar a figura do mesmo sexo, numa identificação (tanto da menina quanto do menino) com o sexo da mãe. É também o tempo do desenvolvimento do autoerotismo por meio das trocas ligadas à homossexualidade primária (Bokanowski, 1997), passagem necessária para que haja uma vivência da fase erótica da sexualidade.

Essa experiência de satisfação primitiva supõe a construção e o encontro com o que Roussillon (2004) chama de “o duplo de si” (p. 425). Na hipótese desse autor, para que a cena primitiva se organize de uma forma transicional, é necessário que a relação com o objeto primário possa ser organizada em termos de uma relação de dependência primitiva sobre um modo que ele designou “homossexualidade primária em duplo” (p. 425). Considerando que um duplo é um outro sujeito, referido a si mesmo, ele se distingue da ideia de um estado de indiferenciação e de fusão mãe-bebê.

A hipótese de uma relação primitiva homossexual em duplo supõe que o outro primordial seja encontrado inicialmente como um semelhante, partilhando os mesmos

---

<sup>5</sup> O conceito foi elaborado por É. Kestemberg e inspirou R. Roussillon (2004) a desenvolver sua noção de homossexualidade primária em duplo, a qual utilizamos no presente trabalho.

estados de ser e sendo percebido no espelhamento do sujeito. Ou seja, o outro funciona como um duplo, mas um espelho não totalmente preciso, que vai acomodando e marcando a intersubjetividade entre mãe e bebê (Ogden, 1996; Roussillon, 2004, 2011).

Schaeffer (2002) atribui ao tempo da homossexualidade primária a importância de imprimir, na psique da criança dos dois sexos, a marca feminina materna original. Pois é o momento de um investimento erótico da mãe que seduz e mantém as primeiras trocas amorosas com a criança. O materno primário (Guignard, 1997) corresponde ao espaço psíquico no bebê, ocupado pela representação inconsciente da primeira configuração de sua relação com o mundo que seria indispensável para a instalação de um funcionamento básico. Na sequência, um segundo espaço psíquico, o feminino primário, se organiza com “o fim da lua-de-mel, da doença normal da mãe” (p. 51), que corresponde à desidealização do par mãe-bebê.

Em proximidade às ideias de Bion e Green, Guignard (1997) supõe que o feminino primário se desenvolve em relação com a primeira triangulação observável no ser humano, o lugar inicial da ausência, do negativo, do abandono recíproco. É o tempo da instauração da perda do objeto primário, do luto desse objeto primordial e o início da posição depressiva. Para Guignard, o equilíbrio econômico da bissexualidade psíquica vai depender do bom estabelecimento desse espaço no bebê.

Schaeffer (2002) ressalta que, se a homossexualidade primária persiste e faz obstáculo à diferenciação das imagos parentais, predominará a marca da imago materna arcaica bissexual, ameaçando contaminar toda relação posterior à feminilidade e ao feminino, nos dois sexos. É nesta configuração que Marguerite Duras (1964/1986) descreve a personagem central de seu livro *O deslumbramento*, Lol V. Stein, em seu arrebatamento que a leva a repetir incansavelmente a cena traumática em que é esquecida pelo par de amantes (seu noivo

e a mulher que acaba de conhecer). Lol é a terceira, excluída da cena primária e aprisionada a esta cena, à procura de um tempo perdido, onde sua existência é colocada em questão.

As ideias em torno da importância da marca feminina materna original no psiquismo do indivíduo, privilegiadas com as teorizações de Winnicott e Stoller, permitem-nos pensar que o sentimento do bebê de ser uma parte da mãe evidencia nele o sentimento de feminilidade. Nesta situação, sublinha Haber (1997), a bissexualidade do bebê possui um polo feminino dominante. Isto não significa que a homossexualidade primária diz respeito apenas à menina, como reiterado por nós. O menino terá mais dificuldade de se desligar da marca precoce feminina (o materno primário) e se verá mais vulnerável a ela (Stoller, 1993).

Diz Stoller (1993) que, se para a menina esse momento a coloca no rumo para a feminilidade na vida adulta, o menino pode estabelecer, em seu núcleo identitário, um sentimento de unidade com a mãe, de estado feminino. “Dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho separar-se, esta fase de fusão com ela deixará efeitos residuais que podem ser expressos como distúrbios na masculinidade” (p. 35).

E quanto ao pai? Como ele participa das configurações da bissexualidade pré-genital nesse tempo remoto caracterizado pela homossexualidade primária, em que a situação primitiva da díade mãe-criança impõe sua marca feminina original no psiquismo infantil? Como diz Green (1980/1988c; 2008), o pai está lá desde a origem, no psiquismo da mãe, como o outro do objeto, uma das fontes primárias do negativo, inscrito como figura de ausência. É o pai como função (objeto do investimento da mãe) que possibilita a inscrição inaugural da cena primitiva, na qual se aloja a bissexualidade em sua forma primária.

Green (1973/1988b) parte da ideia de que o sexo do indivíduo depende do modo como ele é vivido e percebido por sua mãe e pelo seu pai – tese que acompanha a de Stoller – e de como ele mesmo se percebe nos seus desejos que podem convergir ou divergir em relação

aos desejos dos pais. Este conflito, diz Green, vai culminar na fantasia da cena primitiva que mobiliza e põe em jogo os desejos e identificações contraditórias.

De acordo com Santos e Zornig (2015), a fantasia fundamental da cena primitiva (que marca a existência do objeto ausente) vai permitir que a criança não seja inteiramente tomada pela mãe em sua satisfação direta – o que poderia acentuar sua vivência fusionada, de ser um com a mãe. A criança vai, aos poucos, distanciar-se de sua mãe enquanto um sujeito separado. As autoras ressaltam que, nessa abordagem teórica, que considera a presença em negativo do terceiro desde as origens, não se pode pensar exclusivamente em um momento inicial de fusão/indiferenciação entre mãe e bebê, pois a alteridade, de algum modo, já se faz presente.

A fantasia da cena primária traz um componente a mais no trabalho de organização psíquica. Segundo Roussillon (2004), é necessário, inicialmente, que a criança se sinta incluída, investida, para então tolerar ser excluída. Num primeiro momento, ela não reconheceria sua diferença sexual e geracional em relação aos pais. Desse modo a cena originária constituir-se-ia como força organizadora e matriz fundadora do psiquismo, inscrevendo a criança numa triangulação originária, como figura de ausência na relação parental e com sua presença potencial (Santos & Zornig, 2015).

As teorizações de Roussillon e Ogden a respeito do duplo e da intersubjetividade na relação primitiva da criança com a mãe seguem a perspectiva de Green. Este, por sua vez, não descarta a abordagem clássica winnicottiana e ressalta que ela pode ser apressadamente compreendida como centrada na díade mãe-bebê, deixando de lado o pai nos primeiros tempos da vida psíquica (Green, 1997). Winnicott (1951/1975a), quando define o objeto transicional como posse não-eu, propõe uma leitura diferenciada para o conceito de objeto, tanto como objeto que satisfaz, objeto de desejo, quanto como objeto fantasiado, na opinião de Green (1997), que então define o objeto como “o negativo do eu” (p.240). Ele comenta:

Distinguir entre o primeiro objeto e a primeira “posse não eu”, como Winnicott faz, amplia nosso pensamento, especialmente se isso for localizado numa área intermediária entre duas partes de dois corpos, boca e seio, o que criará um terceiro objeto entre eles, não só no espaço real que os separa, mas no espaço potencial da sua junção depois da separação. (p. 240)

Para Green (1997), esse é mais um significado do negativo, pois traz a ideia de algo que não está presente. Aqui está o lugar do pai, do outro do objeto mãe (terceiro objeto), participando, em sua forma negativa, das representações, fantasias e da intersubjetividade entre criança e mãe. A figura do pai é assim incluída na problemática da bissexualidade pré-genital.

Na leitura de Bokanowski (1997), a existência do pai como outro faz surgir, para a criança, “o pai do Édipo precoce (o pai da ‘censura da amante’)<sup>6</sup>, pai que é presente nos pensamentos edipianos da mãe” (p. 124). Para o autor, a partir desse momento começa a se organizar a identificação pré-edípica com o pai. Haber (1997) acrescenta que esse trabalho psíquico de diferenciação que opera o afastamento relativo da criança com relação à mãe, por meio da censura da amante, também ocorre pela relativa desadaptação da mãe movida por impulsos de raiva e destrutividade da criança.

Retomando os conceitos expostos, a mãe, como continente, enquanto objeto primordial, tem função estruturante na psique infantil, mas contém uma ausência desde sempre, que é o lugar do pai presente em seu psiquismo, como terceiro. O pai se inscreve no

---

<sup>6</sup> Termo proposto por D. Brunschweig e M. Fain para designar os movimentos internos da mãe para lidar com sua agitação erótica suscitada pelos cuidados maternos. Quando o devaneio interior da mãe a leva para a vida amorosa com o pai da criança, a “censura da amante” induz uma distância relativa em relação à criança e a convida a organizar o lugar de um terceiro na relação com a mãe (Mijolla, 2005).

espaço potencial entre a mãe e a criança como instância terceira, como separador mas também objeto de amor. Desse modo, a criança se depara com o enigma sexual.

A relação com a mãe dos primeiros tempos, a mãe arcaica, desprende-se, portanto, na constituição da fantasia da cena primitiva, e nesse afastamento relativo da mãe opera-se gradativamente o trabalho psíquico de diferenciação (Green, 1980/1988c; Haber, 1997; Schaeffer, 2002). A cena primitiva é, assim, a matriz dos movimentos inconscientes que presidem o encontro dos sexos, com suas representações conflituosas (Godfrind, 1997).

Se podemos considerar que a relação continente-conteúdo formulada por Bion está na base da construção do psiquismo e desde a origem imprime o signo masculino-feminino na relação do bebê com o objeto, na fantasia da cena primitiva as polaridades do masculino e do feminino entram em jogo. Uma dinâmica de trocas e de infinitas possibilidades de combinação liga esses dois polos da bissexualidade psíquica (Miller, 2002). É com a instauração da fantasia da cena primária, celeiro das identificações edípias e dos investimentos eróticos da criança, que passamos para um segundo tempo da bissexualidade psíquica, o tempo do Édipo.

#### **2.4. Segundo tempo: a mediação bissexual na travessia edípica**

Com a cena primária, entram em jogo os objetos parentais e a organização das identificações que, articulados com o desejo e as fantasias da criança, vão constituir os componentes da bissexualidade nesse novo tempo do desenvolvimento psicosssexual. A fantasia da criança, então submetida à cena primitiva com todos os seus ingredientes, é confrontada agora com o enigma da diferença dos sexos e à experiência psíquica da castração. O acesso à posição depressiva e a dialética das posições masculinas e femininas características do Édipo correspondem a uma bissexualidade secundária (Haber, 1997).

A bissexualidade psíquica passa a se organizar em torno de dois polos: o complexo de castração e as identificações edípicas (Beetschen, 2016; Bokanowski, 1997; Chabert, 2016; David, 1992). Eles encontram-se profundamente intrincados e, em nossa opinião, reforçam a função mediadora e de ligação da bissexualidade psíquica, postulada por David (1992), mas indicam também o potencial inibidor ou desviante das disposições bissexuais. A transcrição literal de trecho de Freud em *O eu e o id* torna-se obrigatória:

O desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais. Esta é uma das formas como a bissexualidade intervém no destino do complexo de Édipo. A outra é ainda mais importante. (...). Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança. (p. 41)

Freud (1923/2011c) parece sugerir o valor organizador e essencial da bissexualidade no complexo edípico, que resulta da dupla identificação masculina e feminina. Ressalta que essas identificações não são simétricas e não têm a mesma força, sendo que uma delas dominará a outra. Como já dito, para Freud há uma composição de ambivalência e ternura tanto com relação ao pai como com relação à mãe, que o menino e a menina vivenciam por caminhos específicos.

No entrelaçamento dos dois polos – o complexo de castração e as identificações – está o conflito edípico. Beetschen (2016) chama de “tormento da bissexualidade” (p. 27) essa mescla das posições, associadas a excitação e sofrimento – o que, diz ele, é próprio do ciúme.

Para Beetschen (2016), esse momento do desenvolvimento da criança evidencia o ciúme, que está “sempre associado à diferença: ter ou não ter o pênis, ter ou não o que faz ser amado e desejado” (p. 27). No apelo do Édipo diante da imposição da diferença das posições masculinas e femininas e da angústia da castração, para o autor a bissexualidade

psíquica não parece ser um compromisso fácil. Ressalta que, entre masculino e feminino, mais do que uma solução feliz, a criança terá que enfrentar o conflito.

Os casos clínicos analisados por Freud nos dão a medida da importância da bissexualidade no conflito edípico e na formação de sintomas, e reafirmam o caráter ambíguo e complexo do psiquismo. Sua descrição da influência da bissexualidade em Dora é referencial: um conflito entre os desejos de Dora com relação ao homem e os desejos orientados à mulher, e entre sua identificação masculina a seu pai e sua identificação feminina à Senhora K, amante do pai (Freud, 1905/1987d).

Para Haber (1997), com a descrição clínica do caso Dora, Freud sugere três particularidades da bissexualidade psíquica: os conflitos, os pontos identitários na psique e as moções pulsionais dirigidas a um e outro objeto sexual. Acrescentamos os ciúmes de Dora em relação ao pai e à mãe, como também ao Sr. e Sra. K, recorrentemente analisados por Freud, como parte de seus conflitos bissexuais.

Foi logo após Dora ter interrompido o tratamento de apenas três meses que Freud (1901/1986) escreveu a W. Fliess sobre as duas relevantes descobertas que aquela análise lhe havia trazido: a importância da função das zonas erógenas na origem dos sintomas de Dora e da bissexualidade psíquica no conflito que a dividia entre atração pelos homens e atração pelas mulheres; era a primeira vez que Freud aplicava a noção de bissexualidade em sua clínica (Quinodoz, 2007).

Mas todos sabemos que a mais famosa descoberta de Freud que ele deve à análise de Dora é a transferência. Neste ponto, vale destacar o acréscimo que o pai da psicanálise fez, 20 anos depois, ao seu exame da transferência em Dora, quando percebeu que a transferência paterna de sua paciente não foi o único motivo da interrupção. Havia também a transferência materna de Dora, ou seja, sua forte atração homossexual pela sua mãe (Quinodoz, 2007).

Estava posta de maneira inequívoca a predominância da bissexualidade sobre as relações com seus objetos primários no desfecho edípico.

A análise do Homem dos Ratos é outro célebre exemplo, na história da psicanálise, da ambivalência e dos conflitos decorrentes desta, que lançaram o jovem paciente de Freud, Ernst Lanzer, a um sofrimento torturante. A impossibilidade de escolha do objeto que a bissexualidade psíquica pode vir a infligir nos destinos do Édipo é aí apontada, numa releitura do caso clínico feita por Chabert (2016).

Recordamos que o início da doença de Ernst Lanzer remete a uma impossibilidade amorosa: ele amava uma garota, mas enamora-se de outra. Como enfatiza Chabert (2016), “sua doença lhe permite não tomar a decisão: ele não podia escolher uma mais que a outra” (p. 22), e faz uma fuga a sintomas obsessivos e invalidantes, que Freud (1909/2013) viu como uma escolha conflituosa entre o pai e o objeto sexual. O tormento de Ernst é focalizado em duas vertentes: um conflito triangular entre ele, seu pai e a mulher amada, centrado na relação edípica com o pai; e um conflito entre o amor e o ódio, evidenciado em seus pensamentos obsessivos em relação ao pai e à mulher.

Chabert (2016) questiona a escolha de Freud para o lado do pai como figura amada e central na doença de Ernst (acentuando a culpa e a angústia de castração), substituindo, assim, a escolha impossível entre duas mulheres, a velha e a nova, e apagando fragmentos da história que indicam seu amor infantil à mãe. Chabert indaga se a ambiguidade desta passagem de um par ao outro não conteria, justamente, as complicações da bissexualidade nos seus aspectos narcísicos, identificatórios e objetais. E sugere que a bissexualidade integrada à diferença dos sexos é a condição desta dupla escolha, dupla identificação e dos conflitos que a sustentam.

Para a autora, a incapacidade de Ernst de ir de um lugar a outro poderia representar o desejo e sua enorme dificuldade de ir da mãe para o pai e vice-versa. Ernst não poderia ir em

direção a sua mãe, nem a uma mulher, não poderia se dar ao direito de ser um homem, pois seu pai estava excepcionalmente presente, apesar de morto, ou justamente por isso (Chabert, 2016). A autora propõe ainda que os sintomas do Homem dos Ratos bem poderiam estar relacionados a seu amor pela mãe, a seu medo e à culpa por amar uma outra.

A bissexualidade, como organizador das escolhas objetais e das identificações, nos possibilita refletir, no caso do Homem dos Ratos, sobre as dificuldades dessas escolhas e o entrelaçamento das identificações. De acordo com Chabert (2016), “a coexistência das duas formas edipianas, positiva e negativa, inscreve a dialética dos movimentos identificatórios que fazem amar ou odiar um ou outro, e um e outro” (p. 22).

Com as identificações cruzadas, apontadas por Freud (1923/2011c), o complexo de Édipo possibilita uma articulação meticulosa da ambivalência dos impulsos amorosos e hostis, que surge em fase precoce das identificações primárias. Vejamos a análise interessante que Chabert (2016) faz das duas referências, masculino e feminino, que não devem ser confundidas com homem e mulher, e suas implicações na relação da criança com as figuras que as encarnam, o pai e a mãe:

Não é que um ou outro objeto sexual mobilize especificamente componentes pulsionais diferentes – mais libidinais ou mais agressivos: sabemos que o masculino e o pai não são sempre portadores de uma atividade que lhe daria regularmente o poder, a força e a dominação! E que o feminino e a mãe não engajam sempre a passividade e a submissão, ou mais ou menos isso! É sempre que a dinâmica das fantasias apreende pares de opostos – atividade-passividade, masculino-feminino, sadismo-masoquismo, sobretudo, amor-ódio nas atribuições ao pai ou à mãe: eles são as figuras e os objetos de amor originários e sua marca permanece nas representações comuns do masculino e do feminino. (p. 22)

Esses dois exemplos clínicos são úteis para insistirmos na questão levantada por Beetschen (2016), Chabert (2016), Golse (2016), Missonnier (2016) e outros, em torno da discussão da bissexualidade psíquica e da elaboração da diferença dos sexos. Pai ou mãe, pode-se escolher? É necessário escolher um em detrimento do outro? Estar necessariamente do lado de um ou do outro?

A ideia da diferença dos sexos sustenta uma outra, a ideia da existência e do reconhecimento dos objetos internos, objetos parentais, ativos no movimento da escolha sexual. Este suplanta, em parte, o movimento narcísico da identificação primária e da homossexualidade primária, a do sujeito ligado ao mesmo. Mas lembremos que essa diferença dos sexos, e das gerações, não é aceita sem conflito. Golse (2016) chama atenção para a abertura inscrita no trabalho de reconhecimento da diferença, já no bebê, que representará mentalmente pai e mãe pelas suas diferenças e possibilidades de permutação. De acordo o autor, porque não se pode falar sobre um sexo sem fazer referência ao outro, é preciso centrar no entre-dois.

O entrelaçamento dessas duas grandes referências, o masculino e o feminino, atravessa o complexo edípico sob o signo da ambivalência e, permite, na opinião de Chabert (2016) seguir os traços de uma bissexualidade constantemente ativa. Segundo a autora, quanto mais a sexuação impõe suas diferenças, mais se submete à interferência da bissexualidade, “como se o compromisso da identidade sexual mobilizasse sua manutenção indispensável” (p. 23).

A ideias desenvolvidas até agora nos permitem reforçar que a bissexualidade, em suas origens narcísicas, pode permanecer presa a estágios precoces do desenvolvimento psicosexual, atrelada ao mesmo objeto. Mas é também tributária ao complexo edípico e se molda no trabalho de elaboração da diferença sexual, no entrelaçamento das identificações e da escolha de objeto, e na formação mais sólida do supereu, como propõem os autores

referenciados nesta pesquisa. Nessas condições, a bissexualidade, como afirma Chabert (2016), só se inclina para “um bem mais de um ou de outro” (p. 23). O que quer dizer que não significa confusão dos sexos, mas a manutenção da existência dos dois, masculino e feminino.

## **2.5. Terceiro tempo: um destino para a bissexualidade**

Meu real é mais absurdo que minha fantasia. O presente é a soma de nostalgias, agora irremediáveis. A memória suporta o passado por reinventá-lo incansavelmente.

*Vermelho Amargo*

Bartolomeu Campos de Queirós

No percurso do desenvolvimento psicosssexual em direção a uma organização genital, em que os desejos bissexuais se confrontam com a fantasia da castração e um novo trabalho de luto pela renúncia ao objeto, a bissexualidade psíquica segue o caminho da diferenciação. Nas palavras de André Green (1973/1988b), retomando o enunciado freudiano, é pela “constituição da fantasia do outro sexo – aquele que não se tem, mas que poderíamos ter imaginariamente, no triângulo edípiano” (p. 226), que a bissexualidade se organiza para tomar seu destino na genitalidade.

O trabalho da bissexualidade, no sentido de sua integração no psiquismo com a introjeção progressiva da polaridade sexual, é determinante para o destino do complexo edípico e a formação do supereu. Sua elaboração de maneira suficientemente satisfatória levará à internalização e ao reconhecimento da diferença dos sexos, o que Christian David (1992) chamou de “processo inconsciente de bissexualização” (p. 29), paralelo ao trabalho de maturação que prepara a integração da identidade sexual.

Nesse caminho da diferenciação, o reconhecimento das metas, das transformações e dos destinos das pulsões sexuais terá uma importância determinante (Beetschen, 2016). Ou seja, na fase genital, a equivalência feminino-passivo e masculino-ativo, tão recorrente em Freud, já não se sustenta. Como o próprio Freud adiantou, há metas pulsionais passivas que são ativamente buscadas. Chabert (2016) realça a bipolaridade da passividade e da atividade, no sentido de que ser passivo é aceitar ser excitado, ser mobilizado pelo outro sexual.

Bokanowski (1997) ressalta o caráter duplo da bissexualidade integrada ao psiquismo do adulto. Como já antecipamos, na fase genital o trabalho psíquico emprega os aspectos bissexuais tanto para fins de satisfação quanto de defesa. Segundo o autor, estes movimentos podem se alternar reciprocamente, a depender de uma certa harmonização da bissexualidade com as diferentes instâncias do funcionamento psíquico. Ainda segundo ele, a bissexualidade será especialmente “internalizada” (p. 117) conforme seja capaz de integrar ao seu funcionamento os componentes pré-genitais da sexualidade.

Mas não há caminho fácil no campo da sexualidade humana. Quando as formas pré-genitais da bissexualidade se mantêm ligadas a uma relação conflituosa com os objetos primários, elas impedem a flexibilidade necessária aos movimentos identificatórios na fase genital. A não integração dos desejos bissexuais desencadeia sintomas e inibições na vida adulta, refletindo em confusões identitárias e no desejo de ser e ter os dois sexos. É na trilha desta problemática que iniciamos o capítulo a seguir.

## Capítulo 3

### Das formas de resistência da bissexualidade ao trabalho de análise

Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que eu te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão.

*Água viva*

Clarice Lispector

Nosso estudo segue na investigação das formas de resistência da bissexualidade psíquica que resultam em regressão a estados mais precoces do desenvolvimento psicosssexual. Essas situações são ilustradas com exemplos clínicos utilizados nos trabalhos de autores contemporâneos que se dedicaram ao tema.

Em seguida, lançamos um olhar mais aguçado sobre a descoberta freudiana, ao final de sua obra, de um repúdio do feminino em homens em mulheres, como o maior obstáculo ao fim de uma análise. Desenvolvemos nossa ideia de que a atitude psíquica de negação da diferença dos sexos está inevitavelmente vinculada à recusa do feminino em ambos os sexos, impondo empecilhos à elaboração psíquica da bissexualidade.

Tratamos em seguida do trabalho da bissexualidade psíquica do contexto do processo analítico e da importância de o analista ter integrada sua própria bissexualidade, além de trabalhar seus pontos cegos evidenciados na contratransferência, para oferecer uma escuta analítica adequada ao processo. Por último apresentamos um exemplo clínico de Patrick Miller (2002), de escuta analítica da bissexualidade psíquica, baseada no modelo continente-conteúdo (♂♀) de Bion.

#### 3.1. Formas de resistência e a negação da diferença

As formas de resistência da bissexualidade psíquica expressam-se no mundo das fantasias inconscientes, especialmente quando se impõe a escolha inconsciente do outro sexo e a realidade psíquica vive a dimensão do conflito. Pode-se afirmar que toda forma de resistência apresentada pelos desejos bissexuais é resistência ao reconhecimento da diferença dos sexos.

A relação conflituosa com os objetos primários, na forma como foram internalizados, indicará muitas vezes um entrave na elaboração das formas pré-genitais da bissexualidade, o que impedirá sua utilização, de maneira flexível, nas relações do sujeito na vida adulta. A depender da importância e da qualidade da relação com os objetos primários, o sujeito terá maior ou menor maleabilidade psíquica para lidar, em suas defesas e em suas satisfações libidinais, com os movimentos identificatórios de sua bissexualidade (Bokanowski, 1997).

Jacques André (2016) chama a atenção para a importância dos processos de diferenciação para a construção da pessoa psíquica e sua autonomia, desde a diferença entre o dentro e o fora – configurando a primeira fronteira do Eu – até a diferença entre os sexos e entre as gerações. Assinala que toda diferença está fundada sobre a negação, pois é próprio do inconsciente ignorar a negação e, portanto, a diferença, seja qual for.

O que André (2016) quer enfatizar é que não há, no inconsciente, nenhuma diferença dos sexos: “O próprio do complexo de Édipo (...) é negligenciar a diferença dos sexos e das gerações” (p. 34). Ele sublinha que a negação da diferença está na base da trama edípica, na relação incestuosa de Jocasta com Édipo e na fantasia incestuosa da criança com o genitor do mesmo sexo, tal como do sexo oposto, que Freud fez questão de ressaltar.

A crítica do pai da psicanálise a essa naturalização da escolha inconsciente de objeto está nos *Três ensaios...*: “No sentido psicanalítico, o interesse sexual exclusivo do homem

pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível” (p. 138).

Uma modalidade de resistência dos anseios bissexuais em sua forma pré-genital, expressa em sintomas e confusões identitárias que remontam ao tempo da identificação primária com a mãe e ao estado de indiferenciação, pode ser exemplificada pelo material clínico que reproduzimos a seguir. Trata-se da história de Romain, apresentada por Catherine Chabert em colóquio sobre bissexualidade psíquica e diferença dos sexos, realizado em novembro de 2015 em Paris, e publicada pela Editions Cazaubon na revista *Le Carnet PSY* 2016/2, nº 196. Segue-se um resumo do relato, extraído do artigo “Dis-moi qui tu préfères?”:

A história de Romain, para o nosso propósito, começa aos 40 anos, quando ele encontra a mulher de sua vida e, louco de amores, casa-se rapidamente com ela. É seu primeiro casamento e Romain jamais havia imaginado encontrar uma companheira que lhe fizesse tão bem. Passa-se algum tempo e o casal tem uma menina. Logo após o nascimento, a jovem mãe adoece gravemente e morre em algumas semanas.

Chabert (2016) afirma não ter palavras suficientes para dizer o desespero de seu paciente. “Um colapso de seu ser inteiro, a fuga de todos os seus investimentos – somente um, que permaneceu exclusivo, o amor por seu bebê” (p. 20). Ele dedica todo o seu tempo à pequena criança, que chora muito, como um bebê inconsolável. Certo dia encontra, por acaso, uma *lingerie* de sua mulher. Decide envolver a mamadeira com a peça para dar à sua bebê, que imediatamente após mamar cai no sono.

A partir daí os fatos se sucedem rapidamente. Romain tenta vestir as roupas da mulher falecida, ajusta-as para seu tamanho, compra uma peruca loira como a da mulher e cuida da criança travestido da mãe dela. Chabert (2016) relata que não somente a criança se sentia consolada, mas também ele se desfez da sombra aterradora que o habitava, “como se, graças a esse subterfúgio, a morte e a ausência fossem anuladas” (p. 20). Ele diz à analista que uma

criança tem necessidade absoluta de sua mãe, mas também tem necessidade de seu pai... “E assim eu posso ser os dois!” (p. 20).

A psicanalista prossegue seu relato, a respeito das lembranças de Romain quando da morte de sua mãe: ele guardara o mantô dela e o vestia, olhava-se no espelho, sentia seu perfume de mulher, era como se ela estivesse lá. Um dia essas experimentações findaram e o mantô foi deixado, em meio às suas roupas de homem. Segundo a autora, à parte dessa modalidade particular de luto, o que essa história revela intensamente vai além da curiosidade excitada pelo outro sexo.

Para Chabert (2016), a crença de Romain de que “a única maneira de satisfazer a lacuna da diferença, sentida como uma terrível ausência, é alimentar a paixão do feminino que lhe dá a impressão de existir totalmente” (p. 20). Quando a analista lhe pergunta o que é, para ele, ser uma mulher, ele responde “com uma candura de tirar o fôlego” (p. 21): é poder fazer tudo o que não lhe é permitido fazer enquanto homem.

As considerações da autora a respeito deste caso apontam para uma convicção, por parte do sujeito, de que uma bissexualidade absoluta assegura todos os lugares e possibilita reunir um pai e uma mãe em um só, na fantasia de uma unidade inseparável. Ela ressalta que não se trata de preferir um ao outro, pois não há vantagem do lado de um ou de outro e nem risco de perda de amor de ambos os lados. O que está em jogo é a dor do reconhecimento da vida comum do casal, de seus laços e de seus desejos.

Acrescentamos que a angústia instaurada com a fantasia da cena primária, e com ela a dificuldade de tolerar ser excluído do casal, pode reacender a fantasia fusionada ou de indeterminação sexual psíquica. Aquela de uma bissexualidade pré-genital a dois, ou, nos termos usados por McDougall (1997), de um corpo para dois. Essa configuração da bissexualidade mantém a fantasia de sujeito e objeto sendo um, no jogo de identificações que sustenta o sentimento de ser e não ter se distinguido, como propôs Winnicott.

Chabert (2016) descreve nesses termos as particularidades de uma vivência psíquica ilustrada no material clínico em questão:

Se o um é o outro, escolher um no lugar do outro significa, de qualquer maneira, escolher um só, onipresente, assegurando a coexistência de ambos, sem que nenhuma renúncia seja realmente imposta. A reversibilidade adquirida, graças a uma bissexualidade sem falhas, favorece as passagens do masculino e do feminino ao ignorar triunfantemente a castração e suas agruras. Uma só pessoa, mas dois sexos, se oferece como figura de identificação e como escolha de objeto: “Eu posso ser o pai e a mãe” poderia ser a palavra de ordem de uma bissexualidade pura, sem os entraves da castração. (p. 21)

Na sequência do relato clínico, a autora esclarece que, se Romain está envolvido em sua vontade de ser uma mulher, por outro lado seus desejos sexuais mais potentes se dirigem sempre para as mulheres e não tem nenhuma atração por homens. A questão essencial, para ele, é a de poder ser os dois, um pai e uma mãe, num duplo pertencimento sexual: “ter a aparência de uma mulher quando ele quer e não ter nenhuma dúvida quanto à existência de seu pênis” (Chabert, 2016, p. 21). A autora sublinha que, em sua base narcísica, a bissexualidade poderia conter um componente maníaco, ao buscar garantir um triunfo do eu ao olhar do objeto perdido, mas, sobretudo, triunfo diante da castração.

Ou ainda, a bissexualidade, sob a influência do narcisismo, pode colocar o sujeito rumo a dois sentidos opostos, no processo de identificação aos objetos parentais, aos dois sexos. Se a ação rígida do narcisismo se superpõe ao caminho de diferenciação, o sujeito é posto diante de uma escolha impossível, a de ser e ter os dois sexos ao mesmo tempo.

Nas circunstâncias clínicas descritas por Chabert (2016), a bissexualidade obteria uma vantagem econômica pela excitação de caráter maníaco e pela convicção de pertencer aos dois sexos, afastando, assim, a dor pela perda do objeto amado. Podemos aproximar essa

ideia da perspectiva econômica de Freud segundo a qual o eu alucina a realização de suas necessidades internas, recriando o seio e alimentando-se de sua própria ilusão. A impossibilidade de tornar presente o objeto faltoso impede o eu da satisfação um dia experimentada e o coloca na via de uma realização alucinatória do desejo.

Trata-se de tentar prolongar a completude narcísica vivida nos primeiros estágios do bebê na relação com a mãe – uma mãe em preocupação materna primária – que ofereceu ao psiquismo infantil a experiência de um seio pleno. Se a bissexualidade regride ao tempo das identificações primárias, a dominância do polo narcísico pode prender o sujeito a uma recusa da alteridade.

Nesses estados regressivos da bissexualidade, não se pode renunciar ao desejo de gozar, ao mesmo tempo, dos dois sexos; não se pode aceitar a castração. Essas formas primárias da bissexualidade sempre dificultarão o trabalho da diferenciação. Desde a recusa de Narciso a reconhecer Eco, a negação da diferença se impõe como entrave à elaboração das pulsões bissexuais, no sentido de sua integração no psiquismo.

Não é demais conjecturar que todo o trabalho de reconhecimento da diferença é vivenciado, em maior ou menor grau, na forma de violência ao psiquismo. Pode-se dizer que é uma exigência que se coloca no sentido oposto ao dos movimentos pulsionais; demanda um esforço elaborativo do eu para lidar com a renúncia e a perda do objeto.

A avaliação de Schaeffer (2002) nos dá uma ideia da dimensão dialética da bissexualidade e do trabalho exigido ao psiquismo na elaboração dos desejos bissexuais. Segundo ela, a bissexualidade, seja pré-genital, edipiana, psíquica ou trabalhe em oposição ao genital, é resistência à violência da diferença dos sexos.

A autora cita exemplos de como se configuram, no processo analítico, alguns estados regressivos da bissexualidade. Segundo Schaeffer (2002), uma regressão ao tempo da identificação primária alimenta a fantasia do analista-mãe-arcaica de ser um com seu

paciente. Uma imago que, para a autora, está sempre aberta dentro de nós e na análise gera fantasias de um poder narcísico fusionado, das figuras dos pais combinados, da indiferenciação sexual. Ainda segundo a autora, no caso de uma regressão à homossexualidade primária, tempo da completude erótica a dois, esta alimenta a fantasia de uma orgia pré-genital bissexual – do analista-mãe e de seu paciente-bebê no seio.

No entanto, Schaeffer (2002) lembra que a bissexualidade pode ser usada a serviço da diferença dos sexos “como um obstáculo a ser superado” (p. 27). A autora refere-se à superação das fantasias de onipotência e completude narcísica, e da ilusão da simetria, que é o horror da castração. Esta observação assemelha-se à de Haber (1997), para quem o exercício da bissexualidade psíquica nos estados regressivos é uma tentativa de sobrevivência (em sua resistência) e, paradoxalmente, de coerência de unificação; quer dizer, o psiquismo trabalha para manter uma referência narcísica identitária e pode (ou não) tomar o caminho da constituição da identidade sexuada do sujeito.

Se a bissexualidade psíquica se organiza pela mediação da fantasia pessoal, mais ou menos em relação com a fantasia parental (que inclui a bissexualidade psíquica da mãe, do pai), como salienta André Green (1973/1988b), este conflito psíquico pode se desenrolar em vários níveis. Green apresenta uma outra forma de resistência à organização psíquica. Segundo o autor, como o conflito está ligado ao narcisismo do indivíduo, mas também às suas pulsões destrutivas, ele pode tentar uma saída no aniquilamento do desejo sexual e, conseqüentemente, da identificação sexuada.

Em seu trabalho “O gênero neutro”, Green faz referência a certas estruturas psicopatológicas que parecem fixadas em um tempo no qual não existe a diferença sexual, em que a contrapartida à bissexualidade psíquica, atuada ou latente, é “a fantasia do gênero neutro, nem masculino nem feminino, dominada pelo narcisismo primário absoluto” (p. 227). Segundo ele, as pulsões de destruição trabalhariam não para a realização do desejo sexual,

mas para um estado de anulação psíquica. Assim, o não ser nada aspira a uma condição ideal, de completude e autossuficiência.

O que parece estar em jogo, mais uma vez, é a negação da diferença sexual na medida em que ela denota a falta do outro sexo. Pensamos que o conflito gerado pelo objeto ausente pode propiciar uma acentuação das forças do narcisismo primário (na perspectiva de Green) que atuariam para extinguir toda excitação e desejo, uma vez que o narcisismo negativo, segundo Green, se esforça para reduzir as tensões ao nível zero.

Retomando então a posição deste autor sobre a noção de falta, marcadamente distinta da de Lacan, ele considera que a falta em si não é obrigatoriamente propulsora do desejo e pode, inclusive, ter um destino contrário. Green (1973/1988b) atenta para a necessidade do psiquismo de buscar alívio das tensões surgidas pelo excesso de realidade. Seguindo o seu pensamento, entendemos que a fantasia do gênero neutro tenderia à redução das necessidades impostas pela bissexualidade, como se tudo o que fizesse jus ao desejo fosse regulado pela lógica do tudo ou nada, da forma traduzida por Green: “Já que não posso ter tudo nem ser tudo, não terei, não serei *nada*” (p. 236).

Com a finalidade de explorar uma outra ótica na qual a bissexualidade psíquica se opõe ao reconhecimento da diferença dos sexos, recorreremos a uma leitura original de Jacques André a respeito das teorias sexuais infantis do pequeno Hans e do pequeno Louis (baseada no livro autobiográfico de Louis Althusser, *O futuro dura muito tempo*). O trabalho do psicanalista francês, com o título “Le petit Louis et le petit Hans”, foi publicado em 2016 no nº 196 da *Revue Le Carnet PSY* (Editions Cazaubon).

Primeiramente, o retrato melancólico de Althusser, o filósofo cuja obra era leitura obrigatória do estruturalismo francês nos anos 1960 e 70, mas que se tornou célebre por ter estrangulado a mulher de sua vida, com quem vivia há 34 anos. André (2016) debruça-se

sobre o relato autobiográfico do filósofo, escrito após a internação em clínica psiquiátrica judiciária, pelo ato cometido, mas sem direito a julgamento. A escrita do livro mencionado foi seu ato de confissão, sua saída para pronunciar-se e negar a própria morte.

Segue-se um resumo das observações do psicanalista a respeito da vida do filósofo contada no livro. O primeiro contato amoroso e sexual de Louis Althusser, aos 30 anos, deu-se com sua mulher e o lançou num abismo de angústia; ele declara seu medo de morrer antes da ejeção, e faz sua primeira internação psiquiátrica, com diagnóstico de melancolia. As depressões profundas marcam a vida de Louis; o colapso vinha a cada vez que uma mulher o assediava. Escreveu que o sexo feminino era um abismo onde o homem estaria ameaçado de se perder, sem retorno.

Segundo André (2016), a melancolia descrita por Louis é aquela profunda e perigosa, da confusão identificatória com a morte idealizada, que remete à sombra do tio brilhante e amado, cujo nome era Louis, morto aos 18 anos na guerra e por quem a mãe de Louis fora apaixonada na juventude. Com a morte do noivo, ela casa-se com o cunhado. A importância desta memória está nessa espécie de incesto que toma lugar na mente do pequeno Louis. André comenta o fato: “É bem difícil sair ileso de uma tal cena primitiva” (p. 30).

André (2016) traz a questão: como se dá a diferença dos sexos em toda essa história? O relato de Louis traz uma recordação de infância: ele lembra de sua mãe dando banho em sua irmã nua, ele também nu, enquanto esperava sua vez e ouvia sua mãe dizer-lhe que a irmã era um ser frágil, estava muito mais exposta aos micróbios que um menino. Com gestos, a mãe lhe mostrava que ele tinha somente dois buracos no corpo, enquanto a irmã tinha três. Buraco pode ser a chave que nos leva a entender a falha no trajeto psíquico da bissexualidade em nosso personagem. Vejamos o que o autor comenta:

“Buraco” é uma palavra psicótica? Enquanto reflete sobre a formação da palavra esquizofrênico, Freud evoca dois pacientes, um multiplicando em seu rosto as

cavidades femininas ao esvaziar os poros de seus pontos negros, o outro, paciente de Tausk, percebendo os furos de suas meias, a cada vez que ele metia o dedo, o que equivalia ao sexo feminino. (...) A palavra esquizofrênico está submetida ao mesmo trabalho que o trabalho do sonho, regida como ele pelo processo primário. Isso não se compara a “buraco” que não é uma palavra psicótica, só o funcionamento psíquico que faz uso dessa palavra pode ser qualificado como tal. Resta então que “buraco” não é uma palavra banal, a etimologia sugere a violência de uma abertura atravessando o corpo, furado e ferido profundamente; sua designação do orifício feminino é também antiga e vulgar. (André, 2016, p. 30-31)

Freud (1894/1986) escreve em carta a Fliess que, na melancolia, o buraco está no psíquico (p.105). É esta qualificação que André (2016) propõe para pensar a via psicosssexual de Louis, um buraco revelando a depressão e a angústia diante do abismo do sexo feminino. “O buraco melancólico reúne o sexo e a morte” (p. 31) e denuncia a angústia por algo perdido.

Outros dois elementos da história de Louis são destacados por André (2016). O micróbio, que poderia entrar pelos buracos do corpo, por ser invisível faz desaparecer a fronteira ente o dentro e o fora, ameaçando as fronteiras do eu. André sublinha que quanto mais um corpo está esburacado, mais está exposto a infecções, e o corpo da mulher, exposto aos buracos e às perdas, “é o lugar de todos os perigos” (p. 31). O segundo elemento é o pênis, oculto até os 26 anos, quando Louis tem a primeira masturbação, segundo confessa no livro. O pênis não está ausente na infância de Louis, mas quando surge “é sob a forma de monstro do Lago Ness, pênis paterno violador da mãe e sedutor da pequena irmã” (p. 31).

Na articulação entre as teorias-fantasma do pequeno Louis e do pequeno Hans, André (2016) sinaliza muitos pontos em comum. O psicanalista assinala que Hans alucina negativamente a vulva e a relaciona ao sexo da menina; Louis se silencia sobre o pênis e multiplica os buracos. Desse modo, as duas teorias negam a diferença dos sexos: “Para Hans,

há somente um sexo, o pênis, têm-se ou não se tem; para Louis, há somente um sexo, o buraco, temos dois ou temos três” (p. 31). André vê uma lógica binária em Hans, um ou zero, presença ou ausência, e uma lógica complexa em Louis, dois ou três, lógica difícil de operar.

Os buracos psíquicos de Louis que o jogam no abismo do sexo feminino o impedem de reconhecer o outro sexo. Poderíamos pensar no papel dos buracos negros mencionados por Bion (1967/1994) atraindo e destruindo os pensamentos e impossibilitando a capacidade de pensar (que é a capacidade de tolerar a frustração). Green (2000) complementa essa ideia pensando na ação do negativo em sua forma destrutiva, que cria um ferimento na mente, produzindo uma “hemorragia da representação” (p. 142), estado de vazio ou buraco. Tustin (1990) fala do “buraco negro” (p. 31) da sensação de perda irreparável não elaborada, o que leva certos pacientes a criarem uma cápsula autística impenetrável que os torna inacessíveis ao contato, embora operem com a parte neurótica da personalidade (Bion, 1967/1994).

Para André (2016), a teoria do pequeno Hans não se limita a reter um só sexo, transforma-o no emblema do falo; enquanto não há nada a fazer com a angústia do buraco. Esta lacuna, diz, deve ser entendida na configuração psíquica onde a teoria sexual se inscreve: neurose e angústia de castração em Hans, melancolia-depressão e angústia de perda em Louis. Segundo André, muitos psicanalistas entrelaçam a teoria do primado do falo à teoria da diferença dos sexos, o que, para ele, é um erro: “O primado do falo, longe de transcreever a diferença *dos* sexos, opera sua negação; o sexo é Um, presente ou ausente” (p. 31).

Neste ponto André (2016) faz uma crítica a Freud, atribuindo ao mestre o erro original de instalar o primado do falo sobre a teoria da feminilidade a partir de 1923. Para o psicanalista francês, ao evocar o masoquismo feminino em 1924, Freud não sabe descrevê-lo nos homens e confunde feminino e castrado. André ressalta que, pouco tempo antes, Freud havia descoberto o masoquismo propriamente feminino, “associado à passividade, à penetração e então ao orifício” (p. 32). Mas quando retoma e corrige a interpretação dessa

fantasia em 1925, sob a égide do primado do falo, “nesse assunto ele [Freud] perde completamente a feminilidade-passividade e deteriora sua própria clínica” (p. 32), opina.

Para o autor de *As origens femininas da sexualidade*, falta à metapsicologia freudiana inscrever o sexo feminino na psicosexualidade, no infantil. Segundo ele, quando Freud desvincula o primeiro sintoma da via sexual, a frigidez, da sexualidade infantil – tomando-o como sintoma neurótico dos processos psicosexuais da puberdade, a consequência é um clitóris que se toma pelo falo e não quer ceder seu lugar. André sustenta que a assimilação do sexo feminino ao ferimento da castração do pênis resulta no horror ao feminino; daí a equação frequente entre feminilidade e castração.

### **3.2. O feminino e a rocha da recusa**

Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita. E quando vou me explicitar perco a  
úmida intimidade.  
*Água viva*  
Clarice Lispector

Neste ponto, nosso estudo leva-nos de volta à evidência apontada por Freud em 1937 de um repúdio da feminilidade, encontrado tanto nos homens quanto nas mulheres, como o maior obstáculo ao fim de uma análise. Parece-nos que a atitude psíquica de negação da diferença dos sexos está inevitavelmente vinculada à recusa do feminino, nos dois sexos, o que nos impele a explorar algumas ideias desenvolvidas por autores contemporâneos, na tentativa de aproximar esse tema dos empecilhos à elaboração psíquica da bissexualidade.

Optamos pelo termo recusa do feminino por parecer-nos mais adequado em relação às designações utilizadas para feminilidade e feminino. Freud (1933/2010b) recusou-se a dar uma definição para feminilidade, mas comumente utilizou o termo como uma condição

psíquica que a mulher alcança na puberdade, com a repressão do complexo de masculinidade, caracterizada pela preferência por metas passivas. Fez a ressalva de que isto não é o mesmo que passividade, pois é necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva.

Quanto ao feminino, vemos em Freud o emprego como atributo psíquico relacionado à passividade, embora tenha insistido que qualquer designação de feminino e masculino seria insatisfatória e apenas convencional, como vimos anteriormente. Nas incontáveis vezes em que masculino/feminino e masculinidade/feminilidade são utilizados, Freud não faz discriminação entre esses termos (Paim Filho, 2014).

Há muitas referências de autores que buscam distinguir e articular os conceitos de feminilidade e feminino, que demandariam um estudo à parte. Acompanhamos os autores referenciados neste estudo, que recorrem ao uso de feminino, em sua relação à passividade pulsional (André, 1996) que está na origem do psiquismo, e que, claramente, não se trata de uma passividade comportamental. Na hipótese que Paim Filho (2014) apresenta para o enigma freudiano do repúdio da feminilidade, e que veremos a seguir, ele propõe a mesma distinção, na medida em que toma o feminino como característica fundante do psiquismo, o qual vai caracterizar os aspectos constitutivos da bissexualidade, ao lado do par masculino.

A recusa do feminino, comum a ambos os sexos, tem consequências diferentes para os dois, pois a posição masculina na mulher não é da mesma natureza que a posição masculina no homem, e da mesma forma com relação à posição feminina nos dois sexos. O problema colocado por Freud em “Análise terminável e interminável” quando trata dos fatores de resistência da mulher (inveja do pênis) e do homem (luta contra a posição passiva ou feminina) é a capacidade e o grau de internalização psíquica do feminino e da posição feminina nos dois sexos (Bokanowski, 1997).

Ao reconhecer a recusa do feminino como uma rocha no caminho para o desfecho da análise, Freud sinaliza para outra rocha no destino da organização psíquica da bissexualidade.

Schaeffer (2002, 2009) chama a atenção para a bissexualidade e a recusa do feminino como o quarto par referido aos destinos da psicosexualidade, que surge no texto freudiano de 1937. Segundo ela, a nova dupla, e igualmente cada um dos termos desse novo par, remete a uma negação da diferença dos sexos.

Por um lado, diz Schaeffer (2002, 2009), a recusa do feminino é a negação do que é mais difícil de caber numa lógica anal ou fálica, isto é, um sexo feminino invisível, estranho e portador de fantasias temidas. O feminino remeteria o homem à imagem do sexo castrado e a temer por seu próprio sexo, uma vez que a abertura do corpo feminino, sua busca pelo gozo sexual e sua capacidade de receber grandes quantidades de libido constante são fonte de angústia, para o homem e a mulher. A fantasia temida do feminino, para Althusser, era o abismo onde o homem está ameaçado a se perder sem retorno.

Por outro lado, a bissexualidade psíquica, que tem função organizadora das identificações pré-edípicas e as cruzadas do conflito edípico, mas também a fantasia atuada, comportamental, da bissexualidade, agem como defesa diante da elaboração da diferença dos sexos, no nível da relação sexual genital (Schaeffer, 2009). Para a autora, tanto para o homem quanto para a mulher a recusa do feminino é uma defesa pré-genital contra a angústia da penetração genital. “A de uma *vagina que deve se deixar penetrar ou que se trata de penetrar através de um pênis libidinal*” (p. 110).

A partir dessas considerações, nota-se que o acesso à diferença dos sexos necessariamente não representa estabilidade e conformidade a uma realidade psicosexual segura. A hipótese levantada por Jacqueline Schaeffer (2009), com a qual concordamos, é de que aquilo que Freud endereça como rocha é, a rigor, a diferença dos sexos. Se a resistência à violência da diferença dos sexos não pode ser vencida, ela torna-se uma rocha. O destino da bissexualidade enfrentará a recusa do feminino, da passividade pulsional frente a um

outro; terá que lidar com a admissão do elemento estranho, da posição feminina, para alcançar a diferença sexual.

É interessante, neste ponto, trazer um esboço das ideias de Jacques André (1996) a respeito das origens femininas da sexualidade. Ele articula as primeiras experiências passivas da criança com a posição feminina e situa a feminilidade na gênese da psicosexualidade em geral. O autor retoma a proposta de Freud de que o elemento recalcado por excelência é o feminino, o que o leva a formular que “a feminilidade é a própria qualidade da alteridade” (p. 11), ou a abertura para esta. Ao aproximar o elemento feminino do inconsciente, concebe o feminino como o outro dentro de nós. O feminino, assim, está na origem na constituição psicosexual dos seres humanos.

A partir da teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992), que situa na sedução do adulto sexual e na passividade originária da criança a gênese do aparelho psíquico sexual, André (1996) faz uma conjunção entre a criança seduzida e a posição feminina. É o que a caracteriza como “uma criança-cavidade, criança orificial” (p. 98), referência à penetração generalizada, na criança, das mensagens sexuais inconscientes do adulto. Como esclarece André, a criança é penetrada por efração. Nessa conjunção, a vagina, por seu caráter orificial e penetrável, é usada como metáfora para a feminilidade.

Sobre a penetração como constitutiva da feminilidade, André (1996) argumenta: “A situação geral de sedução reúne um adulto efractante e uma criança efractada: as palavras nos ouvidos, o mamilo na boca, o supositório no ânus... a penetração (sedutora) do adulto não é simples metáfora, mas passa pelo ato” (p. 99). Acreditamos que essas breves considerações sejam suficientes para chegarmos a outras duas formulações de André. A primeira é que a passividade, como alvo pulsional, corresponde a gozar com o que lhe ocorre, participar com gozo daquilo que penetra o interior, que se intromete.

Em segundo lugar, a passividade, como alvo pulsional, substitui a passividade do eu diante do ataque pulsional, a qual substitui, à sua vez, a passividade traumática do recém-nascido frente ao mundo adulto (André, 1996, p. 108). Para o autor, é essa passividade que é tão difícil de aceitar, e que evidencia, tanto no homem quanto na mulher, a recusa do feminino. Nesses termos, André afirma que o outro sexo, para o homem e para a mulher, é sempre o sexo feminino, inscrito no corpo e no psiquismo da criança pela efração sedutora originária do outro adulto.

Ribeiro (2000) traz um importante acréscimo às ideias de Jacques André, das quais compartilha em sua maioria. Além da proposição de que a feminilidade primitiva funciona como uma primeira representação da passividade da criança (de ambos os sexos) diante da situação traumática da sedução, Ribeiro concorda com a hipótese de que essa feminilidade primitiva, por estar tão próxima da sedução originária, está fadada ao mais profundo recalçamento. Mas acrescenta a essas conclusões o conceito de identificação feminina primária. Para Ribeiro, a identificação tem uma função central na instauração da feminilidade primária de meninos e meninas. E sustenta que “a identificação com a mãe é imprescindível para o surgimento da feminilidade” (p. 247), ao passo que, para André, a feminilidade na criança é induzida pela fantasia paterna da penetração.

Lembramos que, para Winnicott (1971/1975b), há uma feminilidade primária que diz respeito ao ser. Ou seja, em termos de identificações primárias, a feminilidade é uma categoria ligada ao ser, à identidade, e concerne a ambos os sexos, sendo decorrente da primeira relação com a mãe. De acordo com Winnicott, é na absoluta dependência da provisão materna, pela qual a mãe atende ou não ao funcionamento mais primitivo do elemento feminino, que se tem a base da experiência de ser.

Green (1973/1988b) evoca a função determinante do meio materno para sustentar, com Winnicott, que o elemento feminino originário materno, pelo seu intrincamento com a

dependência do bebê, deve ser aceito e integrado nos dois sexos. Ao incluir a feminilidade originária e a recusa da feminilidade na discussão sobre a bissexualidade psíquica, Green parece considerar também a hipótese de um profundo recalçamento da representação elementar feminina. Afirma que essa “*passivação originária* é talvez o objeto de um recalçamento primordial” (p. 229), o qual justificaria a defesa de Freud de que, nos dois sexos, a feminilidade é mais difícil de ser aceita.

Vejamos como Paim Filho (2014) discorre sobre a recusa do feminino, também a localizando nos primórdios do psiquismo, e como ele propõe uma solução para esse enigma freudiano, defendendo a ideia de uma disposição feminina originária. Quando Freud remete ao campo biológico a recusa do feminino, conforme expusemos no primeiro capítulo, ele causa uma inquietante estranheza, afirma Paim, indagando o que teria levado Freud, no final da vida, a delegar à biologia a tarefa de decifrar esse enigma. “Talvez Freud tenha retomado a saída biológica por pensar que o feminino, os destinos pré-recalque [da pulsão] e o recalçamento originário são, por si só, extremamente enigmáticos, pois eles remetem aos mistérios das origens do vir a ser humano” (p. 44).

É mesmo em Freud que Paim Filho (2014) encontra subsídios para tentar possíveis respostas a esta questão. Acompanhamos sua reflexão: a partir do pressuposto freudiano de que o recalçamento, na sua presença/ausência, é a pedra angular do psiquismo, em suas origens tem-se de um lado o inconsciente não recalçado, e de outro o recalçamento originário que cinde o psiquismo e instaura o inconsciente recalçado, ao mesmo tempo em que inaugura o sistema representacional. Segundo Paim, esses destinos pulsionais respondem pela passagem de uma sexualidade somática para uma psicosexualidade.

Lembramos o que disse Freud (1937/1987a): “Frequentemente temos a impressão de que o desejo de um pênis e o protesto masculino penetraram através de todos os estratos psicológicos e alcançaram o fundo” (p. 270). Prosseguiu: “Isso é provavelmente verdadeiro,

já que, para o campo psíquico, o campo biológico desempenha realmente o papel de fundo subjacente” (p. 270). Para Paim Filho (2014), o fundo do campo psíquico constitui-se “no interjogo do não recalcado e do recalcado” (p. 45). Valendo-se da metáfora freudiana do leito de rocha, Paim supõe que sobre sua face superior instaura-se o mundo representacional, da fantasia, do desejo; sob a face posterior, o não representacional, o aquém do desejo.

Como esclarece esse autor, vemos em Freud uma proposta de que o repúdio ao feminino é sustentado por uma presença/ausência pulsante no inconsciente não recalcado, o fundo do psiquismo. Segundo Paim Filho (2014), para que ocorra o repúdio ao feminino como propõe Freud, “é imprescindível que esse feminino esteja ancorado em outro tempo, em uma pré-história individual e universal” (p. 45).

Mas como se sustenta, sob a ótica desse autor, a ideia de um feminino nas origens, o qual, reitera, traz o desamparo do nascer psíquico e denuncia a fusão da pulsão de morte com a libido? Paim Filho (2014) recorre ao *Rascunho M* de Freud, de 1897, no qual o inventor da psicanálise sugere que o elemento essencialmente recalcado é sempre o feminino. Quando, em 1937, Freud ressignifica essa afirmação, na opinião de Paim ele possibilita-nos entender que, “se existe um repúdio, houve um tempo, provavelmente mítico, em que isso se fez presente, e por ser intolerável teve que ser contido” (p. 46).

Entendemos que aí se instalaria a ação defensiva primordial, por meio do recalçamento do feminino, quando o psiquismo se defenderia do desamparo originário. Haveria então, segundo Paim (2014), um feminino contido e mantido pelos destinos pulsionais pré-recalque, e um feminino repudiado pela ação do recalçamento. Com isso, diz ele, “o repúdio ao feminino é constitutivo, um destino inevitável, enquanto o feminino não repudiado é uma dura conquista do desenvolvimento representacional e simbólico” (p. 46).

A recusa do feminino resultaria então de uma angústia diante de uma força intensa pulsional, sobre seus alvos passivos. Sendo o feminino aspecto integrante da bissexualidade

psíquica, a disposição feminina originária, ligada à passividade e ao desamparo, marcaria, em um primeiro tempo, a potencialidade do feminino de receber as intensidades pulsionais do sujeito e do objeto. Segundo Paim Filho (2014), seria o tempo de uma abertura que instaura uma psicosexualidade vinda do objeto (função materna), o outro imprescindível para a fundação do psiquismo. Com o trajeto da passividade para a atividade, impulsionado pelas identificações iniciais, em um segundo momento, da disposição masculina, segundo o autor, haveria o corte da castração, ligado à função paterna. Para Paim, a necessidade do outro, que é “presentificado na experiência de abertura e corte” (p. 47), alimenta em homens e mulheres o repúdio ao feminino.

### **3.3. Bissexualidade e recusa do feminino no processo analítico**

Dificuldade do analista: ter ao mesmo tempo afirmada sua própria identidade sexual e uma identidade psicanalítica flutuante, vacilante, a ponto de poder, ou ao menos deixar entender, a seu paciente: “O que lhe garante que eu sou um homem?” (ou uma mulher).

*À margem dos dias*

J. B. Pontalis

Retomemos a questão apontada por Freud (1937/1987a), ao final de sua vida, para examinar as implicações da recusa do feminino, em suas diferentes formas de expressão em homens e mulheres, no processo analítico. “A coisa decisiva permanece sendo que a resistência impede a ocorrência de qualquer mudança – tudo fica como era” (p. 270). Ao tratar das dificuldades enfrentadas pelo analista frente às resistências do analisando, Freud elegeu a questão da elaboração da bissexualidade psíquica como fator de “importância suprema” (p. 269) no processo analítico, que requer a atenção e o reexame do analista.

Freud (1912/2010a, 1937/1987a) sempre reconheceu que, no processo analítico, nada é mais difícil do que vencer as resistências. Mas advertiu sobre o valor dos fenômenos de resistência, por darem a conhecer partes secretas e esquecidas do paciente, e sempre considerou que o trabalho efetuado por este sobre suas próprias resistências era essencial para o êxito do tratamento. Voltando agora aos seus comentários em “Análise terminável e interminável”, pode-se imaginar mais uma razão que levou Freud a conferir ao repúdio do feminino o peso de uma rocha.

O veredicto de Freud nos dá a dimensão que o tema alcança quando dirigimos nosso olhar para o processo analítico. Justamente porque a dinâmica do processo transcorre num espaço (analítico) que se inscreve no encontro de dois espaços psíquicos, o do analisando e o do analista. Isto quer dizer que os afetos de ambos os protagonistas desta cena analítica serão sempre mobilizados e a resistência do analisando, que surge via transferência, suscita resistência do analista, em sua contratransferência. O trabalho analítico vai envolver, sempre, a bissexualidade psíquica do paciente e do analista, nas distintas expressões e dinâmicas específicas a cada um.

Para Bion (1992a), qualquer fenômeno surgido no campo analítico diz respeito a uma reciprocidade de interação entre paciente e analista. Segundo ele, assim como a resistência (a luta por manter os pensamentos sempre inconscientes) é inseparável da transferência, pois esta é o veículo daquela, também a transferência é sempre inter-relacional.

Portanto, tanto os efeitos da resistência do analisando, colocados em cena na transferência, quanto os efeitos de contrarresistência do analista, pela contratransferência, vêm organizar o motor do processo analítico (Bokanowski, 1997). Segundo o autor, o eixo central desse motor que vai organizar o conflito psíquico gerado pelas moções pulsionais, desejos e identificações do sujeito é o complexo de Édipo.

Sabemos que o Édipo, em sua dupla configuração (positivo e negativo), resulta da dupla identificação masculina e feminina e, na análise, revela o conflito relacionado à diferença dos sexos e das gerações. Bokanowski (1997) diz que é ele sobretudo que ativará na análise as posições identificatórias a serem trabalhadas na elaboração da bissexualidade psíquica. É isso que motiva o autor a afirmar que o Édipo está no centro do trabalho da bissexualidade pelos dois protagonistas da situação analítica.

Se os afetos experimentados pelo analista em seu trabalho com o analisando, que chamamos de contratransferência, são ferramentas fundamentais para o trabalho de elaboração e interpretação do analisando, também as identificações deste, frente às do analisando, têm uma participação muito importante no processo. A análise vai, desse modo, colocar à prova a bissexualidade psíquica do analista. “Na sessão, o analista é constantemente solicitado ao nível de suas identificações inconscientes profundas pelo jogo da regressão, e pela tensão permanente de sua atividade fantasmática, na constituição do seu ‘infantil’” (Bokanowski, 1997, p. 114).

Daí a participação determinante das teorias sexuais infantis nas representações psíquicas, de cada par da dupla, da sexualidade e também da bissexualidade. Segundo Bokanowski (1997), a liberdade do analista com relação às suas fantasias pré-conscientes que surgem da malha de suas teorias sexuais infantis vai lhe possibilitar utilizá-las no trabalho analítico. Segundo o autor, se esse é o caso, permite ao analista estar em condição de se identificar com os outros em suas diferenças (o outro sexo), como também com uma psicosexualidade diferente da sua. Esta capacidade, reitera, implica que o analista tenha integrado sua própria bissexualidade e que possa assumir seu pleno funcionamento.

Isto significa que é necessária ao analista uma escuta de seu paciente que lhe permita acompanhar na situação analítica as várias posições a que o analisando o convoca na transferência. Mas este pode não ser o caso. Como ressaltam David (1997) e Bokanowski

(1997), subsistem em todos nós inevitáveis pontos cegos, elementos de nossa psicosexualidade esmagados que são novamente esquecidos ou negados. Dizendo de outro modo, o analista nem sempre pode assumir totalmente sua bissexualidade e lidar com ela. Este ponto cego na relação contratransferencial pode comprometer o processo analítico e até interrompê-lo.

O exemplo de Freud (1905/1987d) na análise de Dora é clássico. Em nota ao posfácio do caso clínico, ele admite sua dificuldade de ser objeto de transferência homossexual (feminina) de Dora, o que lhe custou a ruptura do tratamento por parte de sua paciente: “Antes de reconhecer a importância da corrente homossexual nos psiconeuróticos, fiquei muitas vezes atrapalhado ou completamente desorientado no tratamento de certos casos” (p. 114).

Uma referência de Bokanowski (1997) a esta passagem tem importância precisa para nossa temática. Anos depois de encerrado o tratamento de Dora, Freud reconheceu que a análise foi interrompida por ele não ter descoberto e interpretado a tempo a transferência homossexual de Dora. Bokanowski observa que hoje sabemos que essa interpretação não seria possível “a não ser que Freud, à época, pudesse e soubesse se reconhecer nesse objeto (homossexual) feminino, isto é, estar em condição, na sua contratransferência, de se identificar com uma mulher” (p. 115).

Outra conhecida passagem de Freud ilustra, mais uma vez, as supostas dificuldades enfrentadas pelo criador da psicanálise para trabalhar com a própria bissexualidade, na posição a qual o paciente o convocava, além da frequência com que a bissexualidade é evocada na situação analítica. Nas memórias de Hilda Doolittle (2012) sobre sua análise com o professor Freud, ela relata a seguinte passagem:

(...) O ambiente e os interesses do Professor parecem derivar de minha mãe, ao invés de meu pai, e contudo, dizer que a “transferência” está para Freud como uma mãe não me satisfaz plenamente. Ele havia dito: “E – preciso lhe dizer (você foi franca comigo

e eu serei franco com você), eu *não* gosto de ser a mãe na transferência – isso sempre me surpreende e me choca um pouco. Sinto-me muito masculino”. Perguntei-lhe se outros tiveram o que ele chama de transferência-mãe com ele. Ele disse ironicamente e acho que com certa melancolia, “ah, *muitíssimos*” (p. 168)

A franqueza com que Freud lidava com seus afetos conscientes é sempre notável e enriquecedora para nossas reflexões, como também a coerência com suas descobertas sobre o próprio inconsciente, quando fala a Ferenczi, em correspondência de 1910, a respeito da libido homossexual que o ligava ao amigo Fliess. Se Freud muitas vezes não suportou certas transferências da constelação bissexual, por outro lado pôde reconhecer sua própria homossexualidade (Freud, 1986, p. 4), a qual nos remete à passividade e ao enamoramento que nos liga aos nossos analistas.

A questão da contratransferência é colocada por Bion (1992b) na perspectiva dos limites que este fenômeno impõe à situação analítica. O autor discrimina entre os sentimentos que o analista experimenta com seu paciente, dos quais está consciente e pode usá-los para fazer uma interpretação, e aqueles outros (contratransferenciais) dos quais o analista não está consciente e, portanto, não pode empregá-los, tendo como única opção analisá-los para torná-los conscientes (Corvo, 2008).

Podemos depreender disso, acompanhando Christian David (1997), que a tomada de consciência continuada de sua própria bissexualidade psíquica é, para o analista, uma ferramenta insubstituível de construção de sentido em qualquer análise, desde que o sexual esteja implicado no material clínico. Repetindo David (1992), a bissexualidade psíquica do analista está no coração do trabalho analítico e de seu trabalho contratransferencial. Sua manutenção enquanto instrumento de trabalho permite-nos, segundo David (1997), ir além da consideração das posições ativa/passiva e da dupla masculinidade/feminilidade, contaminadas pelos estereótipos psicológicos.

O espaço analítico permite, assim, que certas disposições e movimentos identificatórios se “rebissexualizem” (David, 1992) na relação de transferência que atualiza as relações objetais do passado. As identificações do sujeito com os objetos do mesmo sexo ou, inversamente, com os do outro sexo sempre representarão impactos bem diferentes sobre o narcisismo e as valências objetais do sujeito (Bokanowski, 1997).

Isto quer dizer que as muitas diferenças que se manifestam no jogo de identificações inconscientes no campo transferencial da relação analítica, referidas à bissexualidade psíquica, só revelam a lógica do inconsciente e a complexidade da psicosexualidade humana. David (1997) esclarece essa ideia: “O “masculino” que apreende e interioriza tal mulher não é idêntico àquele que apreende e interioriza tal homem; a homossexualidade psíquica feminina – em sua diversidade – não é homotética à homossexualidade masculina, ela mesma muito complexa” (p. 154).

David (1997) acrescenta que o esquema do feminino que se acha consciente e inconscientemente operante em um analisando cuja imago paterna é autoritária e viril não é nada semelhante ao esquema do feminino de um analisando com imago paterna efeminada e imago materna carregada de forte falicidade.

De acordo com Miller (2002), a bissexualidade aparece na escuta analítica por meio das formações psíquicas (fantasias, sonhos, identificações) e consistem em formas muito elaboradas sobre o modo como as representações se organizam na psicosexualidade do analisando. Sob esses movimentos psíquicos mais elementares é que a escuta do analista pode referir à polaridade masculino/feminino e à bissexualidade.

Para Bokanowski (1997), quando surge na sessão analítica, as formas pré-genitais da bissexualidade são em geral difíceis de serem detectadas. Isto ocorre, segundo ele, porque esses aspectos bissexuais precoces são presos aos conflitos narcísicos do sujeito, que demonstra ao mesmo tempo ódio e apego aos objetos e se manifestam de forma oscilante.

Essas formas podem estar associadas a uma angústia de vazio e levar a sérias confusões do eu nas relações entre o dentro e o fora e confusões no nível das zonas erógenas. O autor comenta que, nesses casos, o paciente tem um discurso manifesto não-sexual, que mascara sua sexualidade infantil, ameaça seu sentimento de identidade, colocando à dura prova o analista, em suas vivências contratransferenciais.

A escuta analítica da bissexualidade psíquica, dessa maneira, organiza-se de acordo com vários elementos: as posições masculina e feminina na sexualidade infantil e na adulta viabilizam uma variedade de expressões na relação transferencial, que vão desde o pré-genital ao genital, expressões do homossexual e do heterossexual, do paterno, do materno e do infantil (Bokanowski, 1997).

Transcrevemos a citação de Schaeffer (2002) a respeito de como podem surgir as manifestações transferenciais e contratransferenciais da bissexualidade na análise:

Com um homem ou uma mulher, eu posso endossar uma transferência paternal. Minha bissexualidade, desde que solicitada em um nível pré-genital, é então utilizada a um nível edipiano, das identificações cruzadas, alternativas, permitindo o acesso ao outro e à sua diferença. Eu posso endossar a transferência de uma mulher sexuada, ou a de uma mãe sexuada capaz de transmitir a uma filha sua capacidade de se submeter a um homem, a se abrir à efração de um amante prazeroso. Eu posso também endossar a transferência de uma mulher homossexual, fálica, invejosa da feminilidade de sua filha, ou da gravidez de uma mulher. E muitas outras. (p. 29)

Com isso, Schaeffer (2002) defende que, se o analista não escuta o paciente com sua bissexualidade, e não responde no espaço intersubjetivo da diferença de sexos, deixa de escutar, por exemplo, os aspectos de angústia, inveja e ódio do analisando, impossibilitando o trabalho analítico do masculino e do feminino. Para a autora, um analista que não interpreta na bissexualidade psíquica, ou se sente muito afirmado em seu sexo, representa dois extremos

do mesmo: “Dois sexos por um – a bissexualidade – ou um só sexo para dois – o fálico – são duas formas da recusa do feminino” (p. 30).

Assim, a recusa do feminino, comum aos dois sexos, representa um desafio à sua elaboração no processo analítico. Como buscamos explorar neste capítulo, o feminino é um componente organizador da bissexualidade psíquica e pode ser alocado a um lugar central no desenvolvimento psicosexual – pelo próprio esforço demandado ao eu na ativação de defesas e na resistência à posição feminina. Desse modo, parafraseando Bokanowski (1997), o feminino encontra-se no coração do processo analítico.

Com essas considerações, compreendemos que o trabalho da bissexualidade no processo analítico é também o trabalho do feminino, tanto no homem como na mulher. Nossa hipótese, que buscamos sustentar nesta pesquisa, é de que a integração psíquica da bissexualidade passa pelo trabalho do feminino, e é este, sobretudo, que leva à elaboração da diferença dos sexos. Concordamos com Schaeffer (2009) ao sustentar que a internalização e aceitação da diferença mantém-se sempre conflituosa e instável, pois se trata de um trabalho psíquico constante de masculinidade-feminilidade, que se vê frequentemente ameaçado à regressão a estágios pré-genitais, da oposição ativo-passivo ou do par fálico-castrado.

#### **3.4. A bissexualidade na escuta do analista: um modelo bioniano**

Para finalizar este capítulo, propomos um percurso por um material clínico utilizado por Patrick Miller (publicado na revista francesa *Topique*, nº 78, de 2002), que nos permite associar as abstrações do modelo continente-conteúdo de Bion, descrito no capítulo 2, à escuta analítica da bissexualidade psíquica. O modelo ♂♀, simbolizado no material a seguir por *e* e *d*, é utilizado para designar a interação do par analítico, nas funções masculinas e femininas da personalidade. Nosso propósito é ilustrar os movimentos psíquicos da

bissexualidade, tal como emergem da mente do paciente e do analista e como podem servir de aparato no trabalho de escuta do analista.

Com esse material queremos chamar a atenção para os movimentos psíquicos mais elementares que ocorrem numa sessão analítica e para o fato de que a escuta atenta do analista favorece o exercício de masculinidade e feminilidade pelo par analítico e a elaboração da bissexualidade psíquica. De outro modo, o material da sessão pode revelar, na relação contratransferencial, pontos cegos do analista com relação à sua bissexualidade, o que compromete o trabalho do par, no sentido expresso por Sandler (1999) de um par criativo, contraparte psíquica da dupla parental criativa.

Descrevemos a seguir o material, de forma resumida, porém guardando fidelidade ao relato original apresentado por Miller (2002), que tem início fora da sessão analítica. Ele encontra-se num grupo de trabalho clínico de 10 pessoas e há somente uma mulher. Descreve sua impressão anterior dessa colega, sempre calorosa e sorridente. Dessa vez, algo diferente se passa, ela está congelada, rosto imóvel, não deixa passar nada de sua feminilidade nesse grupo de homens, ele tem a impressão de que ela se neutraliza toda. Na reunião de trabalho seguinte, a psicanalista procura-o para conversar sobre um caso clínico que a preocupa muito. Ela então relata ao colega supervisor.

Ela tem em análise por nove anos uma mulher jovem extremamente bem-dotada, de brilhante carreira universitária e beleza estonteante. A analista chegou a pensar que seria talvez a hora de colocar um fim à análise, pensou mesmo em fixar uma data, contudo, tem um sentimento de fracasso, crê numa análise interminável ou uma reação terapêutica negativa. Todo o material clínico parece ter sido trabalhado, sonhos, fantasias, inveja foram interpretados, mas permanece o sentimento de que nada foi profundamente tocado e a analisanda não aceita verdadeiramente suas interpretações.

Da história da colega, Miller (2002) fala da impressão geral de que essa paciente não pode experimentar o prazer, não pode transformar o que é dado pela analista, ou mesmo pelos homens de sua vida, em alimento comestível que a permita desenvolver-se. Também a impressão de que, a cada vez que a analista tenta lhe dar uma interpretação, a analisanda sente que a analista lhe retira alguma coisa. Miller comunica suas impressões à colega psicanalista. E ocorre-lhe perguntar como a problemática bissexual da paciente apareceu no processo analítico. A colega respondeu rápido e mecanicamente: *sim, certamente as fantasias*, mas parece absorvida por outra coisa.

Após um silêncio ela diz que, quando Miller levantou a questão, imediatamente pensou numa sequência que havia esquecido e que a palavra bissexualidade trouxe à tona. A paciente devia pagar as sessões do mês e sob diversos pretextos isto não acontecia. Durante uma sessão ela pensou finalmente em vir com um cheque e deixar na caixa de correio. Em seguida disse à analista: não, é impossível, eu não posso colocar um cheque na caixa de correio. Como a análise se passava em inglês, a frase da paciente foi: *No, it's impossible, I cannot put a check in the mail box*.

Contudo, acrescenta a colega psicanalista, ela escutou mal no *mail box* e imediatamente voltou-se à analisanda para conferir: *a male box?*, assinalando *male* com uma entonação. A analista observa ao colega que não havia feito as ligações com a identificação projetiva e com sua contratransferência, e a dupla não fez nada que podia ser feito com esse material na sessão analítica.

Diante da riqueza do material para elaborar aspectos do processo analítico, Miller (2002) sugere um ponto de partida que define como “a obrigação de compreensão, como manifestação de resistência a deixar *e* (♂) e *d* (♀) copularem juntos numa relação fértil e fecundamente que produz o cruzamento psíquico” (p. 13). Seguindo a análise de Miller, isolemos a frase da paciente, a qual reflete transferência e contratransferência: *I cannot put a*

*check in the mail box*. Dos três elementos da frase que Miller analisa isoladamente (*I cannot put... in, check e mail box*), priorizamos o primeiro e o terceiro em nosso estudo.

Lembrando que ♂ (*e*) exerce masculinidade e corresponde a penetrabilidade, capacidade de ser potente, e ♀ (*d*) exerce feminilidade e corresponde a receptividade, capacidade de intuir e cuidar (Sandler, 1999), e considerando que o interjogo entre as funções masculinas e femininas ocorre por meio de identificações projetivas, tomemos a análise que Miller (2002) faz do primeiro elemento. *I cannot put... in* (eu não posso colocar... dentro) indica que o movimento de identificação projetiva normal *ed* está entravado. Supõe que aspectos da paciente inibem essa trajetória e, na analista, no contato com a paciente, *ed* não podem funcionar de acordo com o modelo comensal proposto por Bion (no qual *e* projeta-se dentro de *d*, com benefício mútuo e sem danos para nenhum). A neutralidade (da analista) não é suficiente para favorecer a receptividade; e a penetrabilidade de *e* está reduzida e compromete a potencialidade receptiva de *d* (p. 13).

Sobre o elemento *mail box*, Miller (2002) propõe: o continente (*d* = caixa) no qual a paciente pode colocar um conteúdo (*e*) é a *male box*, uma caixa masculina. “Pode *male box* representar uma fantasia bissexual, ou uma cena primitiva onde as posições psíquicas podem se intercambiar? Eu não penso nisso” (p. 13). Miller interpreta-o como um continente que não pode nada receber, porque está dotado de um *e* que barra o acesso (paciente). Ele sugere uma fantasia de uma mãe com pênis, com dois desejos contraditórios da fantasia da paciente: “o desejo de uma mãe portadora de um pênis viria contrariar o desejo de depositar um conteúdo nela, mãe” (p. 13).

Segundo Miller (2002), essas representações sexuais seriam o reflexo de movimentos psíquicos primários, em que o aparelho *ed* materno não poderia sustentar ser penetrado pela atividade pulsional da criança. Em Winnicott, esse é o modelo da invasão.

Na vertente contratransferencial de *mail box*, Miller (2002) ressalta que a colega analista entendeu que dentro de mail box há um masculino (*male*) e diz isto imediatamente à paciente; e num segundo momento ela compreende que a paciente não podia fazer nada porque ela não fez para a paciente essas ligações. Aqui vemos um ponto cego da analista e um exemplo em que o par analítico não constitui um par criativo básico; os aspectos bissexuais não podem ser perlaborados.

Segundo Miller (2002), a analista compreendeu *male*, mas esse conteúdo de significação irrompeu no seu psiquismo sem que pudesse associar a qualquer coisa, pois a perlaboração pré-consciente *ed* não funcionou para a analista. Para Miller, o psiquismo da analista não pôde conter o objeto excitante *male* e o evacuou imediatamente, sob a forma de *eu compreendi, veja o que significa*. Confirmou assim à paciente que ela não pode colocar *e* dentro de *d*, porque *é e*, o que pode ser chamado de represália, no termo winnicottiano. Portanto, *e* e *d* não podem copular, equivalente a um par analítico que não pode lidar com os aspectos bissexuais inconscientes de cada qual, no nível de uma relação adulta e fecunda.

O modelo continente-conteúdo oferecido por Bion (1962/1991, 1970/2006), aplicado à bissexualidade enquanto fato psíquico, serve para pensarmos no destino dos movimentos psíquicos (conteúdo) do paciente para dentro do analista e na receptividade e capacidade de modelagem do analista (continente); e, inversamente, na possibilidade de o paciente poder introjetar e aproveitar (continente) uma interpretação (conteúdo). Nessa dinâmica, a função analítica pode favorecer a formação de um casal criativo (Sandler, 1999) e o trabalho elaborativo da bissexualidade psíquica, objeto de nosso estudo.

## Considerações finais

O ponto de partida de nosso estudo foi a primeira menção pontual de Freud (1896/1986) à noção de bissexualidade em carta a Fliess – “a bissexualidade de todos os seres humanos” (p. 213). Depois de um longo percurso, levou-nos à encruzilhada freudiana, que demarcou o território entre a disposição bissexual originária e as formulações ao final de sua vida que sugeriram um feminino originário. A dificuldade de Freud (1930/2010d) diante da psicosexualidade feminina e a impossibilidade de articular a teoria da bissexualidade com a das pulsões, declarada em *O mal-estar na civilização*, parece tê-lo mantido nessa encruzilhada.

Mas não apenas Freud, como bem declarou Haber (1997), a respeito de algumas opacidades e incertezas com que a bissexualidade psíquica é descrita ainda hoje pelos psicanalistas contemporâneos. Longe de pretendermos uma resposta para o grande enigma dos sexos, nosso estudo possibilitou-nos aproximarmos, o mais perto que nos foi possível, de conceitualizações que nos permitem deslocar a noção de uma disposição bissexual constitucional e originária para uma bissexualidade inscrita no psiquismo pela mediação da bissexualidade dos objetos parentais.

A insuficiência de nossa pesquisa não nos impediu de reconhecer, em Freud, o resultado de nossos estudos, depois de passar por uma gama de autores contemporâneos que reforçaram nossa ideia de que somos todos bissexuais, não por um destino marcado pela biologia, encerrando aí uma questão constitutiva, mas pela marca irrefutável do outro primordial em nosso psiquismo originário. Este será o vestígio de uma bissexualidade psíquica constantemente ativa, que se redefine ao longo de nosso processo de subjetivação,

desde a inscrição de uma cena primitiva inaugural, abrindo caminho para a organização da bissexualidade em seus vários níveis do desenvolvimento psicosssexual.

Nossa pergunta central é assim respondida: nossa bissexualidade psíquica é produto do encontro de dois que formam um terceiro, e se apresenta desde as origens da vida psíquica. Seguindo a proposição de Green (1973/1988b), de que a bissexualidade se organiza pela constituição da fantasia do outro sexo, no triângulo edípico, reforçamos que não se trata de um Édipo primitivo com a presença do pai, mas com um pai-objeto-ausente na mãe e na criança, desde a origem. Em outras palavras, entre a mãe e a criança.

A atividade da bissexualidade na construção do espaço psíquico e no processo de internalização dos objetos primordiais, desde as primeiras identificações articuladas com as fantasias da criança, resulta em que pai e mãe (em suas funções) ganhem espaço para coexistirem no inconsciente do sujeito. Daí pensarmos em uma bissexualidade integrada no psiquismo, o que nos levou a um caminho de investigação de suas origens para seus destinos.

A coexistência de mãe e pai, como objetos internos, assinala a dinâmica das fantasias que apreende e assegura os pares de opostos na constituição psíquica: atividade-passividade, masculino-feminino, sadismo-masochismo, amor-ódio atribuídos ao pai ou à mãe: repetindo Chabert (2016), eles são as figuras e os objetos de amor originários, cuja marca permanecerá nas representações do masculino e do feminino, ligados pela diferença dos sexos.

Recapitulando, todas as hipóteses abordadas neste trabalho, em nosso esforço de uma articulação entre elas, permitem-nos insistir em nossa ideia, de que as disposições bissexuais, ou seja, a disposição feminina e a disposição masculina, inscrevem-se no psiquismo originário, cada qual a seu tempo, pela ação imprescindível do outro para a instauração da psicosssexualidade. A função da mãe primordial tem aí sua importância fundamental. Em seu amor e investimento da criança, o estado mental aberto da mãe, de receptividade, proporciona

um sentido e modula a atividade psíquica incipiente do bebê, no interjogo entre as pulsões do sujeito e as advindas do objeto.

Com as teorizações de Bion e Green, temos a referência do pai como terceiro ausente desde a origem, no espaço psíquico entre a mãe e a criança, sendo então o sujeito, o objeto e o outro do objeto que se envolverão na cena primitiva originária. Esta se coloca como fundamental em nossos estudos, na medida em que a triangulação inscrita com a figura do outro ausente estabelece a matriz do psiquismo.

As reflexões produzidas neste caminho teórico confirmam a dificuldade de se estabelecer uma correlação entre uma bissexualidade psíquica constitucional, postulada por Freud, e a questão da feminilidade e do feminino originário, ideia da qual ele se aproximou à medida que avançava em sua obra e chegava à rocha do repúdio ao feminino, como a questão de fundo.

A discussão levantada por Freud (1937/1987a) de uma recusa do feminino no fundo do campo psíquico, o leito de rocha que se interpõe entre o inconsciente recalçado e o inconsciente não recalçado, conforme a hipótese de Paim (2014), permite-nos pensar num feminino primitivo, primeira representação da passividade da criança diante dos ataques pulsionais produzidos na relação com o outro. Uma mãe que investe libidinalmente seu bebê e comporta, ao mesmo tempo, um terceiro separador, mas também objeto de amor nas identificações iniciais e no interjogo que elas manterão e que irão estruturar o psiquismo.

Este percurso instrumentalizou-nos para descentrar a discussão de uma disposição bissexual originária para uma disposição feminina originária, de passividade e desamparo dos quais nenhum de nós escapa. Como diz André (1996), sejam quais forem os transbordamentos de atividade, todo o mundo é passivo diante do gozo, do arrebatamento pulsional, nem que seja por um instante” (p. 108).

A noção de uma disposição feminina originária esclarece-nos que haverá sempre uma recusa do feminino na constituição psíquica e, portanto, a negação da diferença de sexos, instaurada com a castração. O trabalho do psiquismo na elaboração da bissexualidade é o trabalho de aceitação da diferença dos sexos, de manter os dois, o objeto e o outro do objeto, em suas funções materna e paterna. É este o destino da integração da bissexualidade no psiquismo, a aceitação da alteridade. Se o fim de uma análise é deparar-se com a recusa do feminino, entendemos que a integração da bissexualidade psíquica passa pelo trabalho do feminino, em homens e mulheres.

Portanto, as hipóteses utilizadas aqui autorizam-nos a trabalhar não com uma bissexualidade constitucional, mas uma bissexualidade que se inscreve desde o início como produto das relações do ser com o outro, no conflito da cena primitiva, a partir da qual o ser seguirá seus destinos pulsionais na dinâmica dos desejos e das identificações contraditórias. Um e outro objeto sexual alimentarão essa dinâmica das fantasias e identificações. Pai e mãe como representações comuns do masculino e feminino são as grandes referências para uma bissexualidade que permanece sempre ativa e indispensável para a apropriação subjetiva e a identidade do sujeito.

Essas duas grandes referências, o masculino e o feminino, marcam o sujeito pelos seus entrelaçamentos, pela relação harmoniosa ou pelas resistências à sustentação da cena primária e à aceitação da castração; elas possibilitarão a integração gradual da bissexualidade e podem ainda manter-se aprisionadas a estados precoces da psicosexualidade.

É nesse aspecto, sobretudo, que o trabalho da bissexualidade no processo analítico mostra sua importância. Considerando que a bissexualidade psíquica do analista constitui um instrumento insubstituível de construção de sentido numa análise, o espaço analítico permite que disposições bissexuais e movimentos identificatórios possam ser vivenciados na sessão

analítica e rebissexualizados (David, 1992) na relação de transferência e contratransferência. Na formulação de Sandler (1999), o espaço analítico, como ambiente receptivo, pode ser considerado análogo ao ambiente feminino-receptivo, e “o ato de cuidar e conter poderia ser visto no sentido de permitir penetração pródiga e fertilizante, continente/contido” (p. 464).

A hipótese de Sandler (1999) considera o par psicanalítico como contraparte psíquica do par criativo básico, sendo a dupla parental internalizada como fonte dos protótipos de amor, vida, ligação e ódio, morte, ataques ao vínculo. Ele defende que o(a) analista capacitado(a) pela sua análise pessoal “tolera o paradoxo” (p. 459) de sua própria bissexualidade. Segundo o autor, esta pode ser expressão de feminilidade, por meio das capacidades de intuir e de cuidar (atenção flutuante e *rêverie*), como também expressão de masculinidade, por meio das capacidades de ser potente e de ser pródigo (associações livres e interpretação/construção).

Por fim, o exercício da bissexualidade pelo par analítico, na dinâmica de suas funções masculinas e femininas (de ambos), propicia crescimento ou pode denotar falhas no processo. O trabalho da bissexualidade psíquica coloca-se no centro do processo analítico, o que faz dessa imensa construção freudiana, parafraseando Chabert (2016), um fenômeno vivo e indispensável ao olhar do analista.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.

*As lições de R. Q.*

Manoel de Barros

## Referências

- Almeida, C. T. (2015). Identité de genre dans la paire analytique et implications transférentielles et contre-transférentielles. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1718-1725. Disponível em <http://dx.doi.org/10.3917/rfp.795.1718>
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- André, J. (2015). L'anatomie imaginaire, c'est le destin. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(5), 1713-1717. Disponível em <http://dx.doi.org/10.3917/rfp.795.1713>
- André, J. (2016). Le petit Louis et le petit Hans. *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 30-34. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-30.htm>
- Ayouch, T. C. (2015). *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*. Curitiba: CRV.
- Beetschen, A. (2016). Um tourment de la bisexualité : la jalousie. *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 25-29. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-25.htm>
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. (P. D. Corrêa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1962)
- Bion, W. R. (1992a). *Conversando com Bion*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1992b). *Seminarios clínicos y cuatro textos*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1967)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1963)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1970)

- Bokanowski, T. (1997). La bisexualité en travail dans la cure (A propos du « féminin » chez l'homme) ». In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), *Bisexualité. Monographies de psychanalyse* (pp. 111-130). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0111
- Candi, T. S. (2010). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Chabert, C. (2015, novembro). *Père ou Mère ? Entre bisexualité psychique et différence des sexes*. Simpósio conduzido no encontro de Le Carnet PSY e PCPP, Paris.
- Chabert, C. (2016). Dis-moi qui tu préfères ? *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 20-24. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-20.htm>
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *A sexualidade feminina: uma abordagem psicanalítica contemporânea*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chuster, A. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. (Arnaldo Chuster, Gustavo Soares e Renato Trachtenberg). Porto Alegre: Sulina.
- Corvo, R. E. L (2008). *Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- David, C. (1992). *La bisexualité psychique*. Paris : Éditions Payot.
- David, C. (1997). Bisexualité psychique et bisexualité de comportement. In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), *Bisexualité. Monographies de psychanalyse* (pp. 147-154). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0147
- Delouya, D. (2003). A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. *Ágora*, 6(2), 205-214. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982003000200002>
- Doolittle, H. (2012). *Por amor a Freud: memórias de minha análise com Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. J. M. Masson (Ed.), (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Textos originais de 1887 a 1904)

- Freud, S. (1987a). Análise terminável e interminável. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937)
- Freud, S. (1987b). Esboço de psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1940[1938])
- Freud, S. (1987c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 233-244). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911)
- Freud, S. (1987d). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1987e). O interesse científico da psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 115-132). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (1987f). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)
- Freud, S. (1987g). ‘Uma criança é espancada’ – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919)

- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 117-144). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (2010a). A dinâmica da transferência. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (Vol. 10, pp. 133-146). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912)
- Freud, S. (2010b). A feminilidade. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (Vol. 18, pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933)
- Freud, S. (2010c). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1918)
- Freud, S. (2010d). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2010e). Sobre a sexualidade feminina. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (Vol. 18, pp. 371-398). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1931)
- Freud, S. (2011a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia”*

- e outros textos (1923-1925)* (pp. 284-299). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925)
- Freud, S. (2011b). Autobiografia. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925)
- Freud, S. (2011c). O Eu e o Id. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (2011d). Introdução ao narcisismo. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2011e). A organização genital infantil. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 169-175). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)* (pp. 13-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909)
- Freud, S. (2015). As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In P. C. Souza (Ed. e Trad.), *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos de Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* (pp. 339-349). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908)
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Glocher Fiorini, L. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 47-57.
- Glocher Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Golse, B. (2016). L'écart ou l'entre au regard de la différence des sexes. *Le Carnet PSY* 2016/3, 197, 36-42. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-3-page-36.htm>
- Green, A. (1988a). O espaço potencial na psicanálise. O objeto no contexto. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1978)
- Green, A. (1988b). O gênero neutro. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta. (Obra original publicada em 1973)
- Green, A. (1988c). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta. (Obra original publicada em 1980)
- Green, A. (1988d). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1997). A intuição do negativo em *O brincar e a realidade*. *Int. J. Psycho-Anal*, 78, 1071-1084. *Livro Anual de Psicanálise*, 13, 239-251.
- Green, A. (2000). A mente primordial e o trabalho do negativo. *Livro Anual de Psicanálise*, 14, 133-148.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. (P. C. Sandler, Org.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP Depto. de Publicações.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1993)
- Guignard, F. (1997). *O infantil ao vivo: reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago.

- Guignard, F. (2009). Entrevista com Florence Guignard: Processos identificatórios do masculino e do feminino. *Jornal de Psicanálise*, 42(77), 23-29.
- Guillaume, J.-C. (2005). Continente-contido. In A. Mijolla (Ed.), *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.
- Haber, M. (1997). Identité, bisexualité psychique et narcissisme. In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), *Bisexualité. Monographies de psychanalyse* (pp. 49-68). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0049
- Haudenschild, T. R. L. (2015). O primeiro olhar. In M. T. B. França, & T. R. L. Haudenschild (Eds.). *Constituição da vida psíquica* (pp. 145-155). São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise.
- Haudenschild, T. R. L. (2016). *Psicossexualidades: feminilidade, masculinidade e gênero*. São Paulo: Escuta.
- Holovko, C. S. (2008). O feminino. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 13-14.
- Jorge, M. A. C. (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1946)
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (B. Milan, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964)

- Lacan J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958)
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lins, M. I. (1999). Término da análise em Freud e em Winnicott. *Natureza humana*, 1(1), 75-89. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24301999000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, 7(2), 311-358.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (2006). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago.
- Miller, P. (2002). Formes élémentaires de la bisexualité psychique. *Topique* 2002/1, 78, 7-19. doi: 10.3917/top.078.0007.
- Missonnier, S. (2016). Père et mère. Le refus de choisir. *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 46-49. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-46.htm>
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paim Filho, I. A. (2014). *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento.
- Paim Filho, I. A., & Fiorentino, N. (2007). Atena: um diálogo com os destinos da bissexualidade na histeria. *Diaphora - Revista da SPRGS*, 6(1), 82-91.

- Quinodoz, J.-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roussillon, R. (2004). La dépendance primitive et l'homosexualité primaire « en double ». *Revue française de psychanalyse* 2004/2, 68, 421-439. doi: 10.3917/rfp.682.0421
- Roussillon, R. (2005). Dinâmico (ponto de vista-). In A. Mijolla (Ed.), *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.
- Roussillon, R. (2011). A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), 159-166.
- Safra, G. (2001). Investigação em psicanálise na Universidade. *Psicologia USP*, 12(2), 171-175.
- Sandler, P. C. (1999). Uma teoria sobre o exercício de feminilidade-masculinidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(3), 459-484.
- Santos, N. T. G., & Zornig, S. A.-J. (2014). Primeiros tempos da maternidade: indiferenciação ou intersubjetividade na relação primitiva com o bebê? *Estilos clínicos*, 19(1), 78-90. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i1p78-90>
- Santos, N. T. G., & Zornig, S. A.-J. (2015). O objeto que se deixa apagar: a função do negativo na constituição psíquica. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 29-44.
- Schaeffer, J. (2002). Bisexualité et différence des sexes dans la cure. *Topique* 2002/1, 78, 21-32. doi: 10.3917/top.078.0021.A

- Schaeffer, J. (2009). Do masculino e do feminino como co-construção de casal. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 107-119.
- Schneider, M. (2005). Feminilidade. In A. Mijolla (Ed.), *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Urribarri, F. (2012a). André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *Jornal de psicanálise*, 45(82), 143-159.
- Urribarri, F. (2012b). O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(3), 47-64.
- Vieira, L. F. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 9 (2), 487-525.
- Winnicott, D. W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1951)
- Winnicott, D. W. (1975b). Os elementos masculino e feminino expelidos (split-off) encontrados em homens e mulheres. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1971)
- Winnicott, D. W. (1975c) O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1967)
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1958)